

# O REVISIONISMO EM LÍNGUA PORTUGUÊS

## 5

Verão 2006

**GUERRA = MENTIRA**  
**TRIMESTRAL DE CRÍTICA HISTÓRICA**

**Não acredite. Pense**

<reviluso -at - yahoo.com.br>

<http://revurevi.net>

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh/port/port.html>

—oooOOO\$\$\$OOOooo—

O momento é muito bom para um revisionismo histórico.

<http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=262543>

### SUMÁRIO

"Somos determinados"

**Entrevista Concedida ao *Der Spiegel* --- o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad**

**Sempre um Combatente, Sempre um Terrorista** Amira Hass

**Um desastre absoluto!** por Caroline Glick

**O estupro de Dulcinéia** Israel Shamir

**As origens do "revisionismo histórico"** por Victor Grinbaum

**AUSCHWITZ: O GRANDE ÁLIBI**

**Congresso americano é território ocupado do lobby israelense** por Charley Reese

**"Nós somos nacionalistas, a nova face da América Latina"** Por Jonas

**Quanto Custa Israel?** Richard Curtiss

**Os Mentirosos Números Sobre Auschwitz**

**"A usura é o câncer da humanidade"** Ezra Pound

**Com Usura** Ezra Pound

**O nascimento da usura** Ezra Pound

**O Síndrome de Dresden** Robert Faurisson

**Quem Foram Os Verdadeiros Ladrões de Dentes de Ouro?** S. E. Castan

**Sabias?** S. E. Castan

**Jornal *A Notícia* de Santa Catarina Abre Espaço Para Nazistas** Victor Grinbaum

**Números de Auschwitz e outros números** Altair Reinehr

**Anne Frank Em Nova Versão...**

**O *Diário* de Anne Frank**

**Elie Wiesel**

Washington, DC - Abril, 1993

**Carta Aberta ao Consul da Alemanha**

**A Lista de Schindler & Goldberg**

**Abade Pierre Defende Revisionismo**

**6 Milhões de Cruzeiros Reais Não Atraem "Sobreviventes"**

**Ninguém se habilitou ao nada desprezível Prêmio... Veja Porquê!**

**Saiba Quem é Simon Wiesenthal**

**Banqueiros Judeus Financiaram Hitler?** S. E. Castan

Finkelstein e a Indústria do Holocausto Robert Faurisson

**Entrevista telefônica com Norman Finkelstein**

**Elie Wiesel Prêmio Nobel da Paz, Mentiroso Serial ou Repetidor de Mentiras?**

**Jean-Claude Pressac: In Memoriam** Robert H. Countess

**Hugo Chávez e o revisionismo** Marcelo Silveira

"O Holocausto é um mito"

**Desde quando sabemos do Holocausto?**

**Um capítulo de sua reflexão sobre os direitos humanos: o texto "Quinze anos depois" e seus desdobramentos (Bobbio)** Celso Lafer

MARCOS MILIÁRIOS

## "Somos determinados"

### Entrevista Concedida ao *Der Spiegel*

### o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad

Stefan Aust, Gerhard Spörl e Dieter Bednarz  
em Teerã

*Em uma entrevista a "Der Spiegel", o presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad discute o Holocausto, o futuro do Estado de Israel, os erros cometidos pelos Estados Unidos no Iraque e o desentendimento entre Teerã e o Ocidente com relação à questão da energia nuclear.*

**Der Spiegel:** Senhor presidente, o senhor é um fã do futebol e gosta de jogar bola. O senhor estará sentado no estádio em Nuremberg, em 11 de junho, quando a seleção nacional iraniana enfrentar o México na Alemanha?

**Ahmadinejad:** Depende. Naturalmente assistirei ao jogo de qualquer maneira. Ainda não sei se o farei em casa, em frente ao aparelho de televisão, ou em algum outro lugar. A minha decisão depende de várias coisas.

**Der Spiegel:** Por exemplo?

**Ahmadinejad:** Do tempo que eu tiver disponível, de como estará a situação referente a várias relações, de eu estar com vontade de ir ao estádio e de diversos outros fatores.

**Der Spiegel:** Houve grande indignação na Alemanha quando foi divulgado que o senhor poderia comparecer à Copa do Mundo de futebol. Isso o surpreende?

**Ahmadinejad:** Não, isso não é importante. Eu sequer entendo como tal fato aconteceu. Foi algo que não teve nenhum significado para mim. Não sei o porque de toda a agitação com relação a isso.

**Der Spiegel:** *Tem a ver com as suas declarações a respeito do Holocausto. Era inevitável que a negação por parte do presidente iraniano do assassinato sistemático de judeus pelos alemães gerasse indignação.*

**Ahmadinejad:** Não compreendo exatamente a conexão entre uma coisa e outra.

**Der Spiegel:** *Primeiro o senhor dá as suas declarações sobre o Holocausto. Depois surgem as notícias de que poderá viajar à Alemanha - isso causa um ruído. Assim, no final das contas o senhor ficou surpreso?*

**Ahmadinejad:** Não, nem um pouco, porque a rede do sionismo é muito ativa em todo o mundo, e na Europa também. Assim, não fiquei surpreso. Estávamos nos dirigindo ao povo alemão. Não temos nada a ver com os sionistas.

**Der Spiegel:** *A negação do Holocausto é algo passível de punição na Alemanha. O senhor fica indiferente quando se confronta com tamanha indignação?*

**Ahmadinejad:** Sei que *Der Spiegel* é uma revista respeitada. Mas não sei se vocês têm permissão para publicar a verdade sobre o Holocausto. Vocês podem escrever qualquer coisa sobre isso?

**Der Spiegel:** *É claro que podemos escrever sobre as descobertas feitas no decorrer das pesquisas históricas dos últimos 60 anos. Segundo o nosso ponto de vista não há dúvida de que os alemães - infelizmente - são culpados pelo assassinato de seis milhões de judeus.*

**Ahmadinejad:** Bem, sendo assim nós provocamos uma discussão bastante concreta. Estamos apresentando duas perguntas bem claras. A primeira é: o holocausto realmente ocorreu? Você responde a esta pergunta na afirmativa. Assim, a segunda questão é: de quem foi a culpa por isso? A resposta para isso precisa ser encontrada na Europa, e não na Palestina. É perfeitamente claro. Se o Holocausto ocorreu na Europa, então é preciso que se encontre a pergunta também na Europa. Por outro lado, se não houve Holocausto, por que então esse regime de ocupação...

**Der Spiegel:** *...O senhor quer dizer o Estado de Israel...*

**Ahmadinejad:** ...aconteceu? Por que os países europeus se comprometem a defender esse regime? Permita-me levantar uma questão a mais. Segundo a nossa opinião, se uma ocorrência histórica se coaduna com a verdade, tal verdade será revelada com a maior clareza se houver mais pesquisa e discussão a seu respeito.

**Der Spiegel:** *Isso acontece há muito tempo na Alemanha.*

**Ahmadinejad:** Não queremos confirmar ou negar o Holocausto. Nós opomos a todos os tipos de crime contra qualquer povo. Mas queremos saber se esse crime ocorreu de fato. Se ocorreu, então aqueles que são responsáveis por ele têm que ser punidos, e não os palestinos. Por que não é permitida a pesquisa sobre um fato ocorrido 60 anos atrás? Afinal, outras ocorrências históricas, algumas das quais se passaram vários milhares de anos atrás, estão abertas à pesquisa, e até os governos apóiam tal iniciativa.

**Der Spiegel:** **Senhor presidente, com todo o respeito, o Holocausto ocorreu, houve campos de concentração, existem dossiês sobre o extermínio de judeus, foram feitas várias pesquisas, e não existe a menor dúvida nem quanto à existência do Holocausto nem quanto ao fato - e nós lamentamos isto enormemente - de que os alemães foram os responsáveis pelo ocorrido. Se pudermos agora acrescentar mais um ponto: o destino dos palestinos é uma questão inteiramente diferente, e isso nos remete ao presente.**

**Ahmadinejad:** Não, não, as raízes do conflito palestino precisam ser buscadas na história. O Holocausto e a Palestina estão diretamente conectados um ao outro. E se o Holocausto realmente ocorreu, então vocês deveriam permitir que grupos imparciais de todo mundo pesquisassem o assunto. Por que vocês restringem a pesquisa a um certo grupo? É claro que não estou me referindo especificamente a vocês, mas sim aos governos europeus.

**Der Spiegel:** *O senhor ainda está afirmando que o Holocausto é apenas "um mito"?*

**Ahmadinejad:** Eu só aceitarei algo como verdadeiro caso ficar realmente convencido disso.

**Der Spiegel:** *Mesmo que nenhum pesquisador ocidental tenha qualquer dúvida quanto à existência do Holocausto?*

**Ahmadinejad:** Mas existem duas opiniões quanto a isso na Europa. Um grupo de estudiosos, ou de pessoas, a maioria politicamente motivada, diz que o Holocausto ocorreu. Mas existe um outro grupo de pesquisadores que representa a opinião oposta e que, por isso, foi em sua maioria encarcerado.

Sendo assim, um grupo imparcial precisa se reunir para investigar e formular uma opinião sobre esta questão muito importante, já que o esclarecimento deste fato contribuirá para a solução de problemas globais. Sob o pretexto do Holocausto, ocorreu uma polarização muito forte no mundo, e formaram-se frentes antagônicas. Seria, portanto, muito bom se um grupo internacional e imparcial examinasse o assunto a fim de esclarecê-lo de uma vez por todas. Normalmente, os governos promovem e apóiam o trabalho dos pesquisadores sobre fatos históricos e não os colocam na prisão.

**Der Spiegel:** *Quais seriam essas pessoas? A que pesquisadores o senhor se refere?*

**Ahmadinejad:** Vocês devem saber disso melhor do que eu. Vocês possuem a lista. Tem gente da Inglaterra, da Alemanha, da França e da Austrália.

**Der Spiegel:** *O senhor deve estar se referindo, por exemplo, ao inglês David Irving, ao teuto-canadense Ernst Zündel, que está sendo julgado em Mannheim, e ao francês Georges Theil, todos eles indivíduos que negam o Holocausto.*

**Ahmadinejad:** O simples fato de os meus comentários terem causado tamanhos protestos, embora eu não seja europeu, e também o fato de eu ter sido comparado a certas pessoas que fazem parte da história da Alemanha, indica o quanto o clima para as pesquisas está carregado no seu país. Aqui no Irã você não precisa se preocupar com isso.

**Der Spiegel:** *Bem, nós estamos mantendo este debate histórico com o senhor por um motivo bem atual. O senhor está questionando o direito à existência de Israel?*

**Ahmadinejad:** Veja bem, as minhas posições são bem claras. Estamos dizendo que se o Holocausto ocorreu, então a Europa precisa arcar com as conseqüências, e que não são os palestinos que devem pagar o preço por isso. E se o fato não ocorreu, então os judeus precisam voltar ao lugar de onde vieram. Eu acredito que hoje o povo alemão também é prisioneiro do Holocausto. Na Segunda Guerra Mundial morreram 60 milhões de pessoas. A Segunda Guerra Mundial foi um crime gigantesco. Nós condenamos tudo isso. Somos contra o derramamento de sangue, não importando se o crime foi cometido contra um muçulmano, um cristão ou um judeu. Mas a questão é: por que, em meio a essas 60 milhões de vítimas, somente os judeus são o centro das atenções?

**Der Spiegel:** *Mas este não é o caso. Todos os povos lamentam as vítimas da Segunda Guerra Mundial, alemães, russos, poloneses e outros também. Mas, nós, como alemães, não podemos nos esquivar de uma culpa especial. Aquela referente ao assassinato sistemático dos judeus. Mas talvez agora devêssemos passar a um outro assunto.*

**Ahmadinejad:** Não, eu tenho uma pergunta para vocês. Que espécie de papel a juventude de hoje desempenhou na Segunda Guerra Mundial?

**Der Spiegel:** *Nenhum.*

**Ahmadinejad:** Então porque esses jovens deveriam nutrir sentimentos de culpa com relação aos sionistas? Por que as contas dos sionistas deveriam ser pagas com dinheiro dos bolsos dessa juventude? Se pessoas cometeram crimes no passado, então elas teriam que ser julgadas há 60 anos. Fim da história! Por que o povo alemão precisa ser humilhado hoje pelo fato de um grupo de pessoas ter cometido crimes em nome dos alemães no curso da história?

**Der Spiegel:** *O povo alemão de hoje nada pode fazer a esse respeito. Mas existe uma espécie de vergonha coletiva por aqueles atos cometidos em nome dos alemães pelos nossos pais e avós.*

**Ahmadinejad:** Por que tal fardo está colocado sobre o povo alemão? O povo alemão de hoje não tem culpa alguma. Por que não é permitido ao povo alemão o direito de defender a si próprio? Por que os crimes de um grupo são tão enfatizados, em vez de se ressaltar a grandeza da herança cultural alemã? Por que os alemães não devem ter o direito de expressar as suas opiniões livremente?

**Der Spiegel:** *Senhor presidente, estamos bastante conscientes de que a história alemã não é feita apenas dos 12 anos do Terceiro Reich. Não obstante, precisamos aceitar que crimes horríveis foram cometidos em nome dos alemães. Nós também confessamos isso, e um grande feito da história de pós-guerra dos alemães foi o fato de eles terem enfrentado criticamente o seu passado.*

**Ahmadinejad:** Vocês estão preparados também para dizer isso ao povo alemão?

**Der Spiegel:** *Ah, sim, nós fazemos isso.*

**Ahmadinejad:** Então vocês também permitiriam que um grupo imparcial perguntasse ao povo alemão se ele compartilha a sua opinião? Nenhum povo aceita a sua própria humilhação.

**Der Spiegel:** *Todas as perguntas são permitidas no nosso país. Mas é claro que existem radicais de extrema-direita na Alemanha que são não apenas anti-semitas, mas também xenófobos, e nós de fato os consideramos uma ameaça.*

**Ahmadinejad:** Deixe-me perguntar-lhe uma coisa: por quanto tempo mais isto pode continuar? Por mais quanto tempo você acha que o povo alemão terá que aceitar ser refém dos sionistas? Quando é que isto terminará - daqui a 20, 50, mil anos?

**Der Spiegel:** *Só podemos falar por nós. "Der Spiegel" não é refém de ninguém; "Der Spiegel" não lida apenas com o passado da Alemanha e com os crimes alemães. Não somos aliados acrílicos de Israel no conflito palestino. Mas queremos deixar algo bem claro: somos críticos, somos independentes, mas não ficaremos apenas à margem sem protestar quando o direito à existência do Estado de Israel, onde vivem tantos sobreviventes do Holocausto, está sendo questionado.*

**Ahmadinejad:** Essa é precisamente a questão. Por que vocês deveriam sentir que devem obrigações aos sionistas? Se realmente houve um Holocausto, Israel deveria ficar na Europa, e não na Palestina.

**Der Spiegel:** *O senhor deseja transferir todo um povo 60 anos após o término da guerra?*

**Ahmadinejad:** Cinco milhões de palestinos não têm uma casa há 60 anos. Isto é realmente surpreendente. Vocês vêm pagando indenizações referentes ao Holocausto há 60 anos, e terão que continuar pagando por mais cem anos. Por que então o problema dos palestinos não é uma questão válida?

**Der Spiegel:** *Os europeus apóiam os palestinos de diversas maneiras. Afinal, nós também temos uma responsabilidade histórica em ajudar a trazer finalmente paz para essa região. Mas o senhor não compartilha tal responsabilidade?*

**Ahmadinejad:** Sim, mas a agressão, a ocupação e uma repetição do Holocausto não trarão a paz. O que desejamos é uma paz sustentável. Isso significa que temos que ir até à raiz do problema. Fico feliz em observar que vocês são pessoas honestas, e que admitem que são obrigados a apoiar os sionistas.

**Der Spiegel:** *Os europeus apóiam os palestinos de diversas maneiras. Afinal, nós também temos uma responsabilidade histórica em ajudar a trazer finalmente paz para essa região. Mas o senhor não compartilha tal responsabilidade?*

**Ahmadinejad:** Sim, mas a agressão, a ocupação e uma repetição do Holocausto não trarão a paz. O que desejamos é uma paz sustentável. Isso significa que temos que ir até à raiz do problema. Fico feliz em observar que vocês são pessoas honestas, e que admitem que são obrigados a apoiar os sionistas.

**Der Spiegel:** *Senhor presidente, nós estamos falando sobre o Holocausto porque queremos discutir o possível armamento nuclear do Irã - o motivo pelo qual o Ocidente enxerga o senhor como uma ameaça.*

**Ahmadinejad:** Certas pessoas no Ocidente gostam de chamar coisas ou pessoas de ameaças. É claro que vocês têm a liberdade para fazer seu próprio julgamento.

**Der Spiegel:** *A questão fundamental é: o senhor quer armas nucleares para o seu país?*

**Ahmadinejad:** Permitam que eu encoraje uma discussão sobre a seguinte questão: por quanto tempo vocês acham que o mundo pode ser governado pela retórica de um punhado de potências ocidentais? Quando quer que tenham algo contra alguém, elas começam a disseminar propagandas e mentiras, difamação e chantagem. Por quanto tempo isso pode persistir?

**Der Spiegel:** *Estamos aqui para descobrir a verdade. O chefe de Estado de um país vizinho, por exemplo, declarou a "Der Spiegel": "Eles estão bastante ansiosos para fabricarem a bomba". Isso é verdade?*

**Ahmadinejad:** Veja, nós conduzimos as nossas discussões com vocês e com os governos europeus em um nível mais elevado e inteiramente diferente. Segundo a nossa ótica, o sistema legal por meio do qual um punhado de países impõe a sua vontade sobre o restante do mundo é discriminatório e instável. No mundo, 139 países, incluindo o nosso, são membros da Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA, na sigla em inglês), em Viena. Tanto os estatutos da IAEA quanto o Tratado de Não Proliferação Nuclear, assim como todos os acordos de segurança, conferem aos países membros o direito de produzir combustível nuclear para fins pacíficos. Esse é o direito legal legítimo de qualquer povo. Além disso, no entanto, a IAEA foi também criada para promover o desarmamento daquelas potências que já possuíam armas nucleares. Mas veja o que está acontecendo hoje: o Irã manteve uma excelente cooperação com a IAEA. Tivemos mais de 2.000 inspeções nas nossas instalações, e os inspetores obtiveram de nós mais de mil páginas de documentação. As suas câmeras estão instaladas

em nossas centrais nucleares. A IAEA enfatizou em todos os seus relatórios que não existem quaisquer indicações de irregularidades no Irã. Este é um lado da questão.

**Der Spiegel:** *A IAEA não compartilha a sua visão sobre este assunto.*

**Ahmadinejad:** Mas o outro lado da questão é que existem países que possuem tanto energia quanto armas nucleares. Eles usam armamentos atômicos para ameaçar outros povos. E são essas potências que afirmam estar preocupadas com a possibilidade de o Irã se desviar do caminho pacífico no uso da energia atômica. Nós respondemos que essas potências estão livres para nos monitorar caso estejam preocupadas. Mas o que elas dizem é que os iranianos não podem completar o ciclo do combustível nuclear porque, em tal caso, seria possível um desvio do uso pacífico. O que nós retrucamos é que esses próprios países há muito tempo se desviaram do uso pacífico do átomo. Essas potências não têm o direito de falar conosco dessa forma. Tal ordem é injusta e não sustentável.

**Der Spiegel:** *Mas, senhor presidente, a questão principal é: este mundo não se tornará perigoso se mais países se transformarem em potências nucleares - se um país como o Irã, cujo presidente faz ameaças, fabricar a bomba em uma região repleta de crises?*

**Ahmadinejad:** Somos fundamentalmente contrários à expansão dos arsenais de armas nucleares. É por isso que propusemos a formação de uma organização não tendenciosa e o desarmamento das potências nucleares. Não precisamos de arma alguma. Somos um povo civilizado e culto, e a nossa história demonstra que jamais atacamos um outro país.

**Der Spiegel:** *O Irã não precisa da bomba que deseja fabricar?*

**Ahmadinejad:** É interessante notar que as nações européias desejavam permitir que a ditadura do xá usasse a energia nuclear. Aquele era um regime muito perigoso. Mas tais nações estavam dispostas a fornecer-lhe tecnologia nuclear. Porém, desde que a República Islâmica passou a existir, essas potências vêm se opondo a tal uso. Enfatizo mais uma vez: nós não precisamos de nenhuma arma nuclear. Cumprimos o que declaramos porque somos honestos e agimos legalmente. Não somos fraudadores. Só queremos fazer valer o nosso direito legítimo. Aliás, eu nunca ameacei ninguém - isso, também, é parte da máquina de propaganda que vocês colocaram em funcionamento contra mim.

**Der Spiegel:** *Se este é o caso, o senhor não deveria estar se esforçando para garantir que ninguém precisasse temer que o seu país produzisse armas nucleares que poderiam ser usadas contra Israel, desencadeando, assim, possivelmente, uma guerra mundial? O senhor está sentado sobre uma caixa de explosivos, senhor presidente.*

**Ahmadinejad:** Me permita dizer duas coisas. Ninguém na região está com medo de nós. E ninguém deveria instilar medo nestas pessoas. Acreditamos que se os Estados Unidos e esses dois ou três países europeus não interferirem, os povos desta região viverão juntos e em paz como o fazem há milhares de anos. Em 1980, foram as nações da Europa e os Estados Unidos que encorajaram Saddam Hussein a nos atacar. A nossa posição a respeito da Palestina é clara. Nós dizemos: permitam que aqueles que são os donos do país expressem a sua opinião. Deixem os judeus, os cristãos e os muçulmanos dizer o que pensam. Os oponentes desta proposta preferem a guerra e ameaçam a região. Por que os Estados Unidos e essas duas ou três nações européias se opõem a isso? Eu acredito que aqueles que aprisionam os pesquisadores do Holocausto preferem a guerra à paz. A nossa posição é democrática e pacífica.

**Der Spiegel:** *Os palestinos há muito tempo deram um passo além do senhor e reconhecem Israel como um fato, enquanto o senhor ainda deseja varrer aquele país do mapa. Os palestinos estão prontos a aceitar uma solução de dois Estados, enquanto o senhor nega o direito de Israel à existência.*

**Ahmadinejad:** Vocês estão errados. Vocês viram o povo palestino eleger o Hamas em eleições livres. Nós argumentamos que nem vocês nem nós devemos nos propor a falar em nome do povo palestino. Os próprios palestinos devem dizer o que desejam. Na Europa é comum fazer um referendo para decidir qualquer assunto. Também devemos dar aos palestinos a oportunidade de expressarem a sua opinião.

**Der Spiegel:** *Os palestinos têm o direito ao seu próprio Estado, mas segundo o nosso ponto de vista os israelenses têm naturalmente o mesmo direito.*

**Ahmadinejad:** De onde vieram os israelenses?

**Der Spiegel:** *Bem, se tentarmos raciocinar com base nos locais dos quais os povos vieram, os europeus teriam que retornar ao leste da África, de onde se originaram todos os humanos.*

**Ahmadinejad:** Não estamos falando sobre os europeus, e sim sobre os palestinos. Os palestinos estavam lá, na Palestina. Agora, cinco milhões deles se tornaram refugiados. Eles não têm um direito de viver?

**Der Spiegel:** *Senhor presidente, não há um momento em que é necessário que se aceite o mundo da forma que ele é, e que se aceite o status quo? A guerra contra o Iraque colocou o Irã em uma posição favorável. Os Estados Unidos sofreram uma derrota de fato no Iraque. Não seria este o momento de o Irã se tornar uma potência construtora da paz no Oriente Médio? E isso não significaria abandonar os seus projetos nucleares e discursos inflamatórios?*

**Ahmadinejad:** Me pergunto por que vocês estão adotando e defendendo fanaticamente a posição dos políticos europeus. Vocês são uma revista, e não um governo. Dizer que deveríamos aceitar o mundo como ele é significaria que os vencedores da Segunda Guerra Mundial deveriam permanecer sendo potências vitoriosas por mais mil anos, e que o povo alemão seria humilhado por outros mil anos. Você acha que essa é uma lógica correta?

**Der Spiegel:** *Não, essa não é uma lógica correta, e tampouco isso é verdade. Os alemães desempenharam um papel modesto, mas importante, nos acontecimentos do pós-guerra. Eles não sentem que foram humilhados e desonrados desde 1945. Somos muito autoconfiantes para isso. Mas hoje queremos falar sobre a atual conjuntura do Irã.*

**Ahmadinejad:** Então nós aceitaríamos que os palestinos fossem mortos todos os dias, que eles morressem em ataques terroristas, e que as suas casas fossem destruídas. Mas deixe-me dizer algo sobre o Iraque. Sempre fomos favoráveis à paz e à segurança na região. Durante oito anos, os países ocidentais forneceram armas a Saddam na guerra contra nós, incluindo armamentos químicos, e deram a ele apoio político. Éramos contrários a Saddam Hussein, e sofremos por causa dele, de forma que estamos felizes com o fato de ele ter sido derrubado. Mas não aceitamos que um país inteiro seja engolido sob o pretexto de que se queira derrubar Saddam. Mais de 100 mil iraquianos perderam a vida sob o regime das forças de ocupação. Felizmente os alemães não se envolveram nisso. Queremos segurança no Iraque.

**Der Spiegel:** *Mas, senhor presidente, quem está engolindo o Iraque? Os Estados Unidos praticamente perderam essa guerra. Ao cooperar de forma construtiva, o Irã poderia ajudar os norte-americanos a avaliar a possibilidade de uma retirada do Iraque.*

**Ahmadinejad:** Isso é muito interessante. Os norte-americanos ocupam o país, matam gente, vendem o petróleo e, quando perdem, culpam os outros. Possuímos vínculos muito estreitos com o povo iraquiano. Muita gente dos dois lados da fronteira é aparentada. Vivemos lado a lado há milhares de anos. Os nossos locais sagrados de peregrinação estão no Iraque. Assim como o Irã, o Iraque já foi um centro de civilização.

**Der Spiegel:** *O que o senhor está tentando dizer?*

**Ahmadinejad:** Sempre dissemos que apoiamos o governo popularmente eleito do Iraque. Mas, segundo o meu ponto de vista, os norte-americanos estão fazendo um mau trabalho. Eles nos enviaram mensagens diversas vezes pedindo a nossa ajuda e cooperação. Disseram que deveríamos conversar juntos sobre o Iraque. Nós aceitamos publicamente essa oferta, embora o nosso povo não confie nos norte-americanos. Mas os norte-americanos responderam negativamente e nos insultaram. Neste momento estamos contribuindo para a segurança no Iraque. Só manteremos conversações se os norte-americanos modificarem o seu comportamento.

**Der Spiegel:** *O senhor gosta de provocar de vez em quando os norte-americanos e o resto do mundo?*

**Ahmadinejad:** Não, eu não estou insultando ninguém. A carta que escrevi ao senhor Bush foi educada.

**Der Spiegel:** *Não queremos dizer insulto, mas provocação.*

**Ahmadinejad:** Não, não temos animosidade contra ninguém. Estamos preocupados com os soldados norte-americanos que morreram no Iraque. Por que eles precisam morrer lá? Essa guerra não faz sentido. Por que existe guerra quando também existe a razão?

**Der Spiegel:** *A sua carta ao presidente Bush é também um sinal aos norte-americanos de que o senhor deseja manter negociações diretas?*

**Ahmadinejad:** Nós deixamos bem claro naquela carta a nossa posição sobre como vemos os problemas no mundo. Algumas potências poluíram a atmosfera política global porque elas acham que

as mentiras e as fraudes são legítimas. Na nossa opinião, isso é muito ruim. Acreditamos que todos os povos merecem respeito. Os relacionamentos precisam ser regulamentados com base na justiça. Quando a justiça reina, a paz também reina. As condições injustas não são sustentáveis, ainda que Ahmadinejad não as critique.

**Der Spiegel:** *Essa carta ao presidente norte-americano inclui um trecho sobre o 11 de setembro de 2001: "Como tal operação poderia ser planejada e implementada sem a coordenação com serviços secretos ou de segurança, ou sem a infiltração profunda feita por esses serviços?". As suas declarações sempre incluem muitas insinuações. Qual o significado dessa passagem? A CIA ajudou Mohammed Atta e ou outros 18 terroristas a realizar os ataques?*

**Ahmadinejad:** Não, não foi isso o que eu quis dizer. Nós achamos que eles deveriam apenas apontar quem deve ser responsabilizado. Eles não deveriam usar o 11 de setembro como uma desculpa para lançar um ataque militar contra o Oriente Médio. Eles deveriam levar os responsáveis pelos ataques a julgamento. Não nos opomos a isso. Nós condenamos os ataques. Condenamos qualquer ataque contra pessoas inocentes.

**Der Spiegel:** *Na carta o senhor também afirma que o liberalismo ocidental fracassou. O que o faz afirmar tal coisa?*

**Ahmadinejad:** Veja, por exemplo, que vocês têm mil definições para o problema palestino, e oferecem todos os tipos de definições diferentes de democracia nas suas várias formas. Não faz sentido que um fenômeno dependa da opinião de vários indivíduos que têm a liberdade para interpretar o fenômeno como bem desejam. Não dá para resolver os problemas do mundo dessa forma. Precisamos de uma abordagem nova. É claro que desejamos que a vontade livre do povo prevaleça, mas precisamos de princípios sustentáveis que contem com aceitação universal - tal como a justiça. O Irã e o Ocidente concordam quanto a isso.

**Der Spiegel:** *Que papel a Europa pode desempenhar na resolução do conflito nuclear, e o que o senhor espera da Alemanha?*

**Ahmadinejad:** Sempre cultivamos boas relações com a Europa, e especialmente com a Alemanha. Os nossos povos gostam um do outro. Estamos ansiosos por aprofundar esse relacionamento. A Europa cometeu três erros com relação ao nosso povo. O primeiro foi apoiar o governo do xá. Isso deixou o nosso povo desapontado e descontente. No entanto, ao oferecer asilo ao imã Khomeini, a França conquistou uma posição especial, que mais tarde voltou a perder. O segundo erro foi apoiar Saddam na guerra movida por ele contra nós. A verdade é que o nosso povo esperava que a Europa estivesse do nosso lado, e não contra nós. O terceiro erro foi a posição da Europa com relação à questão nuclear. A Europa será a grande perdedora e não alcançará nada. Não queremos ver tal coisa acontecendo.

**Der Spiegel:** *O que acontecerá agora no conflito entre o Ocidente e o Irã?*

**Ahmadinejad:** Nós entendemos a lógica norte-americana. Eles sofreram danos com a vitória da Revolução Islâmica. Mas não compreendemos por que alguns países europeus se opõem a nós. Eu enviei uma mensagem a respeito da questão nuclear, perguntando por que os europeus estavam traduzindo as palavras norte-americanas para nós. Afinal, eles sabem que as nossas ações têm a paz como objetivo. Ao se aliarem com o Irã, os europeus atenderiam aos interesses deles e aos nossos. Mas eles sofrerão somente danos caso se oponham a nós. Isso porque o nosso povo é forte e determinado.

Os europeus se arriscam a perder inteiramente a sua posição no Oriente Médio, e estão arruinando a sua reputação em outras partes do mundo. Os outros acharão que os europeus são incapazes de resolver problemas.

31/05/2006 *Der Spiegel*

<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?referrerid=39159&t=356734>

<http://www.spiegel.de/spiegel/0,1518,418312,00.html>

MATADOR

## Sempre um Combatente, Sempre um Terrorista

Amira Hass

Um palestino é terrorista quando ataca civis israelenses em ambos os lados da Linha Verde - em Israel e nos territórios ocupados - e quando ataca soldados israelenses nos portões de uma cidade palestina. Um palestino é terrorista quando uma unidade de exército invade a sua vizinhança com tanques e ele atira num soldado que sai de um tanque durante um momento, e ele é terrorista quando é abatido pelo fogo de helicóptero enquanto segura um rifle. Os palestinos são terroristas se matam civis ou soldados.

O soldado israelense é um combatente quando atira um míssil de um helicóptero ou uma bala de um tanque num grupo de pessoas que se reúne em Khan Yunis, depois que o combatente ou um de seus colegas dispara uma bala ou um míssil numa casa - de onde o exército diz que um foguete Qassam foi disparado - e mata um homem e uma mulher. É combatente quando encontra dois palestinos armados na moita. O soldado israelense mata pessoas armadas e mata civis. Mata comandantes mais velhos de batalhões de terroristas assassinos, mata crianças com idade de frequentar o jardim de infância e mata idosos em seus lares. Mais exatamente, são mortos por fogo da FDI (Força de Defesa Israelense). Mais exatamente, são mortos, clamam fontes palestinas.

As autoridades de segurança e as autoridades legais caçam cada terrorista palestino. Centenas são detidos e interrogados para obter informação sobre uma única pessoa. Isto é guerra, mas os palestinos não são detidos como prisioneiros de guerra que têm imunidade de interrogatório e julgamento. Seus nomes são conhecidos, cada detalhe da investigação e as listas de acusações contra eles são abertas e podem ser publicadas. Se e quando uma fraca investigação realmente identifica um soldado israelense que se deviou (quer dizer matou ou usou sua arma imprópriamente, ou pilhou, ou abusou de pessoas nos postos de checagem), sua identidade é ocultada. Em centenas de outros casos, o exército diz "não estamos familiarizados com a reclamação." Em milhares de outros casos, ninguém perde seu tempo em perguntar a FDI.

Milhares de palestinos estão presos em centros de detenção. Israel é um estado legal, mas aplica-lhes um castigo mais severo que a negação da liberdade pessoal: nega-lhes visitas familiares antes de seu julgamento. Dezenas de outros terroristas foram condenados e sentenciados à morte sem jamais terem sido trazidos a julgamento. Eles e os civis próximos a eles. Isso é legítima defesa por um estado legítimo atacado por uma entidade terrorista. Centenas de israelenses são envolvidos nestas execuções extra-judiciais e são glorificados. Nos últimos dois anos, os palestinos mataram dúzias de colaboradores suspeitos sem julgamento ou depois de cortes cangurú. Isso é assassinato desprezível por animais, vivendo numa entidade que não respeita a lei e os direitos humanos.

Espera-se que os palestinos obedeçam ordens militares do Estado de Israel, como se fossem as leis de um estado palestino. Mas o estado que impõe essas ordens e cujo exército controla os territórios, a terra e os recursos hídricos, não é responsável pelo bem-estar dos palestinos que vivem nesses territórios. Não precisa se comportar como um Estado normal, uma vez que os palestinos não são cidadãos com o direito de voto. Não precisa se comportar como uma força de ocupação, uma vez que o acordo de Oslo libertou-o daquele título (aos olhos do mundo) quando transferiu mais de 90 por cento da população palestina para o controle administrativo da Autoridade Palestina. A AP tornou-se responsável pelos seus cidadãos mesmo quando lhe foi negado qualquer autoridade sobre a maioria do território no West Bank, e é incapaz de escavar um cano de água sem permissão da Administração Civil. A AP é ainda responsável pelo bem-estar e segurança dos palestinos, mesmo depois que suas instituições foram bombardeadas e destruídas, e tanques e helicópteros controlam a área inteira.

Os terroristas põem em perigo a população civil por se esconder entre eles, e então a FDI não pode ser responsabilizada quando civis são mortos em seus lares. Os combatentes e suas armas pessoais e tanques são só convidados nos assentamentos e postos de saída, e atiram nos civis palestinos a quem os terroristas exploram.

Os palestinos são sedentos de sangue e tem apenas a vingança como sua ambição. Isso é provado por todas as demonstrações e pesquisas de opinião pública que mostram que os palestinos apóiam os ataques. Os israelenses, cujas pesquisas de opinião pública mostraram apoiar o assassinato de Salah Shehadeh depois que ele matou 14 civis, nunca são sedentos de sangue e nem querem vingança.

O palestino perturba a ordem pública quando transgride um toque de recolher imposto pelos combatentes nos tanques e jipes blindados. Tal palestino é punível: gás lacrimogêneo no melhor caso,

tiro em outro. O combatente israelense e o seu exército protegem a ordem pública e a segurança quando previnem centenas de milhares de crianças de ir à escola, professores de ir trabalhar, pacientes de ir ao hospital, fazendeiros de ir às suas plantações e avós de verem seus netos.

Texto: "Always a Fighter, Always a Terrorist" de Amira Hass, retirado do site ZNet, que permitiu a utilização de seus artigos. Foi veiculado em outubro de 2002.

Amira Hass é uma israelense judia vivendo e trabalhando nos territórios ocupados. É jornalista cujo trabalho é apresentado no jornal israelense Ha'aretz, autora do livro "Drinking the Sea at Gaza: Days and Nights in a Land under Siege" (2000) ("Bebendo o Mar em Gaza: Dias e Noites em uma Terra sob Cerco").

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/pa2/frame.htm>

LIBANO

## Um desastre absoluto!

por **Caroline Glick** (cretina sionista !!!)

**Resumo:** A resolução 1701 representa uma vitória quase-total para o Hezbollah e seus patrocinadores, o Irã e a Síria, e **uma derrota sem precedentes para Israel** e seu aliado, os Estados Unidos.

*A professora universitária de legislação internacional e voluntária da ONG "Eye On The ONU", Anne Bayefsky, ajudou a autora a analisar o texto da Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU.*

Há uma boa razão para o chefe do Hezbollah, Hassan Nasrallah, ter aceitado a Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU, que determina as condições para um cessar-fogo entre seu exército *jihadista* e o Estado de Israel. A resolução representa uma vitória quase-total para o Hezbollah e seus estados patrocinadores, o Irã e a Síria, e uma derrota sem precedentes para Israel e seu aliado, os Estados Unidos. Este fato é evidente tanto no texto da resolução quanto no próprio fato de que os EUA decidiram patrocinar uma resolução de cessar-fogo antes que Israel tivesse destruído ou tivesse seriamente prejudicado as capacidades militares do Hezbollah.

Uma vez que a resolução não foi passada de acordo com o Capítulo 7 do Estatuto da ONU e, deste modo, *não tem força de lei*, na prática torna quase impossível para Israel se defender contra a agressão do Hezbollah, sem ficar exposta à condenação internacional em uma escala sem precedentes.

Isto ocorre, em primeiro lugar, porque a resolução coloca a responsabilidade por determinar sua obediência nas mãos do Secretário Geral da ONU, Kofi Annan. Annan tem se destacado como um homem capaz de condenar apenas Israel por seus atos de autodefesa, enquanto ignora o fato de que, atacando Israel, seus inimigos são culpados de crimes de guerra. Autorizar Annan para avaliar a obediência à resolução quase assegura que o Hezbollah não será forçado a se desarmar e que Israel será forçada a desistir do direito de se defender.

A resolução não faz absolutamente qualquer menção à Síria ou ao Irã, cujo apoio foi determinante para o Hezbollah existir e poder empreender uma guerra ilegal contra Israel. Deste modo, ignorando os patrocinadores do Hezbollah, ela ignora o aspecto regional da guerra atual e envia uma mensagem a estes dois estados, dizendo que eles podem continuar equipando exércitos terroristas no Líbano, na Autoridade Nacional Palestina e no Iraque, com o mais moderno armamento, sem pagar qualquer preço por sua agressão. A resolução presenteia o Hezbollah com uma clara vitória diplomática, colocando sua errônea reivindicação de soberania libanesa sobre as Fazendas de Shaba, ou Monte Dov - uma área vasta nas Colinas de Golan, que separa o Golan sírio da Alta Galiléia, e é disputada entre Israel e Síria - na mesa de negociações. Assim sendo, a resolução recompensa a agressão do Hezbollah, dando legitimidade internacional à sua demanda por aumento territorial através de atos de agressão, em contravenção às leis das nações.

Além disso, permitindo que o Líbano faça reivindicações territoriais a Israel, apesar do fato de que em 2000 a ONU determinou que Israel tinha se retirado para a fronteira internacional, a resolução estabelece um precedente catastrófico para o futuro. Uma vez que o Líbano está recebendo apoio internacional por demandas territoriais sem suporte legal sobre Israel, no futuro, os palestinos, sírios e mesmo os jordanianos e egípcios se sentirão autorizados a empregar a força para ganhar concessões territoriais do estado judeu, até mesmo tendo assinado previamente tratados de paz com Israel. A mensagem enviada pela posição da resolução sobre as Fazendas de Shaba é que Israel nunca pode esperar que o mundo reconheça quaisquer de suas fronteiras como definitiva. Conclamando, no

mesmo parágrafo, "à cessação imediata pelo Hezbollah de todos os ataques e à cessação imediata por Israel de todas as operações militares ofensivas", a resolução trata como equivalente a agressão ilegal do Hezbollah contra Israel e as ações militares legítimas de Israel, tomadas em defesa de seu território soberano.

O Parágrafo operacional 7 que "afirma que todas as partes são responsáveis por assegurar que nenhuma ação seja tomada em contrário ao parágrafo 1 [que pede a cessação das hostilidades], que possa afetar adversamente a procura por uma solução de longo prazo, acesso humanitário para as populações civis, inclusive passagem segura para comboios humanitários, ou o retorno voluntário e seguro das pessoas deslocadas", quase impedem Israel de empreender ações militares para se defender no futuro. Quaisquer medidas tomadas por Israel a deixarão vulnerável a acusações – por parte de Annan - de violar este parágrafo. A Ministra das Relações Exteriores, Tzipi Livni, tinha deixado claro que as condições de Israel para um cessar-fogo incluíam a instituição de um embargo de armas contra o Hezbollah. O governo também insistiu para que a força internacional, que ele queria que fosse posicionada ao longo da fronteira, trabalhasse para desestruturar o Hezbollah. Porém, o parágrafo 8 protela ambas as questões, de um embargo de armas e da desestruturação do Hezbollah, para alguma data futura, quando Israel e Líbano aceitarem as condições de um "cessar-fogo permanente". Além disso, coloca o poder para vigiar o embargo de armas contra o Hezbollah nas mãos do governo libanês do qual o Hezbollah é membro.

Ao mesmo tempo em que a resolução impede Israel de tomar as medidas necessárias para defender seu território e seus cidadãos, mantendo a UNIFIL no Líbano, ela assegura que nenhuma outra força será autorizada a empreender estas ações necessárias. Além disso, o parágrafo 2 "conclama o governo de Israel, à medida que o posicionamento [do exército libanês e da UNIFIL] começar, a retirar todas as suas forças do sul do Líbano em paralelo. Isto significa que espera-se que Israel faça a retirada antes que o pleno posicionamento das forças libanesas e da UNIFIL seja realizado. Como resultado, será criado um vácuo, que permitirá ao Hezbollah reforçar suas posições no sul do Líbano".

Finalmente, a resolução não faz nenhuma intimação destacada para a liberação de soldados das FDI (Forças de Defesa de Israel), Ehud Goldwasser e Eldad Regev, que estão agora sendo mantidos como reféns do Hezbollah. Relegando seu destino a um parágrafo no preâmbulo, que então retorna imediatamente à exigência do Hezbollah para a liberação de terroristas libaneses mantidos em prisões israelenses, a resolução quase elimina qualquer possibilidade de eles voltarem para casa.

Aparte da linguagem notória da resolução, o próprio fato de que os EUA patrocinaram uma resolução que deixa o Hezbollah intato como força combatente constitui um golpe devastador para a segurança nacional de Israel e dos EUA, pelas seguintes razões: Concede ao governo e exército libaneses uma legitimidade não comprovada. A resolução trata o governo e exército libaneses como instituições confiáveis. No entanto, o governo libanês está atualmente sob o controle de facto do Hezbollah e da Síria. Além disso, o exército libanês está pagando pensões às famílias de combatentes do Hezbollah mortos em batalha, e suas forças ajudaram ativamente o Hezbollah a atacar Israel e objetivos militares israelenses. De fato, a declaração de sete pontos emitida pelo governo libanês, que a resolução da ONU aplaude, foi ditada pelo Hezbollah, conforme admitido pelo Primeiro Ministro libanês Fuad Saniora e Nasrallah, na semana passada. Ela incita a violência xiita no Iraque. Da perspectiva americana, a resolução aumenta a ameaça de uma revolta de xiitas radicais no Iraque. O Hezbollah tem laços profundos com o terrorista iraquiano xiita Muqtada al-Sadr.

Em abril de 2003, o Hezbollah abriu escritórios no sul do Iraque e foi prestativo em treinar o Exército de Mahdi, liderado por Sadr. Durante uma demonstração em Bagdá, na semana passada, os seguidores de Sadr exigiram que ele os considerasse como uma extensão do Hezbollah, e expressaram um desejo sincero de participar na guerra do Hezbollah contra os EUA e Israel. Pode-se considerar que a vitória presumida do Hezbollah em sua guerra contra Israel servirá como um catalisador para a violência de Sadr e seus seguidores contra o governo iraquiano e as forças da coalizão nas próximas semanas. De fato, a vitória do Hezbollah enfraquecerá severamente os xiitas moderados do governo de Maliki e entre os seguidores do Grande Aiatolá Ali al-Sistani. Autoriza o Irã. O Irã emerge como o principal vencedor na guerra atual. Não apenas não foi condenado por seu patrocínio ao Hezbollah, como está sendo recompensado por este patrocínio, porque está claro para todas as partes que o Irã era a máquina atrás desta guerra e que seu lado ganhou. A resolução da ONU não fortalece a mão dos EUA em futuras deliberações do Conselho de Segurança, relativas ao programa ilícito de armas nucleares do Irã, porque os estados que contestam qualquer ação contra o Irã - a Rússia e China - continuarão com sua recusa de assinar qualquer ação substantiva. Realmente, o comportamento de Rússia em relação à situação no Líbano, inclusive o fato de que uma grande percentagem do arsenal de mísseis antitanque do Hezbollah foram vendidos pela Rússia para a Síria e o Irã, revela que o papel de Moscou no conflito atual foi semelhante à posição tomada pela União Soviética nas guerras anteriores do Oriente Médio.

Além disso, uma vez que a resolução fortalece a ONU como o árbitro de paz e segurança na

região, o preço diplomático que os EUA serão forçados a pagar se decidirem sair da ONU para conter a ameaça Iraniana foi imensamente aumentado. Muitas fontes em Washington revelaram a esta escritora, durante o fim de semana, que a decisão dos EUA para buscar um cessar-fogo foi o resultado da trapalhada amadorística de Israel das primeiras três semanas da guerra. A administração Bush, eles argumentaram, estava sendo acusado pela incompetência do governo Olmert e assim preferiu diminuir seu prejuízo e promover um cessar-fogo. Não há dúvida alguma de que existe muita verdade nesta afirmação. A ação do governo nesta guerra foi imperdoavelmente inepta. Ao mesmo tempo deveria ser notado que o ganho político de curto prazo conseguido pelos EUA por forjar o acordo de cessar-fogo voltará para assombrar os EUA, Israel e todas as forças que lutam contra as forças da jihad (guerra santa islâmica) global, nas próximas semanas e meses. Ao dar uma vitória ao Hezbollah, a resolução fortaleceu a convicção de milhões de partidários da jihad em todo o mundo de que seu lado está ganhando e que eles devem redobrar esforços para alcançar seus objetivos de destruir Israel e expulsar os EUA do Oriente Médio.

Publicado pelo *De Olho na Mídia* 23 de agosto de 2006 2006 MidiaSemMascara.org  
<http://www.midiaseम्मascara.com.br/artigo.php?sid=5158>

QUIXOTE

## O estupro de Dulcinéia

Israel Shamir

As tocantes palavras de Elie Wiesel ("Jerusalém em meu coração", publicadas no jornal New York Times de 25.01.2001) produziram um belo retrato do povo judeu, ansiando por Jerusalém, amando e orando por ela séculos afora e afagando o seu nome, geração após geração. Essa potente imagem me fez recordar, como escritor israelense de Jaffa, de algo familiar, embora indefinido. Finalmente fiz a ligação, ao reler meu volume bastante manuseado do Dom Quixote. O artigo evocativo de Wiesel lembra de forma maravilhosa o amor imortal do Cavaleiro da Triste Figura por sua amada Dulcinéia de Toboso! Dom Quixote viajou por toda a Espanha proclamando-lhe o nome. Realizou feitos formidáveis. Derrotou gigantes que eram, na verdade, moinhos de vento; fez justiça aos oprimidos e muito mais coisas por amor à sua amada. Quando concluiu que suas realizações o tornaram digno, enviou seu escudeiro Sancho Pança à sua Dama com uma mensagem de adoração.

Agora, encontro-me na posição um tanto embaraçosa de um Sancho Pança. Tenho de informar o meu mestre, Dom Wiesel Quixote, que sua Dulcinéia está bem. Fez um bom casamento, tem uma porção de filhos e vive bastante ocupada com lavagem de roupa e outros afazeres domésticos. Enquanto ele enfrentava valentões e reintegrava patrões, um outro alguém tomou conta de sua amada, nutriu-a e abasteceu-lhe de comida, fez amor com ela, tornou-a mãe a avó. Não tenha pressa, caro cavaleiro, de chegar a Toboso, para não partir seu coração...

Elie, a Jerusalém que você descreve agora não está, nem nunca esteve, abandonada. Viveu feliz através dos séculos nos braços de outro povo, os palestinos de Jerusalém, que cuidaram dela muito bem, transformando-a na bela cidade que é hoje; enfeitaram-na com uma magnífica jóia, o Domo Dourado de Haram al Sharif; construíram suas casas com arcos pontiagudos e largos pórticos, e nela plantaram ciprestes e palmeiras.

Eles não se importam se o cavaleiro errante visita sua amada quando segue de Nova Iorque para Saragoça. Mas seja razoável, meu velho. Mantenha-se no contexto da história e nos limites da decência. Dom Quixote não guiou seu jeep até Toboso para violentar sua velha paixão. O. K, você a amou e se preocupou com ela, mas isso não lhe dá o direito de matar seus filhos, destruir seus jardins e pisotear sua mesa de refeições. Todas as suas palavras provam que você confunde seus desejos com a realidade. Se você insiste, pergunte por que os palestinos querem Jerusalém. Porque ela lhes pertence, porque ali vivem e ali têm seu lar. Tudo bem, você sonhou com ela em sua longínqua aldeia polonesa, como o fizeram muitas pessoas em todo o mundo. Sendo maravilhosa como é, merece, certamente, ser sonhada por tantas pessoas.

Elie, muitos povos adoraram esta cidade através das eras. Artesãos suecos deixaram suas aldeias e se mudaram para cá, construindo a adorável Colônia Americana, juntamente com os Vesters, uma piedosa família cristã de Chicago. Você pode ler a respeito deles nas obras de Selma Lagerlöf, também ganhadora do Prêmio Nobel. Nos penhascos do Monte das Oliveiras, os russos construíram a graciosa

Igreja de Maria Madalena; os etíopes erigiram o Mosteiro da Ressurreição entre as ruínas dos cruzados. Os ingleses morreram por ela e deixaram como herança arquitetônica as Catedrais de St. George e St. Andrew. Os alemães construíram a adorável Colônia Alemã e trataram os doentes locais no Hospital Schneller. Meu devoto tetravô trocou sua aldeia judia da Lituânia pela proteção de seus muros em 1870 e uniu seu destino ao dos hospitaleiros hierosolimitanos. Encontrou nas encostas do Monte das Oliveiras o destino eterno até o dia da Ressurreição. Nenhum deles pensou em violentar sua Dulcinéia. Deixaram só bouquets de flores arquitetônicas como testamento de sua adoração.

Os que amam Jerusalém são legiões. Não é honesto que Elie Wiesel reduza a disputa por esta cidade a um cabo-de-guerra entre muçulmanos e judeus. É uma questão de cobiçar propriedade contra ter a escritura de posse. A solução desse caso deve se basear no 10º mandamento, observado por nossos pais. Eles sabiam que a veneração não equivale ao direito de propriedade. Milhões de protestantes veneram o Jardim de Getsêmani, de propriedade católica, mas isso não transfere o jardim para suas mãos. Milhões de católicos visitam a Sepultura de Maria, mas ela ainda pertence à igreja Oriental. Por gerações, os muçulmanos têm se ajoelhado no local do nascimento de Jesus, em Belém, mas a igreja permanece sempre cristã.

O que a água fez aos Gremlins, no filme de Spielberg, o sionismo infligiu aos alegres judeus da Europa Oriental. Levou-os a promover uma limpeza étnica de gentios em Jerusalém Oriental, a converter o hospital e a igreja Schneller em uma base militar e a construir uma Holiday Inn no cimo do venerado santuário de Sheik Bader. O Estado israelense proíbe os cristãos de Belém de orar no Santo Sepulcro e impede que os muçulmanos com menos de 40 anos freqüentem as orações das sextas-feiras na mesquita de al-Aqsa. Tais mudanças na cidade, promovidas pelo governo israelense, equivalem a seu estupro.

A fim de justificar esse estupro, você invoca os nomes do rei Salomão e Jeremias, cita o Corão e a Bíblia. Deixe-me contar-lhe uma história dos judeus hassídicos, que você deve ter lido em sua *schtet!* polonesa. Um *midrash* judeu, uma lenda, conta que Abraão teve uma filha. Um hassídico simplório perguntou ao rabi por que Abraão não casou sua filha com seu filho Isaac. O rabi respondeu que Abraão não quis casar um filho real com uma filha imaginária.

As lendas são a matéria de que são feitos os sonhos. Algumas são encantadoras, outras horríveis, e nenhuma vale como escritura de terra nem como plataforma política. Elie, você certamente não gostaria de perder sua casa própria em Nova Iorque por causa de uns poucos versos escritos no Livro dos Mórmons. Esse jogo de expandir o evangelho sionista está se tornando sem sentido. Mas vou lutar mais um round com você para o divertimento da multidão. Como qualquer arqueólogo pode dizer-lhe, o rei Salomão e seu templo pertencem ao reino da fantasia da filha de Abraão. Além do mais, e não que isso importe, mas o nome de Jerusalém não é mencionado sequer uma vez no livro sagrado judeu, a Torá.

Elie, você quer jogar algum jogo? Digo-lhe mais. Os judeus não são sequer mencionados na Bíblia Judaica. Retire esse grosso livro de sua estante e confira. Nenhum dos grandes nomes lendários que você mencionou, do rei Salomão aos profetas, eram chamados "os judeus". Este termo aparece pela primeira e única vez na Bíblia na história persa do tardio Livro de Ester. A auto-identificação dos judeus com as tribos de Israel e com os heróis da Bíblia é tão válida quanto a história de Roma ter sido fundada pelo príncipe troiano Enéas. Se os modernos turcos, que se autodenominam de "os descendentes de Tróia" conquistassem Roma, dinamitassem as obras-primas barrocas de Borromini e expulsassem seus habitantes a fim de restaurar a herança de Enéas, estariam apenas repetindo a loucura dos sionistas.

Nossos ancestrais, os humildes *Yids* da Europa Oriental, cuja língua foi o iídiche, tinham a tradição de enfeitarem-se com grandes leões heráldicos de heróis bíblicos. Sua pretensão de descenderem dessas lendas é tão válida como as pretensões da ambiciosa fazendeira Tess, de Thomas Hardy. Mas mesmo a fictícia Tess não conspirou para expulsar os nobres de seu castelo e reivindicar a posse da propriedade.

Certa vez, caminhando com peregrinos cristãos rumo à grande Igreja do Santo Sepulcro, fui abordado por um judeu hassídico. Ele indagou se meus companheiros eram judeus e, recebendo uma resposta negativa, exclamou com espanto: "O que esses gentios *goyyim* estão procurando na terra santa?". Ele nunca ouvira da Paixão de Jesus Cristo, cujo nome usava como um palavrão. Fico igualmente perplexo que um professor judeu da Universidade de Boston seja tão ignorante como um simplório judeu hassídico. Jerusalém é santa para bilhões de crentes: católicos, protestantes e cristãos orientais, muçulmanos sunistas e xiitas, para milhares de judeus hassídicos e sefaraditas. Enquanto cidade, porém, Jerusalem não é diferente de qualquer outro lugar no mundo: pertence a seus cidadãos.

Mais vinte anos de controle sionista desta cidade transformá-la-ão em outra Milwaukee e arruinarão seu encanto para sempre. Jerusalém precisa ser devolvida a seus habitantes. As propriedades tomadas em Talbieh e Lifta, Katamon e Maicha devem ser devolvidas a seus donos. Professor Wiesel, respeite os direitos de propriedade gentios, como você quer que os gentios respeitem

seu direito a sua adorável casa. Os lugares santos de Jerusalém são regulados por estatuto internacional (Status Quo) de 150 anos que não pode ser adulterado. A última tentativa de alterá-lo provocou o sítio de Sebastopol e o ataque da brigada ligeira em Balaclava. A próxima tentativa pode provocar uma guerra nuclear.

<http://terrornapalestina.home.sapo.pt/pa2/frame.htm>

PRETENSAMENTE ACADEMICO

## As origens do “revisonismo histórico”

por Victor Grinbaum

Em dezembro de 2003, quando saiu finalmente a sentença do Superior Tribunal Federal contra Sigfried Ellwanger, toda a imprensa nacional se referiu ao editor gaúcho de livros anti-semitas como “editor de extrema-direita”. Para quem não sabe, Ellwanger, também conhecido como S. E. Castan, é o proprietário da Editora Revisão, dedicada exclusivamente à publicação de propaganda nazista e de material que nega a matança de milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial.

Ellwanger e sua editora são adeptos do Revisonismo Histórico, um movimento pretensamente acadêmico que se dedica a tentar provar que o Holocausto judeu durante a Segunda Guerra Mundial não passou de uma invenção. Alegam que Hitler e seus asseclas na verdade eram umas flores de bondade e que tudo o que se publica sobre o assunto é parte de uma grande conspiração midiática de dominação mundial por malvados judeus. As “descobertas” (perdoem-me pelo excesso de aspas, mas elas são inevitáveis) seriam fruto de “revisões” de depoimentos e pesquisas, daí eles se chamarem de “revisonistas”. Em resumo, trata-se de uma mixórdia sem nenhuma sustentação histórica, tratada com o devido desprezo por todos os pesquisadores sérios.

De fato, a associação entre neo-nazismo e extrema-direita é automática e ambas as expressões são encaradas como sinônimos. Até ser processado e condenado em todas as instâncias jurídicas, S. E. Castan agregou em torno de si um pequeno grupo de jovens que agiram em Porto Alegre em pequenos putches anti-semitas nos anos 80 e 90. Merece plenamente o epíteto de nazista. Mas o dito “revisonismo” (que eu prefiro chamar de negacionismo), por mais fraudulento e mal intencionado, tem também a sua história. E vale a pena conhecê-la.

A primeira vez em que se publicou material que negava a existência de campos de extermínio erguidos pelos nazistas foi na França, na década de 1950. Não por acaso, a França foi o país que menos lutou contra a ocupação alemã durante a guerra. O Regime de Vichy foi, de fato, cúmplice e voluntário das barbaridades nazistas e a França fora também o berço do *Affaire Dreyfus*(1), e a terra de Gobineau (2) e Édouard Drumont (3).

“Franceses nazistas”, pensará o leitor a esta altura. Errado. Curiosamente, não foram ex-colaboracionistas os primeiros negacionistas, mas justamente o contrário. Pierre Guillaume, [= Guillaume] militante do grupo trotskista SOB (“Socialismo ou Barbárie”) e posteriormente fundador da dissidência *Pouvoir Ouvrier*, ao lado de Serge Thion, proprietário de uma pequena casa editora chamada *La Vieille Taupe* (“A Velha Toupeira”), foram os primeiros publicadores de livros anti-semitas baseados nestas teorias negacionistas. A estrela da “Velha Toupeira” era um membro da Resistência, Paul Raissinier, [= Rassinier] militante comunista e que usava sua condição como salvo-conduto.

Raissinier alegava que ao ser capturado pelos nazistas fora testemunha do tratamento dispensado aos seus prisioneiros. E que nunca testemunhara maus tratos a nenhum judeu enquanto esteve preso. Logo, todos os testemunhos que atestavam a matança nos campos de extermínio nazistas seriam falsos. O fato de que foram os soviéticos que primeiro chegaram aos campos e registraram a matança não afetava Raissinier, pois como trotskista ele poderia duvidar dos relatos “stalinistas” do Holocausto. Para os trotskistas franceses, o sionismo era a consolidação dos planos explicitados em *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, velha fraude produzida pela polícia secreta czarista e apresentada como uma compilação de “planos judaicos de dominação mundial”.

Mas Paul Raissinier não era um caso isolado. Tampouco agia por conta própria. Alguns milhares de quilômetros a Leste da França, mais precisamente em Moscou, nascia a “sionologia”, uma pretensa ciência sócio-política (bem ao gosto marxista) e adotada como política acadêmica oficial na União Soviética, onde as teses negacionistas e conspiratórias eram a base para a produção de farto material anti-Israel.

Em 1963, Trofim K. Kichko (posteriormente agraciado com um diploma pelo Partido Comunista da Ucrânia) publicou pela Academia de Ciências da Ucrânia *O Judaísmo sem Maquiagem*, livro que parte de um trecho de *Os Protocolos dos Sábios de Sião* para afirmar que “o expansionismo e a crueldade israelense estão determinados no Talmude”. Em 1969, Yuri Ivanov publicava *Cuidado! Sionismo!*, um tosco panfleto onde o sionismo era apresentado como “uma ideologia de organizações conectadas para a prática política da burguesia judaica e fundida com as esferas monopolistas nos EUA”. A partir do livro de Ivanov, as obras “sionológicas” foram consideradas leitura obrigatória na formação de quadros políticos e militares da União Soviética e nos países sob sua esfera de influência. Disseminados pelos formandos da Universidade dos Povos Patrice Lumumba, os livros anti-semitas soviéticos formaram gerações de militantes de esquerda que assimilaram e reproduziram a visão expressada pela terceira edição da “Grande Enciclopédia Soviética” sobre o sionismo:

“O Sionismo é um postulado reacionário, chauvinista, racista e anti-comunista. A Organização Sionista Internacional é detentora de grandes fundos financeiros monopolistas que influenciam a opinião pública ocidental capitalista e serve como frente avançada do colonialismo”.

O rompimento entre os soviéticos e o movimento sionista ocorreu ainda antes da independência do Estado de Israel, em 1948. Josef Stálin desejava desencorajar o sionismo com a criação do Birobidjão, uma república soviética onde os judeus deveriam se instalar e permanecer, sempre tutelados sob a sombra da influência de Moscou. Stálin também usou o sionismo e a recém fundação de Israel como pano de fundo de seu último grande expurgo, a “Conspiração dos Médicos”.

Mesmo depois da morte de Stálin, a União Soviética continuou frontalmente anti-Israel, embora o movimento sionista tenha sido majoritariamente formado por militantes socialistas e por pessoas de sólida formação marxista. Após a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando Israel venceu uma coalizão de oito países sob a direta influência política da União Soviética, a sionologia encontrou um território perfeito para se disseminar.

Não é exagero afirmar que o surgimento dos grupos terroristas árabes e a sionologia se retroalimentaram. Yasser Arafat foi treinado pelo serviços secretos do leste europeu e Mahmoud Abbas, ex-militante do Fattah e atual presidente da Autoridade Palestina, é formado em história pela Escola Oriental de Moscou e autor de um livro negacionista, publicado em árabe sob o patrocínio soviético na década de 1970.

Uma das táticas mais presentes entre os sionologistas para se respaldarem é a utilização de autores judeus. Já nos anos 60 eram escolhidos membros dos partidos comunistas de origem judaica para emprestarem seus nomes às publicações. Essa prática perdurou e gerou o surgimento de intelectuais de esquerda como Noam Chomsky e Norman Finkelstein, que sem serem negacionistas seguem a linha mestra da sionologia de demonização do sionismo e da identidade judaica. Curiosamente, até os mais ferrenhos negacionistas citam Chomsky e Finkelstein como fontes para suas idéias.

O encontro entre negacionistas, comunistas e terroristas que formou a sionologia não impediu que militantes neo-nazistas absorvessem o discurso sionológico. A verdade é que ao se comparar o discurso neo-nazista com o discurso de boa parcela da esquerda não se encontrarão muitas diferenças. O negacionismo e a sionologia fazem parte dos discursos tanto de esquerdistas ilustres, como José Saramago e os já citados Chomsky e Finkelstein, quanto de verdadeiros expoentes da extrema-direita, como Lyndon LaRouche, malgrado seu passado de militante trotskista.

Curiosamente, ultra-direitistas e ultra-esquerdistas colaboram entre si quando o objetivo é o anti-semitismo. Comunistas como Raissinier usam de sua ideologia para separar seu discurso das lembranças nazistas, enquanto os nazistas usam a colaboração de judeus comunistas como salvo-conduto para escaparem da acusação de anti-semitismo.

Seguidores brasileiros de Siegfried Ellwanger mantêm várias páginas eletrônicas onde se encontram links, tanto para sites onde a matança de judeus é exaltada quanto para textos acadêmicos de esquerda onde se pode ver Norman Finkelstein “protestando contra o uso capitalista das indenizações de guerra”. E no meio dessa mixórdia várias “provas” de que não houve nem matança e nem expropriação de bens de judeus. A propósito, Ellwanger nunca se apresentou nem como neo-nazista e nem como esquerdistas.

Mas o maior eco da sionologia pode ser visto hoje nas ações e nos discursos do atual líder iraniano, Mahmoud Ahmadinejad, que declarou em dezembro de 2005 que “o Holocausto é um mito”: “Fabricaram uma lenda sob o nome de ‘massacre dos judeus’, e dão mais importância a isso do que a Deus, à religião e aos profetas”.

Ahmadinejad vem afirmando que “a lenda” é o que manteria uma suposta opressão do Ocidente contra os países islâmicos e com isso vem desafiando a comunidade internacional ao fomentar o

terrorismo e insistir em adquirir a tecnologia necessária para a construção de armas de destruição em massa. Fora do mundo islâmico, a linha de frente que apóia as reivindicações de Ahmadinejad tem sido – como sempre – a esquerda, cada vez mais encantada pelo discurso sionologista.

No momento em que vemos o empenho de uma boa parcela da opinião pública mundial em atacar Israel enquanto este país se defende das covardes agressões de grupos terroristas, a emergência do discurso negacionista e sionologista demonstra o sucesso que seus criadores obtiveram e como o Terror se aproveita dele. O fato do negacionismo e da sionologia não serem necessariamente uma criação da extrema-direita não anula o fato de que esta também faz uso deles. Mas a ligação automática que mormente se faz é inexata. **A negação do Holocausto é criação dos acadêmicos comunistas e é a esquerda a sua maior useira e vezeira nos dias de hoje.**

#### Notas do Autor:

(1) O Caso Dreyfus em 1894, foi a falsa acusação que o oficial francês de origem judaica Alfred Dreyfus sofreu de ser espião dos alemães. Baseado em documentos forjados por nacionalistas franceses, um tribunal militar condenou Dreyfus ao degredo na Ilha do Diabo. Graças a uma campanha movida pelo escritor Émile Zola, Dreyfus foi novamente julgado e desta vez inocentado. Foi cobrindo o Caso Dreyfus que o jornalista austríaco Theodor Hertzl criou o Sionismo.

(2) Joseph Arthur de Gobineau (1816 – 1882), escritor e diplomata francês e autor do *Tratado sobre a desigualdade das raças humanas*, publicado em 1853 e considerado o primeiro livro de teoria racista.

(3) Édouard Drumont (1844 – 1917), autor de *La France Juive* ("A França Judia"), em que defendia a expulsão dos judeus do país, baseado na teoria de que estes seriam conspiradores e traidores anti-nacionalistas. Foi um dos principais propagadores de libelos anti-Dreyfus.

MídiasemMáscara Qui scribit, bis legit 05 de agosto de 2006

(MÍDIA SEM MÁSCARA é um website [hipersionista] destinado a publicar as idéias e notícias que são sistematicamente escondidas, desprezadas ou distorcidas em virtude do viés esquerdista da grande mídia brasileira.)

<http://www.midiasemmascara.com.br/artigo.php?sid=5112>

Grinbaum é muito ignorante !

COMMUNISTAS BORDIGUISTAS

## AUSCHWITZ: O GRANDE ÁLIBI

Novamente, a imprensa de esquerda mostra que o racismo e, essencialmente, o anti-semitismo constituem, num certo sentido, o Grande Álibi do antifascismo: é sua bandeira favorita e também seu último refúgio na discussão. Quem resiste à lembrança dos campos de extermínio e dos fornos crematórios? Quem é que não fica indignado com o assassinato de seis milhões de judeus? E como não se horrorizar com o sadismo dos nazistas? Contudo, estamos diante de uma das mais escandalosas mistificações do antifascismo e pretendemos denunciá-la.

Um recente manifesto do M.R.A.P. (Movimento contra o Racismo, o Anti-semitismo e pela Paz) responsabiliza o nazismo pela morte de cinquenta milhões de seres humanos, dos quais seis milhões eram judeus. Esta posição, idêntica a do "fascismo provocador da guerra" dos que se dizem comunistas, é tipicamente burguesa. Recusando-se a ver no capitalismo a causa das crises e catástrofes que assolam periodicamente o mundo, os ideólogos burgueses e reformistas estão sempre tentando explicá-las com a maldade desse ou daquele indivíduo. Aqui se constata a fundamental identidade entre as ideologias (se é que assim se pode chamá-las) fascista e antifascista: ambas proclamam que são os pensamentos, as idéias, as vontades dos grupos humanos que determinam os fenômenos sociais. Contra essas ideologias, que chamamos de burguesas porque são ideologias de defesa do capitalismo, contra todos esses "idealistas" passados, presentes e futuros, o marxismo demonstrou que são, ao contrário, as relações sociais que determinam os movimentos ideológicos.

Eis a base mesma do marxismo. E para que se entenda até que ponto nossos pretensos marxistas renegaram o marxismo, é suficiente ver que para eles tudo passa através das idéias: colonialismo, imperialismo e até mesmo capitalismo nada mais são do que estados mentais. Assim, todos os males de que sofre a humanidade são culpa de malvados fomentadores: da miséria, da opressão, da guerra etc.

Porém, o marxismo demonstrou que a miséria, a opressão, as guerras e destruições, longe de serem anomalias devidas à vontade maléfica de quem quer que seja, são parte do funcionamento

"normal" do capitalismo. Em particular, isto se aplica às guerras da época imperialista. Este é um ponto que desenvolveremos mais amplamente, dada a sua importância para o nosso assunto: a destruição.

Mesmo quando admitem que as guerras imperialistas se devem a conflitos de interesses, os burgueses e reformistas permanecem incapazes de entender o capitalismo. É visível sua incompreensão do significado da destruição. Para eles, o fim da guerra é a Vitória, e as destruições de homens e recursos do adversário são apenas meios para alcançar esse fim. Alguns ingênuos acreditam numa guerra feita com soníferos. Nós demonstramos que a destruição é, no entanto, o fim principal da guerra. As rivalidades imperialistas, causa direta das guerras, nada mais são do que a consequência da superprodução sempre crescente.

A produção capitalista é, pois, forçada a "ajustar-se" à queda da taxa de lucro e a crise nasce da necessidade de aumentar incessantemente a produção sem a possibilidade de vender lucrativamente os produtos. A guerra é a solução capitalista da crise; a destruição maciça das instalações, dos meios de produção e dos produtos permite a retomada da produção, e a destruição maciça dos homens elimina a "superpopulação" periódica que surge emparelhada com a superprodução. É preciso ser um iluminado pequeno-burguês para crer que os conflitos imperialistas poderiam ser resolvidos com um jogo de cartas ou em torno de uma mesa redonda, e que as enormes destruições e a morte de dezenas de milhões de pessoas se deve apenas à teimosia de fulano, à maldade de beltrano e à ganância de sicrano...

Já em 1844, Marx criticava os economistas burgueses por considerarem que a ganância era inata, em vez de explicá-la, e mostrava porque os gananciosos eram forçados à ganância. É, também, desde 1844, que o marxismo tem mostrado quais são as causas da "superpopulação": «A procura de homens regula necessariamente a produção de homens, como a de qualquer outra mercadoria» (K. Marx, *Manuscritos Econômicos e Filosóficos*). «Se a oferta supera largamente a procura, uma parte dos trabalhadores cai na mendicância ou morre de fome», escreve Marx. Engels acrescenta: «Não há superpopulação onde não há excesso de forças produtivas, em geral» e «... (vimos) que a propriedade privada fez do homem uma mercadoria, cuja produção e destruição dependem unicamente da procura; que, assim, a concorrência assassinou e diariamente assassina milhões de homens...» (F. Engels, «Esboço de Crítica da Economia Política»). A última guerra imperialista, longe de desmentir o marxismo e de justificar a sua "revisão", confirmou a exatidão de nossas análises.

Era preciso lembrar estes pontos antes de nos ocuparmos do extermínio dos judeus. Isto não aconteceu num momento qualquer, mas em plena crise e guerra imperialistas. Portanto, é no interior dessa gigantesca empresa de destruição que é necessário explicá-lo. Assim, o problema se torna claro; não temos mais que explicar o "nihilismo destruidor" dos nazistas, mas o fato de a destruição se concentrar em parte sobre os judeus. Sobre este ponto, também, nazistas e antifascistas concordam: é o racismo, o ódio pelos judeus, é uma "paixão", livre e feroz, a causa da morte dos judeus. Mas nós, marxistas, sabemos que não há paixão social que seja livre, que nada é mais determinado do que esses grandes movimentos de ódio coletivo. Veremos que o estudo do anti-semitismo serve para ilustrar esta verdade.

É propositalmente que dizemos: anti-semitismo da época imperialista, porque se os idealistas de todo tipo, dos nazistas aos teóricos "judeus", consideram que o ódio aos judeus é o mesmo em todos os tempos e em todos os lugares, nós sabemos que isso não é verdade. O anti-semitismo da época atual é totalmente diferente do anti-semitismo da época feudal. [1]

Não podemos desenvolver aqui a história dos judeus, que o marxismo já explicou inteiramente. Nós sabemos porque a sociedade feudal manteve os judeus como tais; sabemos que se as burguesias mais fortes, que conseguiram fazer logo sua revolução política (Inglaterra, E.U.A., França), assimilaram quase totalmente seus judeus, as burguesias fracas não puderam fazê-lo. Não vamos explicar aqui a sobrevivência dos "judeus", mas o anti-semitismo da época imperialista. E não será difícil explicá-lo se, em vez de nos ocupar da natureza dos judeus ou dos anti-semitas, nós considerarmos seu lugar na sociedade.

Em decorrência de sua história, os judeus se encontram hoje na média e pequena burguesia. Ora, esta classe está condenada pelo avanço irresistível da concentração do capital. É isso que nos explica a origem do anti-semitismo, que, segundo Engels, «nada mais é do que uma reação de camadas sociais feudais, em vias de desaparecimento, contra a sociedade moderna que se compõe essencialmente de capitalista e assalariados. Serve apenas a objetivos reacionários sob um véu pretensamente socialista».

A Alemanha do período entre as duas guerras mundiais mostra essa situação num estado particularmente agudo. Sacudido pela guerra, o impulso revolucionário de 1918-1928, e sempre ameaçado pela luta do proletariado, o capitalismo alemão sofreu profundamente a crise mundial do pós-guerra. Enquanto as burguesias vitoriosas mais fortes (E.U.A., Inglaterra, França) foram relativamente pouco afetadas e superaram facilmente a crise de "readaptação da economia à paz", o

capitalismo alemão afunda num marasmo completo. E são talvez a pequena e a média burguesias que sofrem mais, como em todas as crises que conduzem à proletarização das camadas médias e ao aumento da concentração do capital pela eliminação de uma parte das pequenas e médias empresas. Mas aqui a situação era tal que os pequenos burgueses, arruinados, falidos, espoliados, liquidados, não podiam nem mesmo cair no proletariado, ele mesmo duramente golpeado (7 milhões de desempregados, no auge da crise): tombavam então na mendicância, condenados a morrer de fome quando suas reservas se esgotavam. Reagindo a essa ameaça terrível, a pequena burguesia "inventou" o anti-semitismo. Nem tanto, como dizem os metafísicos, para explicar suas desgraças, mas para tentar se preservar concentrando-se num de seus grupos. Diante da horrível pressão econômica, da ameaça de destruição difusa que tornavam incerta a existência de cada um de seus membros, a pequena burguesia reagiu sacrificando uma de suas partes, esperando assim salvar e garantir a existência das outras. O anti-semitismo não deriva de um "plano maquiavélico" nem de "idéias perversas": ele resulta diretamente da coerção econômica. O ódio aos judeus, longe de ser a causa de sua destruição, é apenas a expressão desse desejo de delimitar e de concentrar sobre eles a destruição.

Às vezes, até os operários aderem ao racismo. Isso acontece quando, ameaçados pelo desemprego em massa, eles tentam concentrar a ameaça sobre certos grupos: italianos, poloneses, árabes, negros etc. Mas, no proletariado, essas tendências ocorrem somente nos piores momentos de desmoralização, e não duram. Tão logo entra em luta, o proletariado vê clara e concretamente onde está seu inimigo. O proletariado é uma classe homogênea que tem uma perspectiva e uma missão histórica.

A pequena burguesia, ao contrário, é uma classe historicamente condenada. E, ao mesmo tempo, condenada a não poder entender nada, a ser incapaz de lutar: só consegue se debater cegamente na engrenagem que a esmaga. O racismo não é uma aberração do espírito: é e será a reação pequeno-burguesa à pressão do grande capital. A escolha da "raça, ou seja, do grupo sobre o qual tenta concentrar a destruição, depende evidentemente das circunstâncias. Na Alemanha, os judeus preenchiam as "condições exigidas" e eram os únicos a preenchê-las: eram quase exclusivamente pequenos burgueses e, na pequena burguesia, o único grupo suficientemente identificável. Sobre eles, a pequena burguesia podia canalizar a catástrofe.

Era, pois, necessário que a identificação fosse fácil, que fosse possível definir exatamente quem seria destruído e quem seria poupado. Assim, excluíram os que tinham avós batizados, o que, em flagrante contradição com a teoria da raça e do sangue, era uma suficiente demonstração de incoerência. Mas não se tratava de lógica... O democrata que se contenta em demonstrar o absurdo e a ignomínia do racismo passa, como sempre, ao largo da questão.

Encurralada pelo capital, a pequena burguesia alemã lançou os judeus aos lobos para aliviar seu fardo e se salvar. Não de modo consciente, é claro, mas era esse o significado de seu ódio dos judeus e de sua satisfação pelo fechamento e o saque das lojas dos judeus. De sua parte, o grande capital estava felicíssimo com o que acontecia: ele podia liquidar uma parte da pequena burguesia com o consentimento da pequena burguesia. Melhor ainda, a pequena burguesia se encarregava dessa liquidação. Mas esta maneira personalizada de "apresentar" o capital é só uma imagem ruim: assim como a pequena burguesia, o capitalismo não sabe o que faz. Ele sofre a coerção econômica e segue passivamente as linhas de menor resistência.

Ainda não falamos do proletariado alemão. Isso porque ele não interveio diretamente nesses fatos. Tinha sido derrotado e, bem entendido, a liquidação dos judeus só poderia ter sido realizada depois de sua derrota. Mas as forças sociais que conduziram essa liquidação já existiam antes disso. A derrota do proletariado apenas permitiu que a liquidação dos judeus se "realizasse", ao deixar o capitalismo com as mãos livres.

É então que começa a liquidação econômica dos judeus: expropriação sob todas as formas, exclusão das profissões liberais e da administração pública etc. Pouco a pouco, os judeus são privados de todos os meios de existência: vivem com as reservas que puderam salvar. Durante todo esse período que vai até o início da guerra, a política nazista para os judeus se resume a duas palavras: *Juden raus!* Judeus fora! De todas as maneiras, é favorecida a emigração dos judeus. Mas se os nazistas queriam se desembaraçar dos judeus e não sabiam como fazê-lo, e se os judeus por sua vez queriam sair da Alemanha, nenhum país queria acolher os judeus. O que não é surpreendente, porque nenhum podia deixá-los entrar: não havia um só país capaz de absorver e manter alguns milhões de pequenos burgueses arruinados. Só um número reduzido de judeus pode partir. A maior parte permaneceu, apesar dos judeus e dos nazistas. De um modo ou de outro, com a vida em suspenso.

A guerra imperialista agravou a situação, quantitativa e qualitativamente. Quantitativamente, porque o capitalismo alemão, obrigado a reduzir a pequena burguesia para concentrar o capital europeu, estende a liquidação dos judeus à toda Europa central. O anti-semitismo havia sido posto à prova: só podia avançar. A isso correspondia, por outro lado, o anti-semitismo específico da Europa central, ainda que este fosse mais complexo (uma horrível mistura de anti-semitismo feudal e

pequeno-burguês, cuja análise não faremos aqui).

Ao mesmo tempo, a situação se agravou qualitativamente. As condições de vida se tornaram mais difíceis, por causa da guerra; as reservas dos judeus se esgotavam; eles estavam condenados a morrer de fome em pouco tempo. Mas não foram todos mortos de uma só vez. Para começar, foram retirados de circulação, reagrupados, concentrados. E forçados a trabalhar, subalimentados e superexplorados até a morte. Matar o homem de tanto trabalhar é um velho método do capital. Marx escreveu, em 1844: "Para ser conduzida com sucesso, a luta industrial exige que numerosos exércitos sejam concentrados num ponto e dizimados copiosamente." Mas era necessário que essa massa pagasse por sua vida, enquanto visse, e por sua morte depois. E que produzisse mais-valia enquanto fosse capaz de fazê-lo. Porque o capitalismo não pode executar os homens que condenou se não lucrar com isso.

Mas o homem é resistente. Reduzidos a esqueletos, os judeus demoravam para morrer. Era preciso massacrar os que não podiam trabalhar e, depois, os desnecessários porque o desenvolvimento da guerra tornava sua força de trabalho inutilizável.

Em condições "normais" e quando se trata de um pequeno número, o capitalismo pode deixar morrer os homens expulsos do processo de produção. Mas era impossível fazer isso em plena guerra e com milhões de homens: uma tal "desordem" teria paralisado tudo. Era necessário que o capitalismo organizasse a morte dos judeus.

O capitalismo alemão não se decidia pelo assassinato puro e simples. Não por humanitarismo, é claro, mas porque não era lucrativo. Foi assim que nasceu a missão de Joel Brand, da qual falaremos porque ela esclarece quanto à responsabilidade do capitalismo mundial [2]. Joel Brand era um dos dirigentes de uma organização semiclandestina dos judeus húngaros. Essa organização procurava salvar os judeus por todos os meios: esconderijos, emigração clandestina, e também corrupção dos SS. Os SS do *Juden-Kommando* toleravam essas organizações, que tentavam mais ou menos utilizar como "auxiliares" nas operações de rastreamento e classificação.

Em abril de 1944, Joel Brand foi convocado ao *Juden-Kommando* de Budapeste para encontrar Eichmann, que era chefe da seção judia dos SS. Eichmann, com a concordância de Himmler, encarrega-o da seguinte missão: negociar, com os anglo-americanos, a venda de um milhão de judeus. Os SS queriam em troca 10.000 caminhões, mas aceitavam discutir tanto a natureza quanto a quantidade das mercadorias. E propunham a entrega imediata de 100.000 judeus no ato do acordo, para mostrar sua boa fé. Era um negócio sério.

Infelizmente, se havia oferta, não havia procura. Não somente os judeus, mas os SS se deixaram convencer pela propaganda humanitária dos anglo-americanos. Estes não queriam um milhão de judeus. Nem por 10.000 caminhões, nem por 5.000, nem gratuitamente.

Não podemos detalhar as desventuras de Joel Brand. Ele viajou para a Turquia e foi parar nas prisões inglesas do oriente médio. Os países aliados se recusaram a "levar o negócio a sério", e tudo fizeram para desacreditá-lo. Finalmente, Joel Brand reencontrou, no Cairo, Lord Moyne, ministro britânico para o oriente médio. Suplicou-lhe, então, que obtivesse ao menos um acordo escrito que, mesmo não respeitado, teria permitido a salvação das 100.000 pessoas.

« - E qual será o número total?

- Eichmann falou de um milhão.

- Como pode imaginar uma coisa dessas, senhor Brand? Que farei com esse milhão de judeus? Onde os meterei? Quem os acolherá?»

- Se, na terra, não há mais lugar para nós, nada mais nos resta senão nos deixar exterminar» [3] disse Brand desesperado.

Os SS foram mais lentos para compreender: eles acreditavam nos ideais do Ocidente. Depois do fracasso da missão de Joel Brand e durante o extermínio, tentaram ainda vender os judeus ao Joint (organização dos judeus nos E.U.A.), propondo uma entrega de 1.700 judeus na Suíça. Mas, excetuando os SS, ninguém quis fechar este negócio.

Joel Brand havia entendido, ou quase. Entendera as conseqüências da situação, mas não suas causas. Não era a terra que os excluía, mas a sociedade capitalista. E não por serem judeus, mas por terem sido rejeitados do processo de produção, por que eram inúteis para a produção de mais-valia.

Lord Moyne foi assassinado por dois terroristas judeus, e Joel Brand aprendeu tarde demais que ele havia se compadecido do destino dos judeus: "Sua política era ditada pela administração desumana de Londres". Mas Brand não tinha compreendido que essa administração desumana é somente a administração do capital e que o capital é desumano. O capital não sabia o que fazer com essa gente. E nem mesmo saberia o que fazer com os raros sobreviventes, essas "pessoas deslocadas" que não sabia onde recolocar.

Os judeus sobreviventes conseguiram finalmente encontrar um lugar. Pela força, e aproveitando a conjuntura internacional, o estado de Israel foi constituído. Mas isso não seria possível sem "deslocar" outras populações: centenas de milhares de árabes arrastam desde então sua existência

inútil (para o capital!) nos campos de refugiados. [4]

Vimos como o capitalismo condenou à morte milhões de seres humanos, expelindo-os da produção. Vimos como os massacrados, extraindo-lhes toda a mais-valia possível. O que nos resta ver como é como são explorados, mesmo depois de mortos.

São, antes de tudo, os imperialistas do campo aliado que se servem dessa matança para justificar sua guerra e justificar, depois de sua vitória, o tratamento infame infligido ao povo alemão. Como se precipitam sobre os campos de concentração e seus cadáveres, divulgando por toda a parte horríveis fotografias e clamando: vejam que canalhas são esses alemães! E como tínhamos razão em combatê-los! E como temos razão, agora, quando os humilhamos! Quando se pensa nos crimes inumeráveis do imperialismo; quando se pensa, por exemplo, que no momento mesmo (1945) em que nossos Thorez cantavam sua vitória sobre o fascismo, 45000 argelinos caíram sob os golpes da repressão; quando se pensa que é o capitalismo mundial o responsável pelos massacres,, o ignóbil cinismo dessa hipócrita satisfação nos dá náusea.

Ao mesmo tempo, todos os nossos bravos democratas antifascistas se lançam sobre os cadáveres dos judeus. E os agitam sob o nariz do proletariado. Para fazer-lhe sentir a infâmia do capitalismo? Não, ao contrário: para fazê-lo apreciar por contraste a verdadeira democracia, o verdadeiro progresso, o bem-estar de que goza na sociedade capitalista! Os horrores da morte capitalista devem fazer o proletariado esquecer os horrores da vida capitalista e o fato de que as duas, vida e morte capitalistas, estão indissolúvelmente ligadas. As experiências dos médicos SS devem fazer esquecer que o capitalismo experimenta, em grande escala: produtos cancerígenos, efeitos do alcoolismo sobre a hereditariedade, radioatividade para ser usada em bombas democráticas. Se mostram um abajur feito com pele humana é para fazer esquecer que o capitalismo transformou o homem vivo em abajur. As montanhas de cabelos, os dentes de ouro, os cadáveres transformados em mercadoria devem fazer esquecer que o capitalismo fez do homem vivo uma mercadoria. É o trabalho, a vida mesma do homem, que o capitalismo transforma em mercadoria.

Eis a origem de todos os males. Utilizar os cadáveres das vítimas do capital para tentar esconder esta verdade, servir-se desses cadáveres para proteger o capital é o modo mais infame de explorá-los até o fim.

#### Notas:

1) O comércio, sobretudo o comércio de dinheiro, era estranho ao esquema fundamental da sociedade feudal, e atribuído às pessoas que não pertenciam a essa sociedade, geralmente os judeus. O ostracismo em que eram mantidos traduzia a tentativa de manter essas atividades, por necessárias que fossem, à margem da sociedade. Mas o comércio e a usura eram as formas primárias do capital: o ódio aos judeus exprimia de forma mistificada e inadequada a resistência que as classes da sociedade feudal - do camponês ao fidalgo provinciano, passando pelo clérigo e o artesão das guildas - opunham ao irresistível desenvolvimento do mercantilismo, que dissolvia sua ordem social. Mesmo depois do estabelecimento do capitalismo e da grande indústria, a tradição "popular" pequeno-burguesa continuou freqüentemente a identificar o judeu com o Capital.

2) Ver: *L'Histoire de Joël Brand*, par Alex Weissberg, Editions du Seuil.

3) *Idem, Ibidem*.

4) O tema do artigo não era, obviamente, o estado de Israel e a questão palestina. Mas podemos, aqui, fazer algumas considerações.

O movimento comunista sempre condenou o sionismo como uma falsa solução, posto que burguesa, do "problema judeu", um problema que, na realidade não é um problema nacional, mas social; e mostrou que um estado judeu na Palestina só podia ser um instrumento da dominação imperialista no oriente médio. É o que afirma, nos anos 20, a Internacional Comunista, e os fatos posteriores nada mais fizeram do que confirmar tal posição. O triunfo da contra-revolução, o esmagamento internacional do proletariado e sua ausência da cena histórica como força independente, durante decênios, permitiram ao imperialismo utilizar para seus próprios fins suas vítimas, os sobreviventes dos extermínios.

O estado que devia eliminar o anti-semitismo, a discriminação e a opressão racial, não somente não resolveu a "questão judia" em escala mundial, mas está fundado sobre a discriminação e a opressão racial e religiosa. Não é sequer um estado nacional, no sentido moderno, isto é, burguês: fundado sobre a igualdade jurídica de todos os cidadãos, mas um estado colonial. A tal ponto que pode retomar, contra os árabes, as mesmas leis discriminatórias que o colonialismo britânico impôs aos judeus. O que o imperialismo obteve foi que milhões de suas vítimas identifiquem a defesa de sua sobrevivência com a defesa desse estado colonial e racista, ponta de lança e gendarme regional do imperialismo made in USA.

É verdade, também, que a constituição do estado de Israel contribuiu para revolucionar os países árabes: mas ao contrário, como sempre faz a penetração capitalista. As massas palestinas,

expropriadas e dispersas por toda a região, desempenham um papel de fermento revolucionário. A coalizão contra-revolucionária que inclui os estados árabes mais reacionários ao estado judeu, capitalista e imperialista, englobando os estados progressistas e o imperialismo mundial, submetem essas massas a uma opressão e uma repressão ferozes. Através de um longo e doloroso caminho, essas massas proletárias têm visto fracassar todas as soluções nacionais e burguesas, preparando-se para se lançar contra todo o sistema de estados locais e todo equilíbrio mantido pelo imperialismo. Essas massas palestinas são a força motriz da luta de classes no oriente médio e, como tal, devem se juntar à luta do proletariado mundial.

FONTE: *Programme Communiste*, n. 11, abril-junho de 1960.

(O texto original em francês pode ser encontrado em <http://www.sinistra.net/lib/app/alit/alphait.html> )

<http://www.geocities.com/autonomiabvr/galib.html>

SILÊNCIO COMPLETO

## **Congresso americano é território ocupado do lobby israelense**

### **A portas fechadas. Como o lobby israelense silencia os dissidentes**

por Charley Reese

Tratando-se de autores de prestígio que lançam livros com severas críticas a Israel e ao seu poderoso lobby, o primeiro degrau da confrontação é através do silêncio total. Entretanto, o mandamento do silêncio só é válido quando se trata de um livro que não foi comentado e o autor não tenha sido entrevistado.

No caso de publicações sem ressonância na grande mídia e sem entrevista com seus autores, para o americano comum não existe crítica a Israel, pois ele obtém sua informação exclusivamente dos grandes cartéis da mídia.

O segundo degrau da confrontação já é mais pesado e vai direto ao ponto. Sucedem-se fortes e malvados ataques aos autores. O lobby israelense é citado neste artigo, pois ele está em prática justamente agora contra um excepcional e bem fundamentado documento intitulado "O lobby israelense e a política externa americana". Este documento foi elaborado por dois renomados professores americanos. John J. Mearsheimer da Universidade de Chicago e Stephen M. Walt do Instituto John F. Kennedy, da Universidade de Harvard.

Através de uma pesquisa na Internet, pode-se determinar que o trabalho de ambos os cientistas tem grande divulgação pela rede, mas não encontra qualquer comentário na grande mídia. À publicação é destinado o silêncio completo por parte do grande cartel das mídias.

O trabalho do professores foi divulgado somente na revista "London Reviews of Books". Mais além podemos ler em [www.lrb.co.uk](http://www.lrb.co.uk) uma versão redigida, assim como obter uma cópia dele. Nos noticiários, o trabalho apareceu somente em "Christian Science Monitor" e foi atacado por David Gergen em "U.S. News & World Report". Gergen é um freelancer da revista, a qual pertence ao ativo sionista Mortimer Zuckerman. Gergen é um mestre da deturpação a serviço daquele que lhe dá sustento.

A afirmação central do trabalho de Mearsheimer e Walt, baseada em sólidas fontes bibliográficas dos cientistas, é a seguinte: o lobby israelense distorceu de tal maneira a política externa americana no Oriente Médio, que os Estados Unidos sobrepõem a segurança de Israel até mesmo sobre a sua própria segurança.

**Nunca ocorreu tal situação na história americana, analisaram os autores.**

A organização ADL (Anti-Defamation League) foi citada em uma publicação judaica, na qual a ADL atacará os dois professores com grande intensidade, caso a publicação tenha ressonância na grande mídia. Até o momento isso não ocorreu, embora na "Christian Science Monitor", um dos cães de guarda do lobby israelense, tentou desqualificar os dois acadêmicos como incompetentes.

A publicação dos professores não é a primeira a ser criticada pelo lobby israelense. Vários outros textos de grandes autores foram editados, porém, permanecem ainda desconhecidos do grande público. Podemos incluir aqui o livro do antigo deputado republicano Paul Findley "They dare to speak out" (Eles ousam abrir a boca), contendo também o apêndice escrito por George W. Ball, um dos mais notáveis diplomatas americanos. O falecido senador William J. Fullbright foi o primeiro a caracterizar o Congresso americano como um **território ocupado israelense**"

Os autores Mearsheimer e Walt esperam que através de suas críticas se desenvolva uma discussão saudável sobre o lobby israelense e a política externa norte-americana. Logicamente é o primeiro mandamento deste lobby evitar qualquer discussão honesta sobre seus objetivos. Por isso é colocada em ação a política do silêncio e, se esta não der resultados, ações "mais persuasivas" são colocadas em prática.

Porém, uma coisa é certa: o Congresso e a mídia norte-americana foram surpreendidos com o trabalho de Mearsheimer e Walt.

Um outro autor que sofre a política do silêncio, assim como foi vítima de ações mais persuasivas, é Norman Finkelstein, professor na Universidade DePaul. Finkelstein publicou três livros, os quais muito provavelmente são desconhecidos do grande público: *The Holocaust Industry* ("A indústria do Holocausto"), *Image and Reality of the Israel-Palestine Conflict* ("Imagem e realidade do conflito palestino-israelense") e *Beyond Chutzpah: On the Misuse of Anti-Semitism and the Abuse of History* ("Por trás da Chutzpah: sobre o abuso do anti-semitismo e o estupro da história").

Você deve ler os livros e trabalhos dos autores citados, mesmo você concordando com eles ou não. Em todo caso, você não se deve deixar influenciar por coações baratas e alarmantes.

Eu sou simplesmente um jornalista, mas se você quer se deixar impressionar por diplomas, os autores Finkelstein, Walt, Mearsheimer e Ball os possuem em abundância.

01 de abril de 2006

*inacreditavel*

[http://www.inacreditavel.com.br/mundo/lobby\\_israel\\_congresso\\_USA.html](http://www.inacreditavel.com.br/mundo/lobby_israel_congresso_USA.html)

CONHECEM A FUNDO

## **"Nós somos nacionalistas, a nova face da América Latina"**

Por Jonas

### ***Uma chama nacionalista e redentora sobre um continente explorado e ensangüentado***

Juntamente com Hugo Chávez e Evo Morales, o candidato Ollanta Humala pode tornar-se o terceiro presidente de origem indígena a presidir uma nação latina americana. A imprensa internacional mostra toda sua insegurança quando classifica esta nova "moda" como uma vitória do populismo de esquerda. Entretanto, aqui se trata de uma nova elite indígena composta por ferrenhos nacionalistas e que atuam segundo a política "sangue e solo".

Para aquela parcela dos formadores de opinião que desprezam os valores humanos, a chance da comparação das idéias destes nacionalistas com aquela antiga idéia de Adolf Hitler é muito grande e por isso percebemos os diversos ataques dirigidos a estes líderes. A preocupação com um suposto

racismo indigenista apareceu logo após a vitória de Evo Morales e já pôde ser lida na imprensa internacional:

"Racismo era considerado há pouco tempo como um perigoso trasmissor de doenças que devia ser combatido imediatamente. A concepção de uma raça pura, raças superiores e inferiores, foi desacreditada totalmente após o regime nazista ter mostrado que este estereotipo pode levar a um abismo apocalíptico. Porém, pessoas como Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia e a família Humala no Peru retornam para tal racismo nas luzes da ribalta da probidade. [...] A cor da pele torna-se novamente um fator que deve julgar a bondade ou maldade de uma pessoa, seu posicionamento político ou seus desvios de conduta." [Die Welt, 20 de janeiro de 2006, pág. 7]

Uma certa histeria se espalhou entre os membros brancos da esquerda liberal quando ouvimos destes novos líderes indígenas da América do Sul, que a identidade nacional não se manifesta no passaporte, mas sim na raça, ou melhor dizendo, na cor da pele: "O índio exhibe seu estereotipo perante 'os brancos'. Isaac Humala, pai de dois candidatos a presidente, declarou em abril de 2006, em um evento social no Peru, o que aconteceria caso um de seus filhos chegasse ao poder: O Peru, segundo ele disse, tornar-se-ia um país onde somente os habitantes dos andes de "pele acobreada" teriam os plenos poderes nacionais (civis, nota do tradutor). O resto - os brancos, negros e amarelos - seriam cidadãos com alguns direitos." [Die Welt, 20 de janeiro de 2006, pág.7]

Vale a pena mencionar aqui a reação por parte do colunista do jornal alemão *Die Welt*, Christian Buch, o qual descreve chocado a estreita ligação entre o suposto líder do novo "Triunvirato" sulamericano, Hugo Chávez, e o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad: "Em um encontro dos opositores à globalização, Hugo Chávez descreve George W. Bush como o 'maior terrorista' e o governo norte-americano como 'perverso e imoral'. Sua retórica anti-fascista não o livra com certeza em prestar solidariedade ao negador do holocausto, o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. [Die Welt, 23 de março de 2006, pág.8]

Tanto o presidente Hugo Chávez, quanto seu colega Mahmoud Ahmadinejad conhecem a fundo a história do Holocausto. **Ahmadinejad atuou como professor de física na Universidade de Teerã e estudou com grande interesse os artigos do Professor Faurisson, assim como os laudos periciais de Fred Leuchter e Germar Rudolf.** Recentemente, há ações no sentido de criar uma cadeira no curso de história sobre o revisionismo histórico do Holocausto. **Já Hugo Chávez foi aluno de um estudioso argentino do Holocausto que por sua vez foi aluno do professor Robert Faurisson. Tal fato levou a mídia sensacionalista às alturas: "Chávez nomeou o argentino Norberto Ceresole, um aluno do papa dos revisionistas, Faurisson, como seu conselheiro."** [Die Welt, 23 de março de 2006, pág.8]

Hugo Chávez parece compartilhar da opinião do presidente do Irã sobre a veracidade do Holocausto judeu, pois justamente na ocasião do Natal, ele liberou o canal judaico na televisão estatal, causando um mau estar geral, principalmente quando ele afirma logo em seguida: "E Chávez ainda consegue se superar quando ele justamente em sua Mensagem de Natal, acusa os judeus de assassinos de Cristo, os quais teriam acumulado para si as riquezas do mundo. [Die Welt, 23 de março de 2006, pág.8]

Evo Morales, por sua vez, está revisando vários contratos pertinentes à exploração de matéria-prima, que podem estar lesando os interesses nacionais da Bolívia. Desta forma, ele também segue a linha de Hugo Chávez, colocando em cheque-mate os globalistas, agentes do grande capital internacional. Fica a pergunta se pelo menos Evo Morales também acredita no Holocausto judeu...

E agora entra em cena um novo camarada sulamericano na luta contra o capital apátrida: Ollanta Humala, o herói do golpe militar contra a marionete dos gafanhotos internacionais, o ex-presidente Fujimori. Humala, um carismático oficial da reserva que liderou uma revolta militar em 2000 contra o então presidente Alberto Fujimori, descreve a moderna política globalista como sendo um "tumor cancerígeno" da humanidade. Humala define a situação mundial e seus objetivos políticos como: "Nós somos vítimas de um capitalismo desenfreado, um imperialismo econômico globalizante. A concorrência das transnacionais destroem nossas indústrias, elas exploram nossa matéria-prima e nos forçam a uma economia voltada para a exportação. Existe crescimento, mas não existe desenvolvimento. Isto é igual a uma pessoa que aparentemente é saudável, mas por dentro é devorada pelo câncer. Contra isso eu luto." [Der Spiegel, 1 de abril de 2006, pág.100]

Quando questionado como ele e seus correligionários descrevem a nova política, ele responde: "Aqui no Peru nós nos denominamos nacionalistas. Mas todos nós temos um denominador comum: a luta contra o modelo econômico neo-liberal. Nós somos a nova face da América Latina." [Der Spiegel, 1 de abril de 2006]

[http://www.inacreditavel.com.br/mundo/nacionalismo\\_indigena.html](http://www.inacreditavel.com.br/mundo/nacionalismo_indigena.html) 28/04/2006

<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/04/351979.shtml>

O QUE POUÇOS AMERICANOS ENTENDEM

## Quanto Custa Israel?

Richard Curtiss

Atualmente, muitos americanos estão cientes de que Israel, com uma população de apenas 5,8 milhões de pessoas, é o maior beneficiário da ajuda externa americana, consumido, mais da metade do orçamento global americano para ajuda externa.

O que poucos americanos entendem, entretanto, é o elevado preço que pagam em muitos outros setores pela relação EUA–Israel, o que, por sua vez, é um produto da influência do poderoso *lobby* israelense sobre as políticas domésticas americanas e não tem nada a ver com os interesses estratégicos dos EUA, com os interesses nacionais dos EUA, ou mesmo com o tradicional apoio americano à autodeterminação, aos direitos humanos e ao comportamento ético em âmbito internacional.

Ademais, o caro e inabalável apoio dos EUA a Israel, esteja esse país certo ou errado, cobra um preço elevado ao prestígio e à credibilidade americana no exterior. De acréscimo, o poderoso *lobby* israelense nos EUA exerce um papel preponderante no atraso da reforma financeira das campanhas políticas, e também no afastamento da vida pública americana de alguns de nossos mais ilustres servidores públicos, membros do Congresso e até presidentes.

Finalmente, o relacionamento Israel–EUA tem custado um número significativo de vidas americanas. Os incidentes nos quais militares dos EUA em serviço, diplomatas e civis morreram no Oriente Médio foram noticiados pela mídia. Mas a mídia raramente volta a esses assuntos, e evita escrupulosamente analisar por que eles ocorreram ou compilar o tributo cumulativo de mortes de americanos resultantes de nossas políticas para o Oriente Médio centralizadas em Israel.

Cada uma dessas quatro categorias dos custos de Israel ao povo americano merece um tópico específico. O que vai a seguir, portanto, é apenas uma visão geral dessas perdas.

Primeiramente, o custo financeiro de Israel aos contribuintes americanos. Entre 1949 e 1998, os EUA deram a Israel, com uma população auto-declarada de 5.8 milhões, mais ajuda externa do que deram a todas as nações da África subsaariana, a todos os países da América Latina, e a todos os países do Caribe juntos, com uma população total de 1.054.000.000 de pessoas.

No ano fiscal de 1997, por exemplo, Israel recebeu 3 bilhões de dólares do orçamento de ajuda externa, pelo menos 525 milhões de dólares de outros orçamentos dos EUA, e 2 bilhões de dólares em garantias de empréstimos federais. Assim, o total de subvenções e garantias de empréstimo para Israel foi de 5,5 bilhões de dólares. Isto quer dizer 15.068.493 dólares por dia, 365 dias do ano.

Se acrescerem a essas subvenções e empréstimos em ajuda estrangeira os totais aproximados de subvenções para Israel de outras rubricas do orçamento federal dos EUA, Israel recebeu desde 1949 uma subvenção total de 84,8 bilhões de dólares, excluindo-se os 10 bilhões de dólares em garantias de empréstimos governamentais dos EUA que retirou dentro do prazo. E se a isso calcular-se o que os EUA pagaram em juros para tomar emprestado esse dinheiro e dá-lo a Israel, o custo de Israel para os contribuintes dos EUA sobe para 134,8 bilhões de dólares, não corrigida a inflação do período.

Falando de outro modo, os quase 14.630 dólares que cada um dos 5.8 milhões de israelenses recebiam do governo dos EUA antes de 31 de outubro de 1997, custaram aos contribuintes americanos 23.241 dólares por israelense. Isto é, 116.205 dólares por cada família israelense de cinco membros.

Nenhuma dessas cifras inclui as doações privadas de americanos para instituições de caridade israelenses, que constituíam inicialmente cerca de um quarto do orçamento de Israel, e hoje aproxima-se de 1 bilhão de dólares ao ano. Afora o efeito negativo dessas doações sobre o balanço de pagamentos, os doadores também as deduzem do pagamento de impostos, criando outro enorme dreno no tesouro dos EUA.

As cifras acima não incluem nenhum dos custos financeiros indiretos de Israel para os Estados Unidos, os quais não podem ser contabilizados. Um exemplo foi o custo que os industriais dos EUA tiveram com o boicote árabe, certamente em bilhões de dólares, em números atualizados. Outro exemplo foi o custo para os consumidores americanos do preço do petróleo, o qual subiu a tais alturas que desencadeou uma recessão mundial, durante o boicote árabe imposto como reação ao apoio dos EUA a Israel na guerra de 1973.

Outros exemplos são uma parcela dos custos de manutenção de grandes forças navais da Sexta Frota dos EUA no Mediterrâneo, basicamente para proteger Israel, e unidades aéreas militares na base

de Aviano, Itália, para não mencionar os altos custos de deslocamentos freqüentes para a Península Árábica e a área do Golfo de forças aéreas e terrestres dos Estados Unidos e de unidades navais da Sexta Frota, a qual normalmente opera no Oceano Pacífico. Há muitos anos atrás, o então subsecretário de Estado George Ball estimou que o verdadeiro custo financeiro de Israel para os Estados Unidos era de 11 bilhões de dólares ao ano. Desde então, a ajuda externa direta dos EUA a Israel praticamente dobrou, e simplesmente convertendo essa cifra original para dólares em 1998 a colocaria num patamar consideravelmente mais elevado. Em seguida, vem o custo de Israel para o prestígio e a credibilidade internacional dos Estados Unidos. Os americanos parecem constantemente surpresos com os fracassos de nossa política externa no Oriente Médio. Isso decorre de uma profunda ignorância do histórico da disputa israelo-palestina, a qual, por sua vez, resulta da relutância da grande mídia dos EUA em apresentar os fatos objetivamente.

Ao aproximar-se o fim do século XIX, quando o sionismo político foi criado na Europa, os judeus eram uma pequena fração da população da Terra Santa, boa parte da qual era maciçamente cultivada e densamente povoada, e certamente não era nenhum deserto à espera de ser reclamada por forasteiros.

Mesmo em 1947, depois de meio século de imigração sionista e um influxo de refugiados judeus de Hitler, os judeus ainda constituíam somente uma terça parte da população da Palestina sob mandato britânico. Somente sete por cento da terra era de propriedade judia. Mesmo quando as Nações Unidas repartiram a Palestina naquele ano, o potencial Estado judeu recebeu 53 por cento e o árabe só 47 por cento do território. Jerusalém deveria permanecer em separado, sob supervisão internacional, isto é, um corpus separatum, nas palavras das Nações Unidas.

Um dos mitos no qual muitos americanos ainda acreditam é o de que a guerra inicial entre os árabes e os israelenses irrompeu em 15 de maio de 1948, quando os britânicos se retiraram e unidades militares do Egito, Jordânia, Iraque e Síria entraram na Palestina, supostamente porque os árabes tinham rejeitado um plano de partilha que os israelenses aceitaram.

De fato, a luta começara quase seis meses antes, imediatamente depois que o plano de partilha foi anunciado. Nesse tempo, quando os exércitos árabes intervieram em maio, cerca de 400.000 palestinos já haviam fugido ou sido expulsos de suas casas. Para as nações árabes, as forças militares que eles enviaram à Palestina eram uma missão de resgate para sustar a expropriação dos palestinos das áreas que as Nações Unidas haviam concedido tanto para o Estado judeu quanto para o Estado palestino. De fato, a história revelou que as forças jordanianas tinham ordens de não penetrar nas áreas que as Nações Unidas haviam conferido a Israel.

Embora o governo israelense recém-criado não houvesse formalmente rejeitado o plano de partilha, na prática ele nunca o aceitou. Até hoje, meio século passado, Israel ainda se recusa a definir suas fronteiras. De fato, quando a guerra de 1947 e 1948 acabou, o Estado de Israel ocupava metade de Jerusalém e 78 por cento da antiga Palestina mandatária. Cerca de 750.000 palestinos cristãos e muçulmanos tinham sido expulsos das cidades, aldeias e casas para as quais as forças militares israelenses nunca permitiram que retornassem.

As quatro guerras que se seguiram, três delas iniciadas por Israel — em 1956, 1967 e 1982 — e uma delas começada pelo Egito e Síria para recuperar suas terras ocupadas em 1973, aconteceram sobre partes do Líbano, Síria, Jordânia e Egito que os israelenses ocuparam militarmente naquelas guerras, a outra metade de Jerusalém e os 22 por cento da Palestina — compreendendo a Cisjordânia e a Faixa de Gaza — que é tudo que resta para os palestinos. É ainda a má vontade de sucessivos governantes americanos para reconhecer esses fatos históricos, e ajustar as políticas dos EUA para o Oriente Médio a fim de reparar esses erros, que resultou numa perda tão devastadora de credibilidade internacional. Os americanos, que foram uma vez identificados com as modernas escolas, universidades e hospitais que eles construíram por todo o Oriente Médio, num processo iniciado há mais de 150 anos, agora são identificados com o mau uso que os EUA fazem do seu direito de veto nas Nações Unidas para acobertar as violações israelenses dos direitos humanos dos palestinos que vivem nas terras que Israel tomou pela força. A ocupação israelense viola o prefácio à Carta das Nações Unidas que condena a aquisição de territórios pela guerra. O que Israel vem fazendo nos territórios ocupados também viola a Quarta Convenção de Genebra, a qual proíbe a transferência de populações para ou de tais áreas. Os governantes dos países do Oriente Médio que chegaram a olhar para os Estados Unidos como seus protetores do colonialismo europeu, agora acham muito difícil justificar a manutenção de relações cordiais com os Estados Unidos em absoluto. Governos árabes amigáveis estão prejudicados devido a suas alianças com os EUA, e a queda de um deles, o reino hashemita do Iraque, foi diretamente atribuído à retirada prematura de suas forças armadas da Palestina durante a guerra de 1948 e seu subsequente ingresso numa aliança militar com os EUA e a Grã-Bretanha.

Mesmo nossos aliados europeus e asiáticos fizeram coro deplorando a perpétua posição dos EUA a favor de Israel. Numa recente votação de uma resolução na Assembléia Geral da ONU exortando Israel a suspender novas usurpações de terras palestinas por parte de colonos judeus,

somente os EUA e a Micronésia votaram com Israel. Das 185 nações-membros da ONU, todas as demais, sem exceção votaram contra Israel ou se abstiveram.

Mesmo assim, os americanos parecem esquecidos desses exemplos de como suas políticas para o Oriente Médio centradas em Israel estão isolando os Estados Unidos no mundo. Em seguida, vem o custo de Israel para o sistema político doméstico americano. Em dezembro de 1997, a revista Fortune pediu a profissionais lobistas para escolher o grupo de interesse específico mais poderoso nos Estados Unidos. Eles escolheram a American Association of Retired Persons (Associação Americana de Aposentados) que atua a favor de todos os americanos que têm mais de 60 anos.

Em segundo lugar, entretanto, veio o American Israel Public Affairs Committee-AIPAC (Comitê de Negócios Públicos Israel-americano) o *lobby* oficial de Israel em Washington, D.C., com um orçamento de 15 milhões de dólares — cujos recursos a AIPAC se recusa a revelar — e 150 empregados. Em troca, pode lançar mão de recursos da Conferência de Presidente das Grandes Organizações Judias Americanas, um grupo máximo constituído para coordenar os esforços a favor de Israel de cerca de 52 organizações nacionais judaicas.

Entre essas organizações estão grupos como a **Liga Anti-Difamação** da B'nai B'rith, com um orçamento de 45 milhões de dólares, e Hadassah, grupo de mulheres sionistas que gasta mais do que a AIPAC e manda milhares de americanos anualmente a Israel em visitas supervisionadas pelo governo israelense.

Tanto a AIPAC quanto a ADL mantêm departamentos de "pesquisa de oposição" secretos que compilam arquivos sobre políticos, jornalistas, acadêmicos e organizações, e divulgam essas informações através de conselhos da comunidade judaica para grupos e ativistas pró-Israel, a fim de prejudicar as reputações daqueles que ousarem falar livremente e sendo assim rotulados de "inimigos de Israel".

No caso da ADL, batidas policiais nos escritórios da organização em Los Angeles e San Francisco concluíram que muitas das informações que esses escritórios haviam compilado eram falsas e, portanto, caluniosas, e algumas delas haviam sido obtidas ilegalmente.

No caso da AIPAC, essa não é a atividade mais controversa da organização. Na década de 70, membros do conselho nacional de diretores da AIPAC passaram a formar, enganosamente, uns chamados comitês de ação política local (PACs) os quais coordenariam seus esforços no apoio de candidatos nas eleições federais. Até hoje, pelo menos 126 PACs pró-Israel foram registrados, e não menos do que 50 PACs, como a AIPAC, podem dar a um candidato que esteja enfrentando uma oposição forte e que tem votado de acordo com as recomendações da AIPAC até meio milhão de dólares. Isso é dinheiro suficiente para comprar todo o tempo de televisão necessário para ganhar a eleição na maioria dos estados do país.

O que é absolutamente inédito acerca da cadeia de comitês de ação política da AIPAC e que todos eles têm nomes fictícios. Quem poderia saber ao certo que o PAC de Delaware Valley na Filadélfia, "San Franciscan for Good Government in California" (São-franciscanos para o bom governo da Califórnia), Cactus PAC no Arizona, Chili PAC no Novo México, Beaver (castor) PAC no Winsconsin e mesmo Ice (gelo) PAC em Nova Iorque são realmente PACs pró-Israel?

Assim como nenhum outro interesse especial para pôr tanto dinheiro vivo na campanha eleitoral de um candidato como o faz o *lobby* de Israel, nenhum outro interesse especial foi tão longe na busca de apagar suas pistas. Alguns dos servidores públicos mais sábios e renomados da América foram impedidos de ganhar postos mais elevados pelo veto do *lobby* de Israel. Um líder assim, foi George Ball, que serviu na administração Kennedy como Subsecretário de Estado e na administração Johnson como embaixador dos EUA junto às Nações Unidas. Em vista de seu notável talento para prever acontecimentos internacionais, não resta dúvida de que ele teria sido Secretário de Estado se não tivesse expressado publicamente seu ceticismo sobre a relação dos EUA com Israel, o que a maioria dos americanos envolvidos em negócios estrangeiros sente privadamente.

Em encontros oficiais, aos quais jornalistas não têm acesso, os presidentes da AIPAC jactaram-se de que a organização era responsável pelas derrotas de dois dos diretores mais famosas da história do Comitê de Relações Exteriores do Senado, o democrata J. William Fulbright, de Arkansas, e o republicano Charles Percy, de Illinois. A lista de outros senadores e membros do Parlamento cujas derrotas eleitorais são atribuídas à AIPAC é longa demais para ser contada.

Há um bom número de provas também para se afirmar que, não fossem complexas manobras do *lobby* de Israel, incluindo incentivos a candidatos de um terceiro partido e incansável proselitismo exercido por colunistas e outras figuras da mídia que trabalharam pró-Israel, o presidente democrata Jimmy Carter provavelmente teria sido reeleito em 1980.

O custo para o nosso sistema político, ao perder figuras nacionais que se recusaram a permitir que os interesses políticos nacionais dos EUA ditem a política externa dos EUA tem sido enorme. Enquanto a AIPAC e outros *lobbys* poderosos continuarem a impedir esforços importantes a favor da reforma financeira das campanhas, os americanos continuarão pagando imperceptivelmente esses

custos.

Finalmente, há o custo de Israel em vidas americanas. Referências ao ataque por aviões e barcos torpedeiros israelenses ao US Liberty, no qual 34 americanos foram mortos e 171 feridos no quarto dia da Guerra dos Seis Dias em junho de 1967, são sempre recebidas com perplexidade. Muitos poucos americanos parecem ter ouvido sobre o ataque ao navio operado pela Marinha dos EUA para a Agência Nacional de Segurança monitorar as comunicações militares israelenses e árabes durante o conflito.

O governo israelense alegou que foi um caso de erro de identidade. Os membros da tripulação e outros oficiais navais que estavam estacionados no Mediterrâneo e em Washington, na ocasião, afirmam que foi uma tentativa deliberada para afundar o navio e culpar as forças egípcias pelo desastre. Esse é o único evento desse tipo na história naval americana cuja causa nunca foi formalmente investigada, fosse pelo Congresso, fosse pela própria Marinha. Perdas maiores de vidas americanas nas mãos das forças árabes que se opõem a Israel são melhor conhecidas. Estas incluem a perda de 141 militares dos EUA no bombardeio de acampamentos da Marinha dos EUA em Beirute, em 1984. Incluem também a perda de diplomatas dos EUA e empregados locais do governo dos EUA em dois bombardeios à Embaixada dos EUA em Beirute. Outros eventos semelhantes incluem o bombardeio à Embaixada dos EUA no Kuwait, a tomada de reféns americanos em Beirute, dos quais três foram mortos, as mortes de americanos numa série de seqüestros de aviões relacionados com a questão do Oriente Médio, as mortes de 19 funcionários dos EUA no bombardeio das Torres Al Khobar, na Arábia Saudita, e o assassinato de 1997 de quatro contadores trabalhando para uma companhia americana em Karachi.

Todos esses incidentes, e muitos outros nos quais americanos foram mortos, resultaram diretamente do apoio americano unilateral a Israel em sua recusa de participar do acordo "terra por paz" com os palestinos e seus outros vizinhos árabes, previsto na Resolução 242 do Conselho de Segurança da ONU. Os EUA fingiram apoiar essa resolução desde novembro de 1997. Mas na prática nada fizeram para forçar Israel e cumpri-lo, muito embora a resolução tenha sido aceita pelos membros da Liga de Estados árabes. A hipocrisia dos EUA provoca ira e frustração em todo o Oriente Médio e sul da Ásia, o que continuará a cobrar vidas americanas até que Israel finalmente devolva as terras que ocupou em 1967, ou os EUA parem de subsidiar a intransigência israelense.

Alegações de que há aspectos positivos no relacionamento EUA-Israel raramente resistem a uma análise. Durante a administração Reagan, a expressão "relação estratégia" foi empregada pela primeira vez, conferindo benefícios aos EUA e a Israel. A idéia de que Israel — menor do que Hong Kong tanto em população quanto em área — possa oferecer aos Estados Unidos benefícios suficientes para compensar a hostilidade que a relação desencadeia entre 250 milhões de árabes numa extensão estratégica de território de 4.000 milhas que vai do Marrocos a Omã, é ridícula. Torna-se ainda mais ridícula quando se imagina que a relação também alienou outros 750 milhões de muçulmanos os quais, juntamente com os árabes, controlam mais de 60 por cento das reservas comprovadas de petróleo e gás. Os apologistas de Israel também descrevem a cooperação EUA-Israel em desenvolvimento de armas. O fato é que um ou dois programas de armas conjuntos bem sucedidos foi amplamente financiado pelos EUA, enquanto por sua parte os israelenses têm repetidamente vendido para nações corruptas armas passadas a Israel sem nenhum custo.

É um fato triste mas comprovado que o governo israelense também obteve tecnologia militar secreta dos EUA, os quais Israel vendeu a outros países. Por exemplo, depois que os EUA enviaram baterias defensivas de mísseis Patriot por motivo de uma emergência para defender Israel durante a Guerra do Golfo, os israelenses parecem ter vendido a tecnologia do míssil Patriot à China, de acordo com o inspetor geral do Departamento de Estado. Em consequência, os EUA foram obrigados a desenvolver toda uma nova geração de tecnologia de mísseis capazes de penetrar as defesas que a China desenvolveu por causa da traição israelense. Talvez a racionalização mais hipócrita oferecida pelos amigos de Israel é que o tratamento especial dado pelos EUA é justificado porque Israel "é a única democracia em funcionamento no Oriente Médio", e que Israel e os EUA têm muitas instituições básicas em comum. De fato, a democracia israelense não funciona para não-judeus. Ao contrário dos EUA, onde pela lei todos os cidadãos têm direitos iguais independentemente de origem religiosa ou étnica, cidadãos muçulmanos e cristãos de Israel não têm direitos iguais aos judeus com relação a serviço militar, aos extensos benefícios sociais disponíveis para os veteranos do serviço militar israelense, ou mesmo em termos de tributos israelenses impostos aos cidadãos árabes e aos investimentos do governo israelense em comunidades árabes dentro de Israel.

Ademais, a cidadania israelense não está ao alcance dos muçulmanos e palestinos cristãos expulsos de seus lares em Israel em 1948, nem dos seus descendentes. Mas um judeu nascido em qualquer parte do mundo, pode ter cidadania israelense quando solicitada.

Talvez mais chocante seja o fato pouco conhecido de que atualmente 90 por cento da terra em Israel mesmo é mantida sob cláusulas impedindo não-judeus, mesmo aqueles que têm cidadania israelense, de possuir a terra ou de usá-la como um meio de vida. Infelizmente, as terras sob essas

cláusulas estão aumentando, não diminuindo. Seria difícil, portanto, encontrar dois países mais profundamente diferentes em suas abordagens das questões essenciais da cidadania e dos direitos civis e humanos do que os Estados Unidos e Israel.

<http://www.alfredo-braga.pro.br/discussoes/quempagaisrael.html>

NUMEROS

## Os Mentirosos Números Sobre Auschwitz

Transcrevemos a seguir a dança dos desmoralizados números de "vítimas" de Auschwitz que, graças ao poder da mídia, durante 55 anos levaram a maior parte do mundo a acreditar que os alemães eram um povo de assassinos e que Auschwitz era uma fábrica para exterminar judeus e não um enorme complexo industrial, destinado a abastecer uma parte das necessidades do exército alemão. A exploração desta farsa/mentira, por incrível que pareça, rende bilhões de dólares, até hoje, aos criadores/inventores/exploradores do chamado "holocausto judeu", pagos pela Alemanha - sob ameaças de boicotes comerciais e outras punições, por parte dos vencedores - pois nenhum dos 68 países que estiveram em guerra com a mesma assinou qualquer tratado de Paz até agora, fato que a torna totalmente submissa e que nos levou a taxá-la de ser uma Colônia Sionista. A Alemanha, além de pagar tudo que os "vivos" exigem, por um nefasto Tratado de São Francisco, de 28.6.1945, feito sob os auspícios da O.N.U., ainda deve zelar e impedir que possa surgir um Partido Nacionalista forte, motivo pelo qual os governantes alemães tanto perseguem esse tipo de movimentos, logo apelidados de nazistas ou neonazistas pela imprensa, que os acusa injustamente por qualquer arruaça ou crime que acontece no país.

Não deve ser esquecido que na Alemanha continuam acantonadas forças militares de países que a derrotaram, continuando pois a ser um país militarmente ocupado. Na Alemanha - POR LEI - é proibido duvidar do "holocausto". Cadernos escolares na Alemanha contém a foto de Anne Frank... uma farsa super-desmoralizada há muitos anos nos outros países pois tem partes escritas com caneta esferográfica, que somente foi inventada muitos anos após sua morte. "Governos alemães" processam e encarceram professores, historiadores, pesquisadores e qualquer alemão que duvidar do chamado "holocausto judeu", não importando sua idade. A lista de presos é enorme. Já houve casos de suicídio para não ser preso. Diversos estudiosos fugiram da Alemanha para evitar processos. Os "vivos" naturalmente usam essa total passividade dos dirigentes alemães, presos a Tratados, para mostrar que o fato deles confirmarem o "holocausto judeu" e até prender quem se posiciona contra a farsa, e até perseguir os "neo", tornam a lenda uma Realidade... Lentamente, porém de forma segura, estamos conseguindo mostrar e esclarecer nossos leitores.

Data	=	Fonte de informação	Nº de mortos
*31.12.1945	=	Painel francês de investigação de crimes nazistas	8.000.000
*19.08.1998	=	Chefe do Rabinato da Polônia ( <i>Süddeutsche Zeitung</i> )	6.000.000
*20.04.1978	=	<i>Le Monde</i> (Diário francês)	5.000.000
*23.01.1995	=	<i>Die Welt</i> (Diário alemão)	5.000.000
*20.04.1989	=	Eugen Kogon (Livro " <i>Der SS Staat</i> ", pg. 176)	4,500.000
*31.12.1952	=	<i>Der Neue Herder</i> (Encyclopedia, Germany) 7ªed.p.214	4.500.000
*01.10.1946	=	IMT-Doc.008-Urss (Tribunal Militar de Nuremberg)	4.000.000
*02.05.1997	=	<i>USA-Today</i> (Diário norteamericano)	4.000.000
*24.11.1989	=	Head prosecutor Mojarowsky, Wuppertal, Alemanha	4.000.000
*26.07.1990	=	<i>Allgem.Jüdische Wo.Zeit.</i> (Semº judaico de Bonn)	4.000.000
*08.10.1993	=	<i>ZDF - Nachrichten</i> (TV alemã)	4.000.000
*25.01.1995	=	<i>Wetzlarer Neue Zeitung</i> (Diário alemão)	4.000.000
*01.10.1946	=	IMT-Doc.3868-PS (Tribunal Militar de Nuremberg)	3.000.000
*01.01.1995	=	<i>Damals</i> (Revista mensal alemã, oficial, de Bonn)	3.000.000
*18.07.1990	=	<i>The Peninsula Times</i> (Diário, de SFrancisco,USA)	2.000.000
*25.07.1990	=	<i>Hamburger Abendblatt</i> (Diário alemão)	2.000.000
*27.01.1995	=	<i>Die Welt</i> (Diário alemão)	2.000.000
*02.05.1997	=	<i>USA-Today</i> (Diário norteamericano)	1.500.000
*11.06.1992	=	<i>Allgem.Jüdische Wo.Zeitung</i> (Semanário judaico)	1.500.000
*08.10.1993	=	<i>ZDF</i> (TV alemã)	1.500.000

- \*23.01.1995 = *Die Welt* (Diário alemão) 1.500.000
- \*01.09.1989 = *Le Monde* (Diário francês) 1.433.000
- \*02.02.1995 = *Bunte Illustrierte* (Semanário alemão) 1.400.000
- \*22.01.1995 = *Welt am Sonntag* (Ed.de domingo, do diário alemão) 1.200.000
- \*27.01.1995 = *Die Welt* (diário alemão) 1.100.000
- \*27.01.1995 = Inst<sup>o</sup> de Hist.Contemporânea de Munich 1.000.000
- \*31.12.1989 = Pressac, *Auschwitz*, da Fundação Beate Klarsfeld 928.000
- \*27.09.1993 = *Die Welt* (Diário alemão) 800.000
- \*22.01.1995 = *Welt am Sonntag* (Ed.dominical) 750.000
- \*01.05.1994 = *Focus* (Semanário alemão-revista) 700.000
- \*23.01.1995 = *Die Welt* (Diário alemão) 700.000
- \*31.12.1994 = Pressac, *Crematories*, Piper 470.000
- \*08.01.1948 = *Welt im Film* (película britânica nº 137) 300.000
- \* 06.01.1990 = *Frankfurter Rundschau* (Diário alemão) 74.000
- \*31.05.1994 = Livro *Stalins Vernichtungskrieg*, p.302, de Hoffmann 74.000
- \*17.08.1994 = Cruz Vermelha Internac., de Arolsen (ref.abr.:I0428) 66.206.

EZRA POUND : UMA VOZ NO DESERTO

## “A usura é o câncer da humanidade.”

Ezra Pound

Poucos souberam denunciar os malefícios da usura e a hipocrisia do sistema democrático-liberal de forma tão contundente e clara como Ezra Pound.

Ezra Weston Loomis Pound nasceu em 1885 em Idaho, EUA. Aos vinte e três anos decidiu mudar-se para a Europa. Fixou-se em Londres, onde começou a travar contato com os círculos intelectuais ingleses. Conheceu William B. Yeats, poeta já consagrado, tendo-se estabelecido entre ambos uma forte relação de amizade e uma produtiva troca de idéias que se prolongou por vários anos. Em 1912, Pound foi convidado a ser correspondente da revista Poetry, de Chicago. Ele usou essa relação com a revista para promover jovens escritores hoje famosos – T.S. Elliot, James Joyce e Ernest Hemingway, entre outros – os quais talvez nunca tivessem conseguido seu lugar ao sol de outra maneira. Chegou inclusive a financiá-los com recursos do próprio bolso, embora vivesse em condições relativamente precárias, e foi essa uma das inúmeras mostras de idealismo que deu ao longo da vida. Numa determinada ocasião, declarou que sua meta principal era manter vivo um certo número de poetas vanguardistas a fim de que as artes fossem colocadas “no lugar que merecem como guia reconhecido e como lâmpada da civilização”, e lutou com todas as suas forças para que esse objetivo pudesse ser alcançado.

A obra de Pound é pontuada de severas críticas ao sistema capitalista. Durante a Segunda Guerra Mundial, as convicções do poeta levaram-no a apoiar o Fascismo, que considerava como a única possibilidade de vencer o sistema financeiro internacional, identificado por ele como a causa principal dos problemas do mundo. Ele atribuía a culpa pelos conflitos à finança internacional, e acusou o Judaísmo norte-americano de haver criado o Bolchevismo: “Esta guerra não nasceu de um capricho de Hitler ou Mussolini”, afirmou certa vez, “esta guerra é parte da luta milenar entre usurários e trabalhadores, entre a usurocracia e todos os que fazem uma jornada de trabalho honrado com o braço ou com o intelecto”.

Em Rapallo, Itália, onde viveu de 1925 a 1945, Pound obtém durante a guerra uma autorização da rádio Roma para nela se pronunciar regularmente. De janeiro de 1941 a julho de 1943, falou através dela duas vezes por semana, quando então expôs suas idéias contra a guerra, contra o presidente Roosevelt e o sistema de usura. Ele costumava dizer que somente com o rádio a liberdade de expressão se tornava viável, uma vez que, por mais que se alegasse o contrário, a imprensa estava controlada.

Mas, como é fácil imaginar, as idéias do poeta incomodavam muita gente e, em 5 de maio de 1945, ele acabou sendo detido por soldados americanos e levado ao centro disciplinar de treinamento de Pisa, onde durante três semanas permaneceu encerrado numa jaula de ferro (a “jaula do gorila” referida por ele em seus Cantos), a qual compunha uma fileira de outras tantas jaulas contendo condenados à morte. Exposto ao sol e à chuva e à permanente claridade de fortes holofotes, que o impediam de conciliar o sono, acabou adoecendo e sendo transferido para a assistência médica.

O suplício apenas começava. Seis meses depois, ainda preso, Pound foi transferido para Washington acusado de haver se aliado aos inimigos dos EUA. E, tendo-se declarado da forma mais arbitrária possível que ele não se encontrava de posse de seu juízo nem tampouco em condições de testemunhar, foi trancado num hospital em Washington, de onde somente saiu em 1958. “E agora me chamam louco, porque me despedi de toda loucura...”, escreveria o poeta em seu *Personae*.

Em várias ocasiões, enquanto esteve no hospício, Pound afirmou estar encerrado num manicômio dentro de outro, pois considerava a sociedade americana como uma imensa casa de loucos. Durante todo o período em que permaneceu preso, ele nunca abriu mão de suas convicções. Mostrou-se assim digno autor daquela sua declaração: “Se um homem não está preparado para correr riscos por suas opiniões, ou suas opiniões não valem nada ou então ele não vale nada”.

Uma vez libertado, o poeta continuou a sofrer perseguições até o fim de seus dias. A Academia de Artes e Ciências dos EUA não aceitou seu nome para a concessão da medalha Emerson, recusando-se, numa atitude sem precedentes, a aceitar o informe de seu próprio comitê. E, ano após ano, foi-lhe negada a concessão do prêmio Nobel, mesmo depois que este havia sido concedido a vários daqueles autores que ele próprio influenciara, os quais não cessavam de proclamar-lhe a superioridade. A seu respeito, Elliot declararia: “Nenhum homem vivo pode escrever como ele, e eu me pergunto quantos terão a metade de seu talento”. E quando, em 1954, Hemingway recebeu o prêmio Nobel de literatura, disse que teria preferido que, ao invés dele, Pound é que o tivesse ganho. Em 1948, Pound chegou a ser homenageado através do prêmio Bollingen de poesia, outorgado pela biblioteca do Congresso. Mas, sem demora, a mídia atacou-o brutalmente e o Congresso retirou esse prêmio da biblioteca e o transferiu para a universidade de Yale.

E assim é que os Estados Unidos da América, esses auto-intitulados paladinos da democracia e dos direitos humanos, boicotaram seu maior poeta do século XX a ponto de declará-lo louco e trancá-lo num hospício durante treze anos, sem qualquer julgamento, advogado ou direito a defesa, pelo simples fato de ele haver se dignado a propagar aos quatro ventos as grandes verdades que se ocultam sob os véus do liberalismo econômico e político do sistema capitalista. E, depois de haverem-lhe restituído o sagrado direito de andar à luz do sol, negaram-lhe o justo reconhecimento, mantendo-o num forçado anonimato a fim de que suas idéias não fossem divulgadas.

A teoria econômica de Ezra Pound parece estranha aos economistas de hoje, com seus cérebros e corações poluídos por séculos de usura. Sua raiz mais profunda pode ser encontrada no Deuteronômio 23, 19-20. O poeta também foi influenciado pelas idéias de Sílvio Gesell, que rebate brilhantemente a justificativa lógica do juro em sua obra *A ordem econômica natural*, na qual demonstra que os juros compostos, com seu crescimento exponencial, tornam-se rapidamente impagáveis.

## Com Usura

### Ezra Pound

Com usura nenhum homem tem casa de boa pedra  
blocos lisos e certos  
que o desenho possa cobrir;  
com usura  
nenhum homem tem um paraíso  
pintado na parede de sua igreja  
harpes et luthes  
ou onde a virgem receba a mensagem  
e um halo se irradie do entalhe;  
com usura  
ninguém vê Gonzaga, seus herdeiros e concubinas  
nenhum quadro é feito para durar e viver conosco,  
mas para vender, vender depressa;  
com usura, pecado contra a natureza,  
teu pão é mais e mais feito de panos podres  
teu pão é um papel seco,  
sem trigo do monte, sem farinha pura.  
Com usura o traço se torna espesso  
com usura não há clara demarcação  
e ninguém acha lugar para sua casa.  
Quem lavra a pedra é afastado da pedra

O tecelão é afastado do tear.  
COM USURA  
a lã não chega ao mercado  
a ovelha não dá lucro com a usura  
A usura é uma praga, a usura  
embota a agulha nos dedos da donzela  
tolhe a perícia da fiandeira. Pietro Lombardo  
não veio da usura  
Duccio não veio da usura  
nem Pier della Francesca, nem Zuan Bellini veio  
nem usura pintou La Callunia.  
Angelico não veio da usura; Ambrogio Praedis não veio,  
Nenhuma igreja de pedra lavrada, com a inscrição: Adamo me fecit.  
Nenhuma St. Trophime  
Nenhuma Saint Hilaire.  
A usura enferruja o cinzel  
Enferruja a arte e o artesão  
Rói o fio no tear.  
Mulher alguma aprende a urdir o ouro em sua trama;  
A usura é um câncer no azul; o carmesim não é bordado,  
A esmeralda não encontra um Memling.  
A usura mata a criança no ventre  
Detém o galanteio do moço  
Ela  
trouxe paralisia ao leito, jaz  
entre noivo e noiva  
CONTRA NATURAM  
Putas para Elêusis  
cadáveres no banquete  
a comando da usura.

Ezra L Pound. In: *Ezra Pound: Poesia*. Tradução de Augusto de Campos. São Paulo, Hucitec, 1983.

## O nascimento da usura

### Ezra Pound

“E tê-lo-iam envenenado não fora a forma do punho de sua espada.”

É comum ouvirmos falar sobre o notável negócio que os bancos costumam fazer cobrando altas taxas de juros a quem pede um empréstimo e pagando pouco a quem faz um depósito com prazo fixo. Esta diferença, conhecida normalmente como spread, costuma oscilar entre 25 e 50% segundo o tipo de operação realizada. E àquele que considerar que estamos exagerando pediríamos que vá perguntar em qualquer banco que porcentagem de juros ganharia num prazo fixo ou caderneta de poupança. E que verifique ainda a taxa de juros que lhe foi cobrada pelo uso de seu cartão de crédito no mês passado.<sup>1</sup>

Essa grande fraude à qual nos referimos teve início quando alguns dos mais perspicazes banqueiros observaram, em seus muitos anos de experiência bancária, que, em média, os depositantes nunca sacavam mais que dez por cento dos depósitos. Já no século XIV os bancos haviam se apercebido desse fato. E então, aquilo que para qualquer outro mortal não teria significado senão um simples dado estatístico, para esses adoradores do materialismo representou uma descoberta importante. Eles raciocinaram da seguinte forma: “Tenho depósitos de 100 denários e emiti recibos para a mesma quantia, mas sei que os depositantes, em total, nunca sacam mais do que 10%. O que aconteceria se eu emitisse recibos para 1000 denários, mantendo em meus cofres os mesmos 100 denários? Isso me permite cobrir os 10% que a experiência indica que em média são retirados”. E, então, começaram a emprestar recibos equivalentes a 900 denários e faziam esses empréstimos cobrando juros.

Em outras palavras, o banqueiro emitia recibos no total de 1000 denários e mantinha disponíveis em seus cofres moedas de ouro no valor de 100 denários, pois sua experiência lhe indicava que nunca os saques conjuntos ultrapassavam os 10%, que era a quantidade de que ele efetivamente dispunha em moedas de ouro. A Reforma Protestante havia enfraquecido a proibição eclesiástica de emprestar a juros, de forma que essas operações haviam deixado de ser ilegais, e logo os sistemas jurídicos começaram a proteger cada vez mais os direitos dos banqueiros, especialmente depois da Revolução Francesa.

Os banqueiros realizaram assim, em proveito próprio, o sonho dos alquimistas de fabricar ouro a partir do nada. E, inclusive, aperfeiçoaram a idéia, já que a substância básica utilizada sequer era o chumbo, mas simplesmente papel, muito mais barato. Os leitores dirão que tudo o que eles fizeram foi emprestar esses recibos equivalentes a 900 denários e que esses recibos continuam sendo simples papéis. Certo, mas aqueles que faziam um empréstimo tinham de saldá-lo com ouro ou com outros bens, que eram entregues como garantia da operação em questão.

Os financistas não criaram ouro novo, mas criaram uma poderosa maneira de tosquiar os cristãos incautos daquela época e também os de hoje, com dívidas gravosas unidas à pesada carga dos juros usurários. O setor financeiro, aos poucos, viu seus patrimônios crescerem de forma exponencial. Surgiram em cena as inconcebíveis fortunas dos Papas das finanças, como os Rothschild, Rockefeller, Lazard, Morgan, Khun, Loeb e Soros, entre tantos outros.

Caso o leitor imagine que os fatos aqui expostos não passam de um relato de épocas passadas, saiba que os mesmos continuam tendo notável vigência. E, se ele não acreditar nisto porque não se encontra endividado com o sistema bancário e nem mesmo é usuário de cartões de crédito, será melhor que se informe a respeito da dívida externa de seu querido país. A da Argentina é de 140 bilhões de dólares, a do Brasil é ainda maior. Não será difícil aos demais irmãos latino-americanos obter dados precisos sobre as dívidas externas de seus respectivos países, nem tampouco constatar que, de uma forma ou de outra, eles se encontram tão hipotecados com a usura internacional quanto a pobre Argentina.<sup>2</sup>

#### Notas

1. Num exemplo típico do Brasil de hoje, o banco remunera a aplicação de renda fixa em 1% ao mês e cobra 5% do infeliz que faz o empréstimo. Ao final de 12 meses, paga 12,68% ao aplicador e cobra 79,58%, ou seja, ganha 66,9% em dinheiro que não é seu. Na prática, o governo morde parcela substancial desse valor com impostos, o que não invalida o raciocínio.

2. Leia mais sobre usura em Quem quer dinheiro?, na *Humanus* I.

*Humanus* 3

<http://www.samamultimedia.com.br/port/catalogo/art03-ezra-pound.html>

TSUNAMI HOLOCAUSTICA

## O Síndrome de Dresden

Robert Faurisson

Pela primeira vez em sessenta anos, o jornal diário francês *Le Monde* manifestou um pouco de humanidade e compreensão para com o povo alemão chamando a atenção para o sofrimento atroz infligido à nação enormemente derrotada pelos Aliados da altura da guerra. Na primeira página da sua edição de 13-14 de Fevereiro, o jornal editou um cabeçalho de três colunas intitulado “La renaissance de Dresde réveille la Mémoire allemande” (“O Renascimento de Dresden Desperta a Memória Alemã”). A página 2 era dedicada por inteiro às comemorações do bombardeamento de Dresden em 1945. O editorial, na página 17, tinha o título de “Mémoire Allemande” (“Memória Alemã”); era, obviamente, de tom jesuíta mas notei algumas frases que me deram alguma esperança; por exemplo: “Com o passar dos tempos, testemunhamos uma reexaminação da História da Alemanha com os seus pontos obscuros e com os seus pontos brilhantes.”

A tsunami holocaustica de Janeiro enterneceu um bom número de franceses. Mas parece que, desde o início deste mês, se iniciou uma reviravolta que começa a tomar conta da consciência pública. Mantemos a esperança de que esta reviravolta se mantenha a longo prazo na França, na Alemanha e no resto do mundo.

Não devem ser criadas nenhuma ilusões acerca da capacidade do *Le Monde* desafiar determinadas regras deste modo. Podemos até rezear que, com o intuito de ser perdoado por um acto audacioso, retome o seu rumo holocaustico alinhando-se com a restante comunicação social, por exemplo em Abril, pela ocasião dos “Dias da Deportação”, ou em Julho, para a comemoração da reunião dos judeus na “Vel d'Hiv” (a arena de ciclismo de Inverno) em Paris em 1944, entre Outubro e Novembro no decorrer da visita de Chirac ao campo de Struthof, na Alsácia. Tendo dito isto, o *Le Monde* efectuou um esforço fora do normal, e pode valer a pena escrever ao seu director Jean-Marie Colombani e encorajá-lo nesta nova via. Alguns leitores queixaram-se do espaço exorbitante utilizado pelo jornal no sexagésimo aniversário da “libertação do campo de Auschwitz”. Na sua “Chronique du Médiateur” (“coluna do mediador”), Robert Solé fez eco dos seus protestos, chegando ao ponto de escrever: “Ao cabeçalho de primeira página, na edição de 25 de Janeiro, seguiu-se um segundo, no dia 26, e depois um terceiro, no dia 28. Sem dúvida que houve um exagero” (*Le Monde* de 30-31 de Janeiro, página 14). Dez dias depois, foi editada a carta de um leitor com o título “A Destruição de Dresden”; esta terminava com a interrogação: “Não acham que é altura de falarmos disto, não só por respeito às vítimas indefesas, mas também para lembrar muitas pessoas da tragédia apocalíptica que aconteceu há apenas sessenta anos?” (11 de Fevereiro, página 16).

No dia 12 de Fevereiro, em Paris, dezasseis membros do governo, sendo um deles o primeiro ministro Jean-Pierre Raffarin, participaram no jantar anual do CRIF (“conselho representativo das instituições judias francesas”). Verdade seja dita, Roger Cukierman tomou a liberdade de efectuar inúmeras queixas e ameaças contra a França e o seu governo. Tendo sido todas as suas observações agradecidas, com cumprimentos à mistura. Desta vez, Michel Barnier, ministro dos negócios estrangeiros, considerou as afirmações de R. Cukierman como “desapontadoras”. Pela sua parte, François Fillon, ministro da educação, afirmou: “O presidente do CRIF teve a capacidade de verificar, quando voltou para a sua cadeira, que os membros do governo acharam que os fortes ataques à política de relações externas da França não eram aceitáveis” (*Le Monde*, 15 de Fevereiro, página 9). Não há muito tempo, a divulgação de reservas ou críticas deste tipo pelos nossos líderes políticos no que toca à onnipotente organização judia teria sido inconcebível.

### **A Via Para a Reexaminação da História da Alemanha?**

Será que um dia se falará do “síndrome de Dresden”? Estaremos actualmente a vislumbrar os primeiros sinais e os primeiros sintomas de um regresso à razão passados sessenta anos de ultrajante propaganda contra um país que foi derrotado na Segunda Guerra Mundial? Em Janeiro de 2005, o povo francês como um todo ficou estupefacto com a histeria shoatica. Ponderaram sobre o que poderia ter originado tamanha epilepsia. Os judeus, pela sua parte, sabem o como e o porquê, mas têm de o ocultar: o edifício do “Holocausto” ou Shoah parece tremer cada vez mais nas suas fundações. Inicialmente, no período entre 1975 e 1995, contaram com os seus historiadores para estes rebaterem os argumentos dos revisionistas. Mas o resultado foi um enorme fiasco. No campo da razão e da História, os revisionistas aniquilaram os Poliakovs, os Wellers, os Dawidowicz e os Vidal-Naquets bem como os Klarsfelds e os Berenbaums (que haviam contratado os serviços de um certo Jean-Claude Pressav), ou novamente, dos Raul Hilbergs e, depois deles, dos Jan Van Pelt. O público em geral não têm consciência disto devido à repressão exercida pela polícia do pensamento que tem conseguido a obtenção de leis especiais contra a distribuição de material revisionista. Mas por outro lado, os próprios judeus lêem os revisionistas e têm sido espectadores dos seus próprios historiadores. Portanto, a longo prazo, abandonaram progressivamente o mundo racional e trouxeram os seus palhaços e trapezistas para a festa, os Elie Wiesels e os Claude Lanzmanns. Para evocar o Shoah voltaram-se para a imaginação, para a ficção, para o cinema, os romances, o teatro, a televisão, os espectáculos e as cerimónias de todo o tipo, e à fantasmagoria da religião do “Holocausto”, indústria ou negócio, ao ponto do francês normal, apanhado numa rede de imagens, de pressão constante, numa maré de recriminações aliadas a um queixume sem fim, não teve outra opção além da de ingerir as afirmações forçadas do barbarismo Nazi e da exterminação dos judeus, uma exterminação que, diga-se de passagem, felizmente produziu uma sempre renovada estirpe de “testemunhas solitárias”, “sobreviventes únicos” e “incrivelmente e miraculosamente salvos” judeus. Foram vasculhados, uma vez mais, todos os esgotos possíveis.

Pretensos testemunhos e confissões descartadas pelos próprios historiadores judeus como falsas, têm sido recicladas e apresentadas como genuínas. Por fim, o sector mais receptivo da população tornou-se um alvo: crianças entre os sete e os dezassete anos (!) e pupilos das escolas básicas e secundárias. São o alvo preferencial desta campanha intensiva. Entre os sete e os dezassete anos, possuindo um parco conhecimento histórico e geralmente não fazendo ideia de até que ponto um adulto está disposto a ir (principalmente já com idade avançada) para parecer ser interessante recorrendo a falinhas mansas ou a mentiras flagrantes, os mais jovens dificilmente possuem a capacidade para se defenderem. Habitadas às suas “histórias da Simone Veil”, as crianças ou

adolescentes condicionadas deste modo ficariam muito surpresas ao saberem que a mencionada Veil foi durante muito tempo listada oficialmente como uma vítima dos gaseamentos de Auschwitz (sob o seu nome de solteira, Jacob) e foi, naquele mesmo campo, testemunha regular de acontecimentos específicos que manifestam que os homens das SS não eram instruídos para tratarem os judeus como gado dispensável.

Os propagandistas não irão alterar a sua tática. O seu veículo irá levá-los ainda mais longe. Irão aumentar o volume da sua propaganda. Um dia, este veículo ficará à vista de todos. Talvez então se diga que, pelo menos no que toca a este capítulo da História da segunda guerra mundial, o regresso à razão começou em Fevereiro de 2005. O síndrome de Dresden e as suas rosas brancas terão "despertado a memória alemã" e aberto a via para a "reexaminação da História da Alemanha".

Entretanto, no Canadá, o pacifista alemão Ernst Zündel padece numa prisão de alta segurança na qual tem sido mantido nos últimos dois anos, sem ter sido tampouco acusado de qualquer coisa. O seu crime? Ser revisionista. O seu erro? Trabalhar para o despertar da memória alemã e exigir a reexaminação da História do seu país.

15 de Fevereiro de 2005

<http://econac.net/dirlip.htm>

ARRANCAR DENTES

## Quem Foram Os Verdadeiros Ladrões de Dentes de Ouro?

S. E. Castan

Após o término da II Grande Guerra, o mundo foi inundado por milhares de obras sobre o chamado "holocausto judeu", onde os alemães são representados com autênticas bestas em forma humana, que cometem todos os tipos de crimes e atrocidades que um cérebro maligno possa imaginar, contra o sempre inocente e imaculado povo que se autodenomina, até hoje, como eleito de Deus, num acintoso menosprezo aos demais povos, considerados, assim, como de segunda classe.

Os Aliados concordaram com a divulgação dessa farsa, pois a mesma servia como uma luva para justificar a mortandade indiscriminada e a destruição bestial que haviam causado à Alemanha. Afinal tinham sido efetuadas contra bandidos...

A coalizão Aliada era formada basicamente por países a serviço do sionismo/imperialismo capitalista, que conseguiu uma estranha aliança com a URSS, país sob o comando de Stalin, que era inimigo, tanto do sionismo quanto do capitalismo.

Esta coalizão confirmou-se efetivamente com a invasão do território soviético por parte da Alemanha, que rompeu um tratado de amizade e não-agressão de mútuo interesse, por serem países socialistas, voltados aos interesses de seus povos. Aquele tratado, finalmente rompido, apavorava os "conquistadores do mundo", que viam nessa aliança o fim de sua milenar ambição. Muitos fatos ainda restam a ser esclarecidos pelos historiadores, pois sabe-se, hoje, que caso a Alemanha não tomasse a iniciativa, a URSS o faria, já que havia mobilizado nada menos do que 160 divisões. O ataque à URSS tem algo a ver com o histórico voo de Rudolf Hess à Inglaterra, em missão de paz, apenas 42 dias antes da invasão alemã. Não é por nada que o governo inglês considerou as conversações com o lugar-tenente de Hitler tão secretas que somente poderão ser reveladas 75 anos após, isto é, em 2016. Como Hess não tinha jeito de morrer e nem de perder a memória, os ingleses o assassinaram aos 93 anos de idade, na prisão de Spandau, justamente no momento em que se esboçava um movimento generalizado para a sua libertação.

A política de conseguir que países considerados anti-sionistas se confrontem e se desgastem já havia sido conseguida anteriormente com Alemanha X Polónia, e mais recentemente com Irã X Iraque. Os vencidos sempre são os maus.

### Em Busca do Ouro

Quem não se lembra das tão repetidas "histórias" dos alemães que -entre milhares de outras acusações -arrancavam os dentes e obturações de ouro das bocas dos infelizes judeus, logo após serem mortos por gaseamento, casos que, somente em Auschwitz, chegavam a 20 mil pessoas por dia, de acordo com os grandes deformadores?

Conforme as fotos e através do próprio relatório polonês, constantes do meu livro "A Implosão da Mentira do Século" ficou provada a não-existência das câmaras de gás, ao ponto do próprio governo polonês ter mandado arrancar -logo após os exames de laboratório feitos em 1990 -os dizeres em letras

metálicas que constavam do gigantesco monumento de Auschwitz, em 19 idiomas diferentes, e que mentirosamente, durante meio século, acusavam os alemães pelo assassinato de quatro milhões de crianças, mulheres e homens.

Como não havia câmaras de gás, também não podia haver a tão divulgada operação de arrancar dentes, obturações ou coroas de ouro, difamação que também fica implodida, como natural consequência.

Porém, durante a guerra realmente houve pessoas dedicadas a esta nefasta tarefa.

Muitos dos leitores devem se lembrar de um faccioso programa apresentado por Nei Gonçalves Dias, na TV Bandeirantes, entrevistando um dos maiores divulgadores do "holocausto" judeu, no Brasil, o Sr. Henry Nekryczx, vulgo Bem Abraham. Naquele programa foi apresentado com chocante filme mostrando aspectos do gueto de Varsóvia e o enterro de judeus numa vala comum. Na presença de um rabino, esqueléticos mortos eram colocados de qualquer maneira numa espécie de tobogã, por onde despençavam para dentro de enorme cova, causando, evidentemente enorme impacto em milhões de pessoas que assistiam o programa, alcançando, dessa forma, o objetivo da projeção, pois as pessoas eram induzidas a acreditar que se tratava de atrocidades alemãs.

Seguindo o lema de conferir e divulgar a história, consultei novamente o vasto material disponível no Centro Nacional de Pesquisas Históricas - CNPH, do qual sou presidente, para verificar o que as cenas mostradas pela Bandeirantes realmente representavam, pois foram passadas sem comentários e sobre elas ouvia-se unicamente um fundo musical, com a seguinte letra "Hitler -Hitler -Hitler, era um sujeito batuta, Hitler, Hitler..."

Naturalmente não se tratava de cenas de atrocidades "nazistas", mas sim, de um filme rodado pelos próprios alemães em 1941, como parte de um relatório ao Alto Comando, visando providências quanto à terrível epidemia de tifo que grassava em agosto/setembro daquele ano, no gueto de Varsóvia, que era administrado por um Conselho Judaico, que possuía, inclusive, sua própria polícia uniformizada. Por motivo dessa terrível doença, aparecem nas cenas esqueléticos mortos nas calçadas, outros sendo carregados em pequenas carretas até o local do enterro na vala comum. Tanto o recolhimento dos cadáveres, como o enterro era feito exclusivamente por judeus, sob orientação do próprio Conselho Judaico e assistido por rabinos.

### "Coisas Terríveis"

Transcrevo agora o que um judeu, o historiador Dr. Emanuel Ringelbaum (que tem seus "originais" conservados no "museu" do "holocausto" recentemente inaugurado em Washington) citou em suas "Memórias das ruas de Varsóvia" a respeito dessa epidemia de tifo, referindo-se a setembro de 1941:

"Acontecia coisas terríveis no cemitério. A forma comum de enterrar os pobres (sic) era atira-los como cães nas valas coletivas, mas isso não é tudo. À noite se escavam os túmulos, se tiram os dentes de ouro e se roubam as mortalhas. Ultimamente houve um inquérito disciplinar contra policiais judeus que se dedicavam a tais práticas. Em uma palavra: o mais baixo nível de degradação."

Em dezembro, ainda do ano 1941, o mesmo historiador fez a seguinte anotação:

"No início de dezembro ouvi falar a respeito de um bando de marginais judeus, que se dedicavam a arrancar dentes de ouro dos mortos. O bando costumava desenterrar, de noite, os cadáveres e tirar as coroas de dentes que encontravam. A coisa chegou ao conhecimento das autoridades (judaicas), que abriram um inquérito e prenderam os culpados".

Estas foram, até hoje, as únicas provas que consegui sobre dentes arrancados de judeus mortos e, para azar dos deformadores da história, os autores não foram alemães, porém membros da própria comunidade judaica.

### Outro Caso

Mas esse desrespeito, degradação e sede por ouro teria parado por aí? Temos certeza que não, pois conseguimos detectar novo caso, desta vez envolvendo um fuzileiro naval judeu, sendo que as vítimas, desta vez, foram soldados japoneses mortos durante a batalha de Guadalcanal, quando a guerra na Europa já havia terminado. Vamos ao relato das recordações do correspondente de guerra norte-americano, no livro intitulado "Guadalcanal":

"Na popa do "Elliott", um fuzileiro chamado Phil Chafee estava no meio de um grupo sorridente de marines. Falava com o sotaque característico do Maine, sacudindo com uma mão o saco vazio de tabaco Bull Durham e, ocasionalmente, erguendo a outra para torcer as pontas de um vasto bigode recurvado.

Rapazes -dizia ele -vou fazer uma fortuna nesta guerra. Ouvi dizer que todos os japoneses têm dentes de ouro. Por isso -grunhiu, retirando um objeto do seu bolso -arranjei uma lanterna. Os homens estouravam em risos e Chafee retrucou: Riam, seus condenados! Mas eu vou cavar ouro. Talvez as Minas do Rei Salomão, como dizem, mas eu vou conseguir o meu saco cheio de ouro, custe o

que custar. Sorriu e sacudiu o saco -Ouro puro! Naquela tarde os últimos japoneses foram aniquilados. Os colecionadores de lembranças começaram a mover-se entre os mortos. Phil Chafee estava entre eles. Começara a sua busca do ouro. Movendo-se cautelosamente, abria com pontapés as bocas dos mortos, iluminando-as com lanterna, até descobrir o que queria. Então enfiava seu alicate e puxava. Assim, um dos vencedores ia recolhendo seus hediondos troféus. No livro "O Círculo Vicioso", de Maragno de Lacerda, há a seguinte citação: "Judeus americanos que lutavam como marines (em Guadalcanal), carregavam um saquinho pendurado no pescoço, cheios de dentes de ouro".

### Um Alerta

Baseado nesse tipo de descoberta de denúncias é que chamo a atenção das autoridades brasileiras para o intento sionista -conforme resolução adotada em Bruxelas, em julho de 1992 durante reunião do Congresso Mundial Judaico (EP's 6 e 8) -de promover programas de educação sobre a história judaica e "holocausto", das escolas primárias até as universidades do Brasil e de todo o mundo, sob o disfarçado título de "combate ao racismo".

É a intenção de manter, por mais cinquenta anos, a terrível Mentira do Século. Quem denunciar e revelar suas maquinações e falsidades, será taxado de "racista", "anti-semita", "nazista"!!!...

O deputado Fábio Feldman, sionista, é um dos principais articuladores dessa missão na Câmara Federal, inclusive junto à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, para a adoção dessa cartilha do ódio também nas escolas católicas do nosso país.

Chega de mistificação, deformações e mentiras! Não podemos permitir que interesses estranhos à nacionalidade brasileira idiotizem nossos filhos e nosso povo. A passividade tem limites! Com a palavra, nossos governantes, legisladores, autoridades civis, militares e eclesiásticas, que não devem se deixar envolver em mais essa trama dos, sempre insinuantes, geralmente eficientes, mas totalmente fanáticos sionistas, com sua tradicional habilidade em apresentar-se com vítimas, para poderem alcançar seus objetivos de hegemonia mundial.

*Boletim-EP / Esclarecimento ao País Nº 10*

<http://econac.net/dirlip.htm>

PARA OS IGNORANTES

## Sabias?

S. E. Castan

\* Sabias que tens sido enganado ha mais de 50 anos por propaganda mentirosa que te faz pensar de modo injusto e errado ?

### SABIAS ?

\* A população judaica não foi reduzida em 6 milhões, durante a guerra, mas aumentou de 15.700.000 em 1939 para 17.800.000 em 1947, de acordo com Nahum Goldmann, presidente do Congresso Mundial Judaico. Se tivessem sido assassinados 6 milhões só poderiam existir em 1947 menos de 11 milhões!!!

\* Até 24/09/90 constavam, no gigantesco monumento de Auschwitz, dizeres em 19 idiomas diferentes, acusando os alemães pelo assassinato de 4 milhões de inocentes.

Naquela data, após exames das alegadas câmaras de gás, feito por especialistas poloneses, nos laboratórios de Cracóvia, o governo polonês, por não terem encontrado evidências das aplicações de gás para o extermínio de pessoas, mandou arrancar os mentirosos dizeres que constavam no Monumento.

\* No dia 02/05/94 a Revisão Editora e o Centro Nacional de Pesquisas Históricas, durante entrevista coletiva, no Hotel Continental de Porto Alegre, instituíram um Prêmio-Esclarecimento no valor de CR\$ 6.000.000 à primeira testemunha ocular judaica que provasse, perante uma Comissão Especial, a morte não de 6 milhões mas de UM ÚNICO judeu nas supostas câmaras de gás de Auschwitz.

Durante DOIS meses de validade, não se apresentou UM ÚNICO candidato ao Prêmio. Um militar comentou: "podem ser mentirosos mas não são burros".

\* Nos EUA, graças a lavagem cerebral, a maior parte dos índios norte-americanos quando assiste um filme de índios contra os pioneiros, torce a favor da gloriosa cavalaria americana, responsável pelo

extermínio dos seus ancestrais.

\* Após 50 anos de aplicação desse sistema de lavagem cerebral, por parte dos vencedores, contra a Alemanha, grande parte dos alemães realmente acredita que seus pais, tios ou avós eram criminosos. Estando seu país ocupado até hoje pelas forças armadas dos países que a derrotaram (soldados americanos, russos, ingleses, canadenses, franceses) não produziram um único filme mostrando o heroísmo do soldado e do povo alemão, apesar do soldado alemão ter sido indicado pelos aliados, conforme pesquisa efetuada pelo jornalista inglês V Stanley Moss, como o melhor e mais decente da II GM, seguido pelos escoceses, poloneses e japoneses.

\* Essa Lavagem, aliada naturalmente a interesses por posições importantes e forte dose de autêntica traição contra o povo alemão, leva seus dirigentes a ficar ao lado dos vencedores até nos festejos da Vitória aliada e chegando à máxima de cologar-se com leis e prisões contra quem revisar e revelar a verdade, principalmente a respeito do holocausto judeu.

\* Durante a separação da Alemanha, a guia turística da Alemanha Ocidental, quando o ônibus chegava na ponte de Remagen, informava que por essa ponte vieram os americanos para nos libertar... A guia da Alemanha Oriental tratava os soldados soviéticos igualmente como libertadores...

\* Não é por outro motivo que o neo-índio Roman Herzog, como presidente da Alemanha, teve o atrevimento de pedir fortes penalidades judiciais contra os revisionistas da história, em entrevista à Zero Hora de Porto Alegre, numa flagrante interferência em assuntos de nossa Pátria.

\* Simon Wiesenthal, durante 50 anos apresentado como o heróico caçador de nazistas, motivo até de filmes, começou a ser desmascarado pelos próprios sionistas.

No dia 08/02/96, no programa TV ARD alemã, para surpresa dos próprios neo-índios alemães, esse caçador foi execrado por Ela Steinberg (Membro do Congresso Judaico), Neal Sher (Chefe do Dep. de Perseguições a Nazistas do Ministério da Justiça do EUA), Benjamim Weiser Veron (diplomata israelense no Paraguai), Rafi Eitam (Comandante da operação Eichmann) e finalmente por Isser Harel (antigo chefe do Mossad) que referindo-se a Wisenthal disse: "Ele causou enormes danos através de suas falsas manifestações. Criou LENDAS. Em todos os grandes casos ele falhou. Sua importância é mínima. Espalhou FALSAS INFORMAÇÕES. Uma TRÁGICA FIGURA".

\* Nos campos de concentração existiam desde criminosos comuns, até religiosos, gerais e Primeiros Ministros das mais diversas origens e nacionalidades. Por que nenhuma alta autoridade presa descreveu sobre o extermínio de judeus em câmaras de gás? Por que somente judeus escreveram a respeito?

\* Em setembro de 1944 uma Comissão Especial da Cruz Vermelha Internacional, atendendo a uma denúncia, esteve em Auschwitz e também em Birkenau, informando, em relatório, que os internos recebiam correspondências e encomendas dos familiares e que não encontraram nenhuma evidência sobre a existência de câmaras de gás.

\* A chamada lei de Nuremberg, de 1935 que impedia o relacionamento sexual e matrimonial entre alemães e judeus, foi feita em represália à mesma Lei Rabínica existente até hoje, com a única diferença que a Lei alemã atingia a judeus, enquanto a Lei Judaica atinge pessoas de todas as nacionalidade que não sejam judias.

\* O Mito do holocausto justifica os bilhões de dólares que o Estado de Israel e sobreviventes têm recebido da Alemanha, a título de reparação, e é usado pelo grupo sionista para controlar a política exterior dos EUA, em suas relações com Israel, e para forçar o contribuinte norte-americano a conseguir verbas e armamentos que Israel deseja. O Mito afasta os judeus de toda crítica como grupo social, pois são apresentados como vítimas, e as pessoas normalmente procuram ajudar e ter piedade dos necessitados e injustiçados!

\* Alguém viu alguma vez, nos filmes, os judeus serem apresentados como terroristas, bandidos, malfeitores, criminosos ou cruéis? Eles sempre são os heróis, os inteligentes, justiceiros, valentes e ... vítimas.

\* Os criminosos, os corruptos, antipáticos, os bobos, os violentos a escória sempre foram, em diversas épocas, os índios, negros, mexicanos, alemães, italianos, japoneses, russos e árabes; Padres e freiras foram difamados até sexualmente, nos filmes.

\* Farsas anti-alemãs como A LISTA DE SCHINDLER são exibidas dando a idéia de acontecimento real, sem exigência do GOVERNO BRASILEIRO de fazer constar na apresentação e propaganda do filme, em AMPLO DESTAQUE, que se trata de um filme de FICÇÃO de Spielberg, que esta baseado no livro do mesmo nome, de autoria de Thomaz Kannealy, oficialmente registrado como LIVRO DE FICÇÃO. O governo é conivente com o sionismo, permitindo deformar a história e a mente do nosso povo, pois permite a exibição, sem o devido esclarecimento, nos colégios.

\* Filmes como Schindler, Holocausto e os milhares feitos durante os últimos 50 anos, sempre apresentando falsamente, os alemães como sádicos criminosos levaram as pessoas a acreditar na Mentira do Século, que hoje felizmente não mais se sustenta.

\* O Diário de Anne Frank tem partes escritas com caneta esferográfica que só foi inventada vários anos

após a morte da menina, por tifo, em Bergen Belsen.

Já existem várias versões todas autênticas, desse diário, sendo as mais recentes uma indicando que faleceu aos 22 anos, e não aos 14 anos. Este ano o diário deverá ser aumentado em 25% de páginas, descrevendo agora mais acontecimentos sexuais... Seria muito importante que os responsáveis pelas edições apresentassem aos pesquisadores os originais do diário, para esses poderem descobrir como escrever um diário com caneta que não existia enquanto viva!

Segundo a lenda, os descuidados agentes da Gestapo, que reviraram o apartamento do pai de Annelise (seu nome correto) não viram o diário. Sorte teve a vizinha de frente que encontrou o mesmo em seguida... mas sorte mesmo teve o pai de Anne, quando de volta de Auschwitz, após a guerra, ao visitar seu apartamento, sem saber que a vizinha já tinha encontrado o diário, encontrou o mesmo novamente, desta vez no meio de outros papéis...

Para manter a farsa sobre o diário que, juntamente com as supostas câmaras de gás e as fábricas de sabão e abajures, é das mais antigas, também recebeu um Museu em Amsterdã, onde os crédulos turistas são levados para partilhar da lembrança e sofrimento. No Brasil a farsa é mantida dando o nome Anne Frank para Ruas, praças, colégios, teatros etc... Até quando ?

<http://econac.net/dirlip.htm>

BANDIDOS ACADÊMICOS

## Jornal *A Notícia* de Santa Catarina Abre Espaço Para Nazistas

Victor Grinbaum

*Altair Reinehr, testemunha de defesa no julgamento do editor nazista  
S. E. Castan afirma que "Holocausto é lenda"*

O tradicional diário *A Notícia* da cidade catarinense de Joinville (<http://www.an.com.br/>) publicou na sua coluna *Opinião* um artigo do conhecido professor anti-semita **Altair Reinehr**, amigo e testemunha de defesa do editor de livros nazistas Siegfried Ellwanger, também conhecido como **S. E. Castan**. Além de professor, Reinehr é conferencista e costuma temperar suas opiniões francamente **anti-americanas** e anti-democráticas com grossas doses de anti-semitismo.

No artigo publicado pelo jornal catarinense em 12 de março, Reinehr não foge ao hábito. Alega que o número real de judeus mortos pelo regime Nacional-Socialista é muito menor que o conhecido e que estes índices teriam sido inflacionados para esconder a "*barbárie dos Aliados*" (ou o que quer que ele queira qualificar como tal). Ora, as alegações do auto-intitulados "*revisionistas*" jamais se comprovaram. Todos os dados apresentados pelos livros que o criminoso Siegfried Ellwanger publica em sua editora podem ser facilmente derrubados. As fontes onde tais obras de ódio dizem se basear não possuem consistência alguma e o próprio Ellwanger não tem o direito de se intitular historiador. Na sua catilinária racista e delirante, Altair Reinehr compara o número de judeus mortos pelo nazismo e o de russos assassinados pelo stalinismo. Ora, a computação de um índice não nega ou anula outro. Os crimes do regime comunista com e sem Stalin, I'S" jamais foram negados pelos judeus, tampouco o número de judeus mortos por Hitler, I'S" irá obnubilar outros números. Um crime não anula outro crime. A lógica troncha de Reinehr pretende misturar alhos com bugalhos e inserir o que ele chama de "**mito dos seis milhões**" dentro de uma esquizofrênica teoria paranóica de dominação mundial norte-americana. Para Reinehr, a Globalização e o Neoliberalismo são instrumentos de diabólica dominação americano-sionista. Tudo corroborado pelos livros da *Editora Revisão*, a indigitada casa impressora de obras anti-semitas sediada no Rio Grande do Sul. Uma vez que o dono e diretor da *Editora Revisão* foi condenado em todas as instâncias jurídicas deste país por racismo e propagação de material de ódio, os seguidores desta corrente que frauda a História e deturpa fatos e números para defender o indefensável precisam assumir o posto vago. É o que faz Altair Reinehr, que não nega as suas origens ao dizer no mesmo artigo que S.E. Castan "é pesquisador sério, observador e crítico". Que amigos de um nazista declarado, que não tem escrúpulos de falsificar documentos e dados mais que notórios queira defender um colega em apuros é algo que a lealdade até explica. Mas que um diário como *A Notícia* ceda espaço para este nefasto arauto de bandidos acadêmicos que se chama Altair Reinehr despejar suas insânias é algo que fere o decoro de toda a imprensa brasileira. O artigo original de *Altair Reinehr* pode ser lido na página eletrônica do jornal *A Notícia*:

<http://www.an.com.br/2005/mar/12/Oopi.htm>. Basta passar os olhos para perceber quais são as verdadeiras intenções do autor. *Escreva protestando contra este* descalabro que é a cessão de espaço para propagadores de mentiras e de ódio. Não deixemos que os advogados do totalitarismo e do crime ganhem terreno na nossa mídia. Pedimos aos nossos leitores, que se possível, enviem cópias das respostas enviadas aos veículos para: [respostas@deolhonamidia.org.br](mailto:respostas@deolhonamidia.org.br) Isto servirá para que possamos ter **um controle maior do que foi escrito** e comparar com o que foi efetivamente publicado na grande mídia. Além disso, os leitores do *De Olho* que derem permissão, podem ter sua carta publicada no site em breve. Agradecemos desde já a colaboração, e continuemos *De Olho!!!*

Link para artigo original:

<http://www.an.com.br/2005/mar/12/Oopi.htm> (desaparecido)

[www.deolhonamidia.org.br/Comentarios/mostraComentario.asp?tID=191](http://www.deolhonamidia.org.br/Comentarios/mostraComentario.asp?tID=191)

*DeOlhonaMidia* é francamente sionista.

## Números de Auschwitz e outros números

Altair Reinehr

Encerrada a 2ª Guerra Mundial na Europa, com a rendição incondicional da Alemanha, os Aliados - vencedores e arautos da democracia e da liberdade de expressão - precisavam de pretextos para justificar seus hediondos crimes e ocultá-los sempre que possível. E assim passou-se a falar nos campos de concentração de Dachau (este visitei), Treblinka, Sobibor, Sachsenhausen, Majdanek, Birkenau e outros, especialmente o de Auschwitz, sinônimo de matança de judeus em quantidade industrial.

Foi aí que surgiu a lenda do holocausto e o mito dos 6 milhões de judeus mortos em câmaras, onde o gás caía de chuveiros! Isso com maior intensidade a partir de 1967 e com ímpeto total após a queda do muro de Berlim. Em Auschwitz foi erigido pomposo monumento, com 19 lápides, com dizeres em 19 idiomas distintos: "Aqui 4 milhões de pessoas foram torturadas e assassinadas pelos genocidas hitlerianos". Em 1979, até o papa João Paulo 2º, em visita àquele local, foi confrontado com essa infame mentira.

Ora, a primeira pergunta que toda a pessoa crítica, esclarecida e livre de preconceitos faz é: quantos judeus viviam na Alemanha e na Europa naquele tempo? Muitas fontes fidedignas se perderam na guerra e outras - que não interessam aos vencedores - foram destruídas depois, ou guardadas a sete chaves.

Guido Knopp, pregoeiro maior da indústria de opinião da Alemanha de hoje, em seu livro *Hitler: eine Bilanz* (Editora Goldmann, 1997), afirma que a Polônia contava com o maior número de judeus na Europa: cerca de 2 milhões e que lá eram sistematicamente perseguidos (p. 294). Afirma que em 1933 viviam 503 mil judeus na Alemanha (p. 276). Que quem não cumpria as leis e vivia bem às custas do suor alheio, devia dar o fora. Que muitos emigraram e muitos foram deportados para o Leste (Sibéria). Que a partir de 1941 os 160 mil judeus que ainda viviam no país, ao saírem em público, deviam usar a estrela de Davi como identificação (p. 306). Que naquele ano Hitler reordenara a deportação de judeus para o Leste. Que *Vernichtung* (extermínio), no sentido de morte, não era o propósito inicial de Hitler (p. 274).

A esse respeito, são da maior importância as palavras de Alexander Soljenitzin, oficial russo na Segunda Guerra Mundial e mais tarde Prêmio Nobel Literatura, quando afirmou: "Se fosse verdade que Hitler ordenara a matança de 6 milhões de judeus, este número seria insignificante se comparado ao de mais de 60 milhões de russos, mortos a mando de Stalin. O número de vítimas de Stalin oscila entre 80 e 100 milhões, se somadas as dos países ocupados por suas tropas..." (Que "libertação" trouxeram os russos?)

Diante dessas e outras observações, cabe perguntar: de onde houve tantos judeus para chegar ao assombroso número de 6 milhões? Naquela altura dos acontecimentos, a Alemanha precisava de cadáveres ou de braços para o trabalho? Por que só os judeus são lembrados, pranteados e homenageados - alegadas vítimas de Hitler - e não os russos, alemães e outras tantas vítimas do tiraníssimo Stalin?

Um padre católico - ex-soldado francês na Segunda Guerra Mundial - disse-me certa vez: "Há muita coisa mal contada nessa lenda do holocausto judeu. Auschwitz, há décadas, é a maior arapuca-cata-pila de turistas para os cofres poloneses". (Isso lá por meados da década de 80.)

O historiador gaúcho Siegfried Ellwanger, que, além de pesquisador sério, observador e

crítico, não é analfabeto em física, em visita às instalações de Auschwitz, constatou que lá não havia as mínimas condições técnicas para funcionar a tal "indústria da morte". Levou isso ao conhecimento de seu amigo americano dr. **Fred Leuchter Jr.**, expert na construção de câmaras de gás nos EUA, sugerindo-lhe uma visita àquele local, devidamente equipado, e que fizesse as análises que o caso requeria.

O expert americano acatou a sugestão do amigo brasileiro e foi para lá. Coletou amostras e analisou. O resultado foi negativo. (Leia-se seu livro *Acabou o Gás!...O Fim de um Mito.*) Por ter detectado todas essas farsas, Ellwanger foi condenado pela Justiça gaúcha. E nosso STF manteve a condenação. Seus livros foram considerados "anti-semitas e racistas", quando todas as pessoas esclarecidas sabem que o que ele escreve é a mais pura expressão da verdade.

As autoridades polonesas interessaram-se pelo assunto e, cientes da macromentira, agiram. Em julho de 1990, o dr. **Franzisek Piper**, diretor do Museu Estadual de Auschwitz, com uma equipe munida de talhadeiras, martelos e cimento, durante uma noite, arrancou todas as letras metálicas que cobriam as 19 lápides com inscrições em 19 idiomas. Hoje, pequena placa cita 1,5 milhão. Recentemente, em 27/1/2005, naquela pomposa comemoração dos 60 anos da libertação de Auschwitz (pelos russos), falou-se e mais de um milhão, a maioria judeus. E a maior arapuca-cata-pila também já perdeu muito de seu macabro encanto.

Mas quais eram mesmo os números de Auschwitz? É difícil, quando não impossível, saber. A Cruz Vermelha Internacional - que sempre tivera acesso irrestrito a todos os KZ-Lager alemães e nunca mencionou "barbaridades holocáusticas" - falou em 57.353 óbitos naquele campo. E também publicou em 1956 que "o total de óbitos, em todos os campos administrados pelos alemães, é de 293.310..." Outras fontes da época - que merecem crédito - apresentam números que se aproximam muito dos da Cruz Vermelha.

Altair Reinehr, professor, Maravilha

A *Notícia*, 12 de março de 2005

<http://www.an.com.br/2005/mar/12/Oopi.htm>

## QUILOMÉTRICA

### Anne Frank Em Nova Versão...

Quem poderá ainda acreditar no *Diário* de Anne Frank -símbolo do martírio do povo judeu na II Guerra Mundial? Simon Wiesenthal, no seu livro *Los Asesinos entre Nosotros*, nos informa à página 176, que Anne Frank teria morrido no campo de concentração de Bergen Belsen, em março de 1945, vítima de tifo. Aliás, um dos poucos fatos passíveis de serem considerados como verdadeiros em toda sua quilométrica bibliografia. Na mesma obra ele informa que o pai de Anne Frank teria voltado em 1946 para a casa onde residira, em Amsterdã, tendo encontrado o diário no mesmo local, no chão, onde o soldado "SS" o havia arremessado, por ocasião da prisão da família...

Contrariando a versão de Wiesenthal, a revista semanal *Manchete*, de 21 de março de 1992, em matéria especial sobre o novo "diário" de Anne Frank, informa que os manuscritos, intactos, ficaram em poder da senhora Miep Gies desde o início e só foram entregues ao Sr. Otto, pai de Anne, no momento em que ficou claro que a menina não fazia mais parte deste mundo... Aliás, neste ponto, seria interessante verificar por quê a Sr<sup>a</sup> Miep queria garantir que os manuscritos só fossem revelados após a certeza da morte da autora. Tem-se a impressão que desconfiava que o pai publicaria os diários à revelia, mesmo contra a vontade da filha...

Wiesenthal, em seu livro, informa que "diário" foi traduzido para 32 idiomas, convertido em peça teatral e também num filme, que comoveu os corações de milhões de pessoas -especialmente adolescentes -pelo mundo afora. Afirma que até hoje um grande número de jovens alemães se deslocam anualmente para o campo de Bergen Belsen, para rezar pela pobre Anne.

O Institute for Historical Review, da Califórnia, Estados Unidos, oferece um prêmio em dinheiro para quem provar a autenticidade dos "diários". A falsificação foi comprovada, mais contundentemente ainda, após exames científicos da tinta usada nos seus escritos: verificou-se que parte dos textos foram escritos com caneta esferográfica, uma invenção dos anos 50.

Somente devido às descobertas e denúncias do revisionismo histórico é que vem caindo -um a um -os grandes mitos do "holocausto", dos quais o "diário" de Anne Frank era um dos sustentáculos mais importantes, principalmente por se dirigir aos corações e mentes dos jovens.

### Falsificação Admitida

A revista *Manchete*, anteriormente citada, depois de admitir que o pai de Anne teria sido o responsável por "descaracterizações", cortes, censuras, modificações, etc., conclui que isso teria deixado o diário muito "vulnerável", diminuindo, evidentemente, a credibilidade do mesmo...

O lançamento do novo "diário" -fato que por si só já evidencia uma impostura dentro da impostura -vem demonstrar claramente que os eternos falsificadores da história tentam mais uma cartada para salvar esta inacreditável farsa, ao menos por mais algum tempo. Conforme a reportagem da revista, ficamos sabendo que a primeira versão vendeu mais de 16 milhões de exemplares. Provavelmente esperam repetir a dose com o novo "diário", agora "modernizado" e mais ao gosto do público atual, com passagens picantes sobre a sexualidade da menina... Fica-se a imaginar como será a terceira versão...

O toque final na manipulação, para encerrar com "chave de ouro" e demonstrar o descaso, a má fé e a própria arrogância destes veículos de comunicação onipotentes e acostumados a afirmarem o que lhes aprouver, sem contestação e apostando na ingenuidade da grande massa de leitores, fica por conta da legenda da foto desta matéria, que afirma "... na foto, Anne em 1941, aos 22 anos"... Ora, se a lenda sempre nos afirmava que essa personagem teria morrido aos 13 ou 14 anos...

Depois que os falsificadores confessadamente admitiram que o famiferado "diário" nada mais é do que uma monumental impostura, alterada, deturpada e manipulada para transformar-se num dos grandes "best-sellers" mundiais, cabe aos nossos prefeitos, vereadores, deputados estaduais, federais e todos os responsáveis pelas áreas da educação, partirem para a ação, fazendo a única coisa cabível diante de tanta falsidade e infâmia: retirar o nome desta impostura da infinidade de praças, ruas, largos, teatros, colégios e outras instituições espalhadas por todo o Brasil.

Há mais de uma década o catedrático francês, professor da Universidade de Lyon, **Robert Faurisson**, dissecou e desmascarou, científica e impiedosamente a impostura do chamado "diário" de Anne Frank. Usando a frieza da técnica investigativa, inerente a todo autêntico pesquisador histórico, Faurisson provou, através de infindáveis evidências, a manipulação na elaboração dos famosos "diários", além de desnudar o grande e fabulosamente rendoso negócio em que se transformou esta falsificação histórica. Um exemplo: só em direitos autorais, o pai da infeliz menina (que morreu de tifo, enquanto seu -saudável e milionário - pai foi hospitalizado em Auschwitz e sobreviveu) recebe somas em todas as escolas! A estória desta publicação está repleta de brigas e demandas, entre o pai, o tio, os editores, o compilador, o "escritor fantasma", etc, todos de olho no filão interminável que representa a posse de seus direitos autorais.

Faurisson fez uma análise dos locais, manteve entrevistas, dissecou o "diário", provando as impossibilidades psicológicas, culturais, sociais, históricas, temporais, de situação, de verossimilhança, de lógica, de espaço, etc. Vale a pena confirmar esta extraordinária pesquisa: *Quem escreveu o Diário de Anne Frank?* de Robert Faurisson, Revisão Editora, 85 páginas.

O livro é uma aula de pesquisa interrogativa, ideal para juristas, técnicos forenses, advogados, policiais, historiadores, estudantes, etc.

Recentemente as agências internacionais de notícias liberaram uma pequena nota, com os seguintes dizeres: O famoso *Diário* de Anne Frank, a adolescente judia de Amsterdã que morreu em 1945 num campo de concentração, foi censurado pelo próprio pai da moça. Ele retirou do texto dos cadernos onde ela escrevia, tudo que considerou "escabroso" e decidiu fazer algumas modificações por conta própria, por motivos morais, ou de conveniência". Sem comentários.

### Recompensa US\$ 25.000

Completamente seguro de tratar-se de mais uma lamentável farsa vinculada ao fabulário da 2ª Guerra Mundial - impostura propagandística altamente rentável economicamente, em direitos autorais e filmes - O Institute Historical Review de Torrance, Califórnia, P.O. Box 1306 - 90505, USA oferece o valor acima de 25 mil dólares para quem provar que o "diário" de Anne Frank foi escrito por Anne Frank. Até a presente data, nem a própria Fundação Anne Frank, de Amsterdã, se habilitou ao nada desprezível prêmio...

Publicado à página 114 do Livro "A Implosão da Mentira do Século" de S.E. Castan, Editora Revisão, 118 páginas. *Boletim-EP / Esclarecimento ao País* N° 10.

<http://econac.net/dirliip.htm>

OS SIONISTAS DICEM

## O *Diário* de Anne Frank

À primeira vista, parece difícil acreditar que um texto tão íntimo e pessoal, como o diário de uma adolescente, tenha-se tornado um dos principais documentos sobre o Holocausto.

A história de oito pessoas escondidas durante dois anos, em um refúgio secreto, uma história que não cita os horrores da guerra ou dos campos de concentração, retrata uma situação que se encontra ao alcance de nossa imaginação e compreensão. Anne Frank revestiu o Holocausto de uma face tangível e real, de uma dimensão humana com a qual é possível identificar-se, apesar da dificuldade em lidar com a realidade e o horror da tragédia.

Traduzido para 56 idiomas, tema de várias adaptações cinematográficas e teatrais, o diário deu origem a um museu, o Centro Anne Frank, estabelecido em Nova York, e a uma fundação, sediada na Basileia, que detém os direitos autorais do livro e recebe rendimentos por sua publicação.

Escrito há mais de cinquenta anos, em sucessivas edições, cada uma com material complementar que havia sido omitido na anterior, acreditava-se que a "edição definitiva", de 1995, fosse completa. A recente descoberta da existência de páginas inéditas do diário representou uma surpresa inesperada e criou uma polêmica sobre a exploração financeira de sua publicação.

São cinco páginas de uma versão revista pela autora, censuradas pelo pai, Otto Frank, nas quais a jovem analisa o casamento supostamente infeliz dos pais e seu relacionamento difícil com a mãe, Edith, e promete manter o diário fora do alcance de sua família.

### Biografia de Anne

Estas páginas foram entregues no ano passado a Melissa Muller, escritora austríaca que pesquisava para escrever uma biografia sobre a garota judia holandesa. Em seu novo livro – *Anne Frank: The Biography*, Melissa Muller inclui citações deste material inédito.

As páginas lhe foram entregues por Cornelius Suijk, íntimo de Frank e diretor do Centro Anne Frank, de Nova York. Suijk diz tê-las recebido de Otto Frank pouco antes de sua morte, aos 91 anos, em 1980. O pai de Anne as entregou ao amigo para que fossem usadas com a finalidade de provar a autenticidade do diário diante das acusações neonazistas de falsificação e porque acreditava que não devia manter o material em suas mãos. Porém, ao mesmo tempo, achava que a publicação dessas páginas, revelando fatos embaraçosos sobre a vida particular do amigo, poderia prejudicar sua imagem familiar.

As páginas estão sendo reivindicadas pelo Instituto Estatal da Holanda, para o setor de Documentação de Guerra, a quem Frank legou em custódia o material do diário. Este instituto pediu a Suijk que entregasse os papéis, mas ele exige o direito de lançar uma única publicação, seguindo assim a lei suíça. Seu objetivo é arrecadar fundos para o Centro Anne Frank de Nova York.

Por sua vez, a Fundação da Basileia, detentora dos direitos autorais, critica Suijk por ter dado o material a Melissa, o que seria ilegal. Suijk acusa a Fundação suíça de acumular o dinheiro proveniente dos direitos autorais do diário (cerca de US\$ 20 milhões de dólares) sem compartilhá-lo com as demais instituições que relembram Anne Frank, inclusive o centro que dirige, que também desenvolvem programas educativos sobre o Holocausto.

Na biografia, Melissa Muller levanta pela primeira vez a suspeita sobre uma faxineira, Lena Van Bladeren Hartog, que teria denunciado a família judia aos alemães. De acordo com a escritora, a mulher nunca foi interrogada pela Justiça sobre a descoberta do esconderijo dos judeus no prédio.

Melissa, ao procurar Suijk, obviamente não tinha idéia do segredo que este guardava. Apenas queria obter informações sobre a mãe de Anne, a respeito de quem a adolescente pouco escreveu: "Era como se Anne não tivesse mãe", afirmou.

### Páginas censuradas

Após onze meses de contato com Melissa, Suijk decidiu falar-lhe sobre as páginas que estavam faltando: duas folhas azuis – uma escrita em frente e verso, outra só na frente – e uma folha salmão

escrita dos dois lados.

Na biografia, Melissa revela que Frank estava apaixonado por outra mulher, jovem e rica, cujos pais não concordaram com o casamento por motivos financeiros. Isso o tornou incapaz de amar Edith, como Anne percebeu muito bem.

"Para uma mulher apaixonada, não deve ser fácil saber que nunca ocupará o primeiro lugar no coração de seu marido, e mamãe sabe disso"... "Papai aprecia mamãe e a ama, mas não com o tipo de amor que eu imagino para um casamento". E ainda conclui que o pai se casou com a mãe porque "considerou que era a pessoa certa para ser sua mulher". "Admiro minha mãe pela maneira como ocupou esta posição sem uma queixa e sem ciúme... Papai não está apaixonado, ele a beija do mesmo jeito que nos beija ...". Sobre a mãe, diz, ainda: "É possível que por causa do seu grande sacrifício, minha mãe tenha-se tornado dura e desagradável em relação ao ambiente e, em consequência disso, cada vez mais se fechará ao amor e cada vez menos conquistará admiração e papai acabará entendendo que, por ela nunca ter exigido seu amor total, foi-se desintegrando aos poucos por dentro. Ela o ama mais do que qualquer outra pessoa e é difícil ver este amor não correspondido".

Quanto ao seu relacionamento com a mãe, descreve um silêncio quase de estranhas: "Sou incapaz de conversar com ela, não consigo olhar com amor naqueles olhos frios, nunca! Se ao menos ela tivesse algum aspecto de uma mãe compreensiva, como ternura, bondade ou paciência, continuaria tentando aproximar-me dela. Mas à medida que o tempo passa, sinto-me cada vez mais incapaz de amar esta natureza insensível".

### **Base para um livro**

Anne sempre considerou o diário como um projeto para o futuro. "Meu maior desejo é tornar-me jornalista e, futuramente, uma escritora famosa... Depois da guerra, gostaria de publicar um livro chamado O anexo secreto e meu diário poderá servir como base".

Anne redigiu suas memórias entre os 13 e os 15 anos, no período de 1942 a 1944. O diário, na realidade, é uma série de cadernos e páginas soltas. O primeiro – um caderno especial para diário, com capa de tecido xadrez vermelho e verde, com um fecho – Anne recebeu de presente pelo seu 13º aniversário, em 12 de junho 1942, um mês antes que a família fosse para o esconderijo. Em seis meses, suas páginas tinham sido totalmente preenchidas e Anne passou para um segundo caderno, que se perdeu, e, em seguida, mais dois. Estes ficaram conhecidos como a versão "A" do diário.

Depois de ouvir em 1944 um apelo pelo rádio, incitando os cidadãos a preservar qualquer documento contendo história e memória de guerra, Anne, em dois meses e meio, revisou fervorosamente seu diário, reescrevendo 324 páginas, talvez como base para um romance. Esta ficou conhecida como a versão "B".

A folha salmão encontrada agora foi a revisão de Anne de uma introdução para o diário. Nela, diz: "Vou tomar cuidado para que ninguém ponha as mãos nele, porque o diário e os segredos aí contidos não são da conta deles", referindo-se aos pais e à irmã. Depois que o anexo foi invadido pela polícia, em agosto de 1944, o material escrito por Anne fora guardado corajosamente por uma secretária e amiga que morava no andar de baixo, Miep Gies, hoje com 89 anos.

Após ter sido libertado do campo de concentração, Frank voltou para Amsterdã e soube que Anne e Margot tinham morrido de tifo no campo de Bergen-Belsen, a poucas semanas da libertação. Nesta ocasião, Miep lhe entregou os diários.

Frank liberou para a primeira publicação a versão "B", com muitas modificações, sob o título Anne Frank: diário de uma jovem. Esta ficou conhecida como a versão "C". Nela, o pai da adolescente suprimiu todas as passagens constrangedoras em que ela abordava o despertar de sua sexualidade e criticava abertamente a mãe ou questionava o relacionamento afetivo dos pais.

### **Edição definitiva**

Em 1986, o Instituto da Holanda para a Documentação de Guerra, detentor da custódia dos diários, publicou a chamada "edição crítica", comparando as versões baseando-se em uma análise científica para refutar as alegações de que fossem uma falsificação.

Uma nota de rodapé da versão "A" reconhecia a omissão, a pedido da família, de 47 linhas que apresentavam "um quadro bastante impiedoso e particularmente injusto do casamento dos seus pais".

Já em 1995, em memória do 50º aniversário da morte de Anne, foi lançada a chamada "edição

definitiva", incluindo 30% a mais de material do que Frank havia permitido na versão "C", a primeira publicada. Mas faltavam nesta "edição definitiva" os trechos contidos nas páginas que apareceram recentemente.

A editora diz estar "confusa e perplexa", porém qualquer providência para a reedição do livro com o material omitido teria que aguardar por uma resolução das questões jurídicas, pois a editora não pretende arcar com uma despesa extra referente a direitos autorais. Já o Instituto para a Documentação de Guerra afirmou estar programando uma nova edição muito importante, que deverá incluir o material recentemente descoberto.

### **Autenticidade em xeque**

Segundo a doutora Dina Porat, professora da Universidade de Tel Aviv, é inevitável que a repercussão mundial alcançada pelo diário o tenha tornado alvo de ataques de neonazistas e anti-semitas que põem em discussão sua autenticidade. Os revisionistas alegam que, por a obra terminar necessariamente no momento em que a família Frank é descoberta e obrigada a sair do seu esconderijo, não fala de guetos ou de campos de concentração, por isso o assassinato sistemático do povo judeu não teria ocorrido. Outros dizem que o diário é falso, tendo sido escrito por Frank, e justificam sua afirmação pelo fato de terem sido lançadas várias versões ao longo dos anos. Vale mencionar o caso particularmente sórdido da publicação, na Suécia, de um panfleto que parodiava o diário de forma pornográfica.

Não cabe aqui refutar os argumentos sem nexos nem lógica destes paranóicos, que foram sempre denunciados e condenados judicialmente.

### **Interpretação simplista**

O sucesso do diário deve-se, em parte, a uma frase que recebeu interpretação errônea e que supõe que Anne esteja perdendo seus carrascos. Tanto a versão teatral como o filme terminam com o trecho "Apesar de tudo, continuo acreditando na bondade intrínseca do homem". O destaque dado a estas palavras e seu uso fora de seu contexto parece mais uma busca ingênua de um "final feliz", absolutamente fora de lugar.

Anne escreveu esta frase antes de ser deportada para Auschwitz e Bergen-Belsen, quando desconhecia a realidade do Holocausto. Portanto, está sendo usada de forma indevida com a finalidade de criar um paradigma ingênuo de perdão e reconciliação.

Como seria esperado, esta adolescente tinha sentimentos variados, em diversos momentos. Também referiu-se aos nazistas com frases como "os monstros mais cruéis na face da terra", ou "há nas pessoas uma compulsão destrutiva para a raiva, o homicídio e o assassinato" e "os piores aspectos da natureza humana prevalecem quando todo mundo começa a duvidar da Verdade, da Justiça, de D'us."

Afirmar que Anne Frank perdoou por acreditar na bondade inerente ao ser humano é um insulto à sua memória e uma exploração de sua tragédia para justificar a incapacidade do ser humano de lidar com o verdadeiro horror que prevaleceu. Com este procedimento, corre-se o risco de infantilizar a compreensão do Holocausto e de profanar a memória das gerações que não se materializaram e que nunca virão a se materializar.

### **Bibliografia**

Blumenthal, Ralph, Páginas inéditas de Anne Frank causam polêmica, *The New York Times*, Estado de São Paulo, 12/09/98.

Sommer, Allison Kaplan, La négation de l'indéniable, *Jerusalem Post*, Edition Française, 23/07/97.

Berkovic, Sally, *How should we remember the Holocaust*.

[http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_view.asp?a=219&p=2](http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=219&p=2)

UM "HONORIS CAUSA" PROFISSIONAL

## Elie Wiesel

Este é outro "sobrevivente" famoso internacionalmente, segue a linha de Wiesenthal, dos quais o "nosso" Bem Abraham é discípulo esforçado.

Pois o Elie é - Pasmem! - Prêmio Nobel da Paz! (Igual ao terrorista Menachem Begin. Aliás este termo - PAZ - precisa urgente redefinição. É um trabalho para os revisionistas da lingüística singular...). Depois de contar histórias incríveis, foi agraciado com o valioso prêmio. Num breve parêntese, recordemos que o grande escritor argentino Jorge Luis Borges jamais ganhou o Nobel de Literatura, apesar de ser infinitamente superior à grande maioria que o recebeu, a exemplo dos intragáveis Saul Below e Isaac Singer. Conta-se que amigos teriam aconselhado a Borges submeter-se à circuncisão como única maneira de atingir este objetivo. É lógico que não o fez. E nunca ganhou o merecido prêmio.

Voltemos ao Elie: segundo o renomado revisionista canadense Ernest Zundel, trata-se de um **profissional do sofrimento**, um autêntico "monge do ódio". Em seu livro intitulado "Legend of Our Time", Wiesel escreve frases, sentenças, conceitos tão carregados de ódio racista que, fossem escrito por qualquer outra pessoa, de qualquer outro grupo racial, seria condenado no mundo inteiro, pela mídia mundial, pelos tribunais internacionais, pela "humanidade" como um todo. Somente um representante do alegado grupo racial (?) "mais perseguido da história da Humanidade" pode expressar desta maneira aberta e descaradamente seus doentios ódios racistas e taras sado-masoquistas sem a mínima contestação. É a técnica da "vitimização" funcionando a todo vapor! Pois ele ganhou o Prêmio Nobel da Paz (quase que leva também o de literatura) por contar fatos "verídicos" como os das "valas crematórias", onde, envoltas em chamas enormes, as vítimas lutavam contra a morte durante horas...

Quando em Auschwitz, como estava sempre muito fraquinho, **não tinha nem forças para odiar !** Era sempre o último da fila para os fornos. Então encerrava o expediente e ele, milagrosamente, se salvava sempre. Realmente é um milagre.

Anos depois, já **in USA**, e mais gordinho, voltaram as energias e então teve forças para odiar. E se saiu com essa pérola de exaltação à paz, realmente digna de um Nobel:

"Todo judeu, em algum lugar de seu ser, deve separar uma zona de ódio - ódio saudável e viril - contra o que os alemães personificam e pelo que persiste nos alemães".

Este é o Elie Wiesel, Prêmio Nobel da Paz, sobrevivente de vários campos e segundo suas próprias palavras, "ajudando a nova geração a compreender".

Publicado no *Boletim-EP / Esclarecimento ao País* Nº 6 - Nov/92

<http://econac.net/dirlip.htm>

BARRACAS

## Campos, Piolhos, Gás...

As fotos, independente das legendas – pois fotos aceitam qualquer legenda sem reclamar – explicam muita coisa para o espectador crítico: no material sobre os campos de concentração da II Guerra costuma-se ver dezenas de legendas diferentes para uma **mesma foto**. Como os mistificadores são hegemônicos na mídia, ninguém vai reclamar. Até porque não vai adiantar nada... No atual material distribuído pelas agências internacionais a respeito dos bombardeios sobre a Iugoslávia (bombardeio falsamente chamado de "guerra") têm aparecido evidências que comprovam mais uma vez a manipulação, ao mesmo tempo que confirmam sempre mais as denúncias revisionistas. Em duas fotos distribuídas pela France Press em fins de abril, aparecem meninos de cabeça raspada, atrás de grades, e na outra foto, um funcionário pulverizando desinfetante na fronteira da Macedônia; anteriormente vimos na televisão um funcionário das forças "humanitárias" gravando números nas costas das mãos de crianças refugiadas; em junho de 94 as televisões do mundo inteiro, cobrindo a guerra na Bósnia, falavam em "campos de concentração de estilo nazista" em que os **sérvios** estariam concentrando os muçulmanos. A única cena mostrada insistentemente era um homem esquelético agarrado a fios de arame farpado, o qual mais tarde, se descobriu ser um sérvio,

preso por assalto e magro por estar tuberculoso. E de fato, examinando as imagens mais minuciosamente, via-se por trás do “esqueleto estilo Auschwitz”, outros internos, bem nutridos e até sorridentes; em julho do mesmo ano o mundo assistiu os enterros em valas comuns dos milhares de mortos por cólera durante a guerra em Ruanda: valas coletivas infindáveis onde os corpos eram arrojados, cobertos com cal e depois com terra.

Cenas de desespero – desta vez reais, sem manipulação – de famílias separadas pelas forças “humanitárias”, de famílias que não querem ser “deslocadas” (sempre para o bem delas, evidentemente), de filas quilométricas á espera de comida, de “cidades” de barracas, etc, etc, são mostradas diariamente.

E a analogia com os “campos da morte” nazis torna-se obrigatória. E certas cenas de “atrocidades” começam a ficar mais claras. Se as forças “humanitárias” como todo o apoio – e dinheiro – do mundo, sem bombardeios diários que inviabilizem as comunicações e abastecimento, sem sabotagens, com a mídia mundial a favor, com tecnologias ditas avançadíssimas, não conseguem colocar em ordem e garantir apoio conveniente aos refugiados atuais, então começa a ficar fácil entender o caos reinante nos campos alemães em fins de 1945. Então se entende os cabelos raspados dos internos, por causa dos piolhos; as detetizações com Zyklon-B; a necessidade das tatuagens de números; a magreza de muitos internos, causada pelas doenças, principalmente o tifo, e nos últimos meses da guerra, pela desnutrição; o número elevado de mortes e a necessidade de fornos crematórios, etc, etc, etc.

O tempo se encarrega de trazer a verdade á tona. Por mais que os mistificadores da história se esforcem, criem leis proibindo as pesquisas, instituem a censura e a policia do pensamento, encarcerem e matem os que os desmascaram, o tempo, implacável e isento, se encarrega de colocar as coisas nos seus devidos lugares.

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº 20– ABR / 99*

MUSEU

## Washington, DC - Abril, 1993

### **Nunca tão poucos - mentiram para tantos - por tanto tempo**

Paralelamente às comemorações a nível mundial (!) do chamado levante do Gueto de Varsóvia (veja matéria adiante), inauguraram em Washington (!?) o tal museu do “holocausto”, junto ao Lincoln Memorial, Jefferson Memorial, monumento a George Washington, Smithsonian Institution Museum, na nobre área do Mall, ao lado do Capitólio. Condenado por todos os americanos de bom senso, por não se tratar de tema nacional, não devendo portanto estar em área reservada ao heróis e aos temas da nação americana, o novo parque do horror da vitimização judaica lá permaneceu, defendido com unhas de dentes pela imprensa americana através de argumentos espantosamente ilógicos, porém respaldados na prepotência e no poder total e absoluto da mídia sionista sobre os corações, mentes e bolsos dos políticos e da elite dirigente daquele país. A controvérsia e a repulsa no seio da população americana atingiu níveis significativos, sendo porém completamente abafadas pelo bombardeio maciço e diário da imprensa dominada ou a serviço do plano sionista de domínio mundial.

Nas festividades de inauguração o presidente **Clinton** e o “sobrevivente” **Elie Wiesel** acenderam em conjunto a chama “eterna” do museu e, após, Clinton escutou, de cabeça baixa e aparentemente compungido, a fala de Elie, que discorreu sobre o amor ao próximo, verdade e a necessidade de nunca esquecer. O mais provável é que o presidente americano tenha permanecido de cabeça baixa, por vergonha, enquanto avaliava a que ponto chegou a subserviência do mandatário da maior potência do mundo, tendo que sujeitar-se a tomar parte em semelhante farsa. Mas, enfim, no berço da democracia é assim: quem se propor a “chegar lá”, deverá dobrar-se ao lobby sionista, inexoravelmente.

### **Vitimização**

Provavelmente nem durante o desenrolar da própria II Guerra Mundial houve um massacre propagandístico igual, num nível tão intenso em âmbito planetário: jornais diários, semanários, revistas, rádios, cadeias de televisão, agências de notícias e de publicidade e propaganda, conferências, citações, exposições, ciclos de palestras, passeatas, homenagens, livros e mais livros, apostilas escolares, filmes, desenhos animados, peças de teatro, músicas, canções, jograis, brindes, manifestações luminosas, correntes de solidariedade, vigílias públicas, minutos de silêncio, orações e manifestações ecumênicas, etc, etc.

Cada vez mais a farsa da vitimização do povo judaico, com início e exclusivo objetivo de desestimular toda e qualquer reação ao plano sionista de domínio mundial escudado na ficção do "anti-semitismo", exige uma mobilização total, arrasadora, sem trégua, muito mais intensa do que à época da guerra, quando a poderosa máquina de guerra americana, então finalmente mobilizada, não precisava mais de grandes estímulos pois qual avalanche de material e tecnologia, não pararia mais até a vitória final das forças democráticas.

Porém hoje, quando a revisão da História por parte de alguns poucos pesquisadores espalhados pelo mundo começa a dismantlar o Frankenstein concentracionário criado pelo sionismo e sua farsa dos seis milhões e a humanidade começa a acordar de um sono letárgico de meio século, hipnotizada pelas serpentes da mentira, então recrudescer o massacre a todos os sentidos, por todos os meios, a todo custo.

### A Obra

Idealizado para proporcionar uma lavagem cerebral completa nos seus visitantes, o "museu", que é uma obra-prima hollywoodiana, de museu só tem o nome: trata-se de um parque de horrores e sustos psicologicamente concebido e tecnologicamente realizado, para causar um impacto emocional tão forte nos incautos e curiosos que, ao sair dali, se o indivíduo não tiver uma personalidade forte e formada, estará mentalmente destruído, bestializado, epileptizado feito robô, pelas luzes, efeitos especiais e monitores de TV, pelas músicas incidentais e os ruídos, gritos de horror ao melhor estilo dos trenzinhos fantasmas dos parques de diversões, inclusive com sensações térmicas, odores, tudo preparado ao estilo de uma macabra Disneylândia às avessas. O arquiteto projetou as escadas, pontes, passarelas com ângulos irrealistas, perspectivas alucinantes, que aumentam a insegurança dos participantes do show, provocando tonturas, mal estar e terror. O próprio Dalai Lama, não conseguia fechar a boca, de olhos esbugalhados, qual um golem, pasmado com o que "o homem pode causar ao homem".

É evidente que a tecnologia bateu de longe os outros museus do gênero, inclusive o famoso "Yad Vashem" de Israel. Especialistas como Steve Spielberg, de *ET*, *Guerra nas Estrelas* e *Indiana Jones*, assessorados por técnicos de Hollywood e orientados por autênticos "sobreviventes" garantiram a autenticidade e a verossimilhança das locações e dos efeitos especiais, tornando o espetáculo verdadeiramente inesquecível. Som, imagem e arquitetura criam um templo sado-masoquista-fantástico difícil de ser imaginado e muito mais de ser explicado. A lenda tem que ser mantida pois, segundo os próprios sionistas, "os velhos, as testemunhas, estão desaparecendo, e então quem ficará para contar o que houve?".

A horrenda e monumental construção transformar-se-á, dentro de uma década, ou pouco mais, em outro problema: sua arquitetura internacionalmente disforme, fora de esquadro e não-funcional, aliada à sua morbidez intrínseca e aos fluídos maléficos dos quais está impregnada, impossibilitará o seu reaproveitamento para algum tipo de loja de departamentos ou alguma atividade mais produtiva e de elevação do espírito humano. Restará somente a sua demolição. E em suas ruínas só não passearão as feras, as bestas e as víboras - como no templo de Jerusalém - porque uma sociedade prática e dinâmica como a americana, liberta do jugo sionista, saberá dar novo destino a tão nobre e bela área de terra.

### Um Perigo Imensurável

Este tipo de negócio com os sentimentos das pessoas é exatamente perigoso e deverá trazer, seguramente, conseqüências terríveis e funestas num futuro ainda impossível de precisar, mas certo, caso não haja uma reversão de atitudes e conceitos, enquanto ainda houver tempo.

*A farsa está chegando ao fim*: seus mentores estão atolados até as orelhas na lama pegajosa e fétida da *maior mentira de toda a história da humanidade* e pretendem - por todos os meios - puxar para junto de si os jovens, que olham com estranheza e desconfiança tanto empenho em afirmar, reafirmar e confirmar algo que suas mentes lúcidas desconfiam como suspeito, ou no mínimo, estranho. Porém as velhas e insidiosas serpentes sionistas não desistem de querer enfeitiçar os jovens gentios e judeus - especialmente estes - para atraí-los e comprometê-los com seus interesses.

E o perigo consiste exatamente em que estes jovens, bombardeados por toda esta parafernália tecnológica de mistificação, confundam a realidade com a ficção. Um espetáculo da magnitude e intensidade como este do "museu" de Washington é tão impressionante, tão odioso, que poderá facilmente levar jovens judeus, lobotomizados eletronicamente, a atos abertamente homicidas contra cidadão alemães ou de origem.

O museu do ódio - mórbido e doentio - está lá, para estimular isso, de conformidade com os dizeres da placa em homenagem ao suposto martírio judeu, erigida em Paris:

"O povo judeu se levantará novamente para a vida, será novamente forte e vingará nosso

sangue derramado. E amaldiçoados sejam aqueles que esquecerem isso! Não pedimos vossas lágrimas, mas apenas a vingança eterna. Vos exortamos: Vingai-vos sem contemplação ou sentimentalismo, especialmente contra os assim chamados 'bons alemães' - pois estes existem. As cinzas de nossos mortos não descansarão enquanto não completarmos nossa vingança".

The Big Business - O Grande Negócio - é um misto ideológico, racial, histórico e religioso que se movimenta avassaladoramente qual gigantesca massa gelatinosa e nauseabunda arrasando tudo em sua passagem, rumo à hegemonia e domínio mundial total desta mácula da história da humanidade, que é o sionismo.

E, coerentemente, assentam suas baterias sobre um passado, um povo e uma ideologia, derrotados e destruídos, justamente por terem se constituído nos **únicos** verdadeiros inimigos de seu plano eterno.

Inimigo de verdade, por terem sido **ideológicos** e não simplesmente fisiológicos, como seus opositores e vítimas mais diretos atuais.

### Fornos Crematórios

Os falsificadores da história costumam fazer "confusão" entre fornos crematórios e "câmaras de gás". Jogados ao leitor ou ouvinte pouco familiarizado com o tema do "holocausto", estes dois itens são confundidos e tratados como a "mesma coisa". Hollywood apresenta, inclusive, a versão de grandes fornos que funcionam com queimadores de gás, onde as vítimas são "assadas" como frangos...

Deliberadamente acusam os revisionistas de negarem as câmaras de gás e os fornos crematórios. *Nada mais inverídico*. O revisionismo só contesta a existência das câmaras de gás. Quanto aos fornos, o revisionismo só contesta a afirmação de que teriam sido usados para queimar pessoas vivas... Aliás, os de campo de Dachau foram insuficientes para cremar os mortos dos bombardeios aéreos criminosos aliados sobre a população civil de Munique. Em Auschwitz a atual administração polonesa daquele ex-campo, transformado também em "museu", reconstruiu dois fornos, tendo mais tarde acrescentado uma gigantesca chaminé de tijolos... que não mantinha ligação com os fornos. Indagados pelo pesquisador revisionista Ditlieb Felderer a respeito do objetivo da falsificação, os administradores responderam que os mesmos não precisavam, necessariamente, funcionar, pois eram simplesmente "simbólicos"...

E com tal tipo de "simbolismo" vem sendo mantida e alimentada a maior mentira e toda a história da humanidade.

### ...E as Câmaras de Gás?

Depois dessa peregrinação de mais de três horas através dos meandros do horror, chama a atenção a ausência do principal: **a arma do crime**. Onde está a mais mortífera arma de extermínio jamais inventada pelo homem? Onde está o engenho maligno relatado pelos famosos "sobreviventes"? Por que não proporcionam um passeio por uma das câmaras de gás, responsáveis pelo aniquilamento da inconcebível cifra de seis milhões de judeus - dois em cada três - segundo fontes judaicas? Por que não reconstruíram nesta fantástica Disneylândia às avessas, aquele mecanismo medonho, único em toda a história da humanidade? Por que não detalharam para os estupefatos visitantes os processos de gaseamento, a retirada dos corpos, a coleta de dentes de ouro e cabelo das vítimas já mortas? Por que não apresentaram as plantas e os projetos do maior plano de homicídio jamais inventado? Por que não apresentaram as ordens escritas da alta hierarquia nazista responsável por semelhantes atrocidades? Por que não mostraram as barras de sabão feitas com gordura de judeu? Oh, não! - objetam os eternos mistificadores - *seria expor os sofridos "sobreviventes" a todo o horror novamente!*... E aí fica difícil de acreditar. Mesmo com a melhor boa vontade, mesmo com o coração cheio de amor e solidariedade para com o "povo mais perseguido da história"; mesmo com a mente trabalhada pelo bombardeio diário da mídia, fica difícil. E ficaria muito mais difícil ainda para especialistas que viessem a visitar estas câmaras. Seria simplesmente impossível convencê-los. É relativamente fácil falar, em livros e revistas, sobre *"câmara de gás que aniquilavam dezenas de milhares de pessoas por dia, ininterruptamente, 24 horas por dia, anos a fio"*. O difícil, o humanamente impossível - mesmo com o auxílio dos mais modernos e incríveis meios de ilusão áudio-visuais altamente disponíveis - seria passar esta versão para uma platéia medianamente instituída. Quanto mais para técnicos com o mínimo compromisso profissional com a verdade. E é por isso que faltaram as câmaras de gás.

NÃO SE ILUDA

### Carta Aberta ao Consul da Alemanha

Para AXEL GUTMAN Cônsul geral da Alemanha Porto Alegre – RS

Sr. Axel,

Fui surpreendido pelo artigo, sob o título “Denúncia”, publicado no jornal *Zero Hora* do dia 12/12/93, que cita carta enviada por V.S. ao Movimento de Justiça e Direitos Humanos, dando apoio a eventual iniciativa desse suspeito órgão contra o que foi chamado por V.S. de **“Incorrigíveis revisionistas – melhor os chamaríamos de negociadores – abusando da liberdade de imprensa para propagar princípios racistas e antidemocráticos”**.

Pelas atrevidas expressões usadas, nota-se claramente que V.S. não gosta das revelações constantes do citado livro *Holocausto Judeu ou Alemão? Nos Bastidores da Mentira do Século* e outras obras da minha Editora, como *Acabou o Gás... Fim de um Mito, S.O.S. para a Alemanha, Auschwitz e o silêncio de Heidegger*, de autor judeu, *Hitler – Culpado ou Inocente*, ou *O Massacre de Katyn* e a *Implosão da Mentira do Século*, livros que revelam nitidamente que a história sobre a II Guerra Mundial foi mal contada pelos vencedores e seus asseclas, além dos donos da imprensa mundial, que a manipularam de acordo com seus interesses, fato que ocorre até hoje. Como pequeno exemplo de deformação de fatos verdadeiros, cito a seguinte parte constante do mesmo artigo da acima citada *Zero Hora*.

“Recentemente o revisionista Fred A. Leuchter foi preso ao desembarcar na Alemanha porque na obra *Leuchter Report* afirmou ser tecnicamente impossível o assassinato de milhões de judeus em Auschwitz e foi acusado de racismo. Os dados poderão ser anexados ao processo contra o proprietário da Editora Revisão Siegfried Ellwanger, ou S. E. Castan.”

Sr. Axel, como cônsul da Alemanha V.S. sabe perfeitamente, assim como todos nós, pesquisadores, também sabemos o que realmente aconteceu:

Fred Leuchter, o engenheiro norte-americano, especialista na fabricação de câmaras de gás e outros sistemas para a execução de criminosos nos E.U.A., não foi preso ao desembarcar na Alemanha, conforme falsamente informado pela “ZH”, mas dentro do estúdio da TV de Köln (Colônia), no dia 28/10/93, numa ação que envolveu nada menos que 20 policiais armados.

A prisão deste ilustre especialista aconteceu momentos antes de sua esperada participação num dos mais populares programas de TV alemã, conduzido pela famosa apresentadora Margarethe Schreinemacker, que possui uma audiência média de 7.650.000 espectadores.

Leuchter havia sido convidado e sua participação vinha sendo anunciada, fato que fazia prever uma audiência bem maior, pelas revelações de um expert do assunto, e que iam ser apresentadas pela primeira vez, em mais de 48 anos, ao povo alemão.

O chefe da operação policial “justificou” a ação, dizendo que o aparecimento de Leuchter na TV prejudicaria a imagem da Alemanha no exterior... Esta desculpa, a pesar de totalmente esfarrapada, está correta: **O mundo sionista no exterior** não ficaria contente!! Em compensação haveria milhões de alemães que se sentiriam aliviados da terrível culpa coletiva falsamente jogada sobre seus ombros pelos deformadores da história.

Não se iluda, porém, Sr. Axel, pois esta nova e submissa atitude dos dirigentes alemães de evitar que o povo conheça toda a extensão da Mentira do Século seguramente não ultrapassará a entrada do novo milênio. Os dados sobre mais esta farsa/manipulação da imprensa nós mesmos anexaremos, de muito bom grado, ao processo contra mim dirigido, para mostrar o triste papel de V.S. neste episódio.

Quanto ao seu apoio contra a Scotton Internacional, que produz e comercializa fitas de vídeo e áudio históricas informo que nada tenho a ver com a mesma, conforme V.S. facilmente poderá ver pelo contrato social da mesma, na Junta Comercial do RGS.

Com qual direito V.S., como estrangeiro, se acha, para procurar evitar que brasileiros possam assistir ou ouvir fitas históricas produzidas há aproximadamente 50 anos, em idiomas estrangeiros, que são comercializadas em muitas partes do mundo, principalmente na própria Alemanha, que V.S. representa neste Estado ??? Será porque em algumas fitas, ao que tudo indica, aparecem alemães totalmente diferentes dos que nos são apresentados diariamente, e que são fabricados até hoje em Hollywood ?

Repudio totalmente sua suspeita e inacreditável atitude contra o revisionismo e minha Editora, pois como representante do povo alemão na realidade seria seu dever procurar-me, agradecer e colaborar como nosso Centro Nacional de Pesquisas Históricas, que está participando das revelações

que estão desmascarando os difamadores da Alemanha.

No momento em que passou a apoiar eventuais medidas policiais contra quem faz o trabalho que competiria muito mais aos dirigentes alemães – infelizmente ainda submissos aos vencedores da II GM – V.S. revelou ser um sionista, um alemão renegado ou um simples inocente útil. Sua ativa participação em eventos e comemorações da comunidade judaica aponta nitidamente para a primeira hipótese.

Repudio ainda sua total e equivocada opinião sobre “abuso de liberdade de imprensa para propagar princípios racistas antidemocráticos dos revisionistas”, opinião que recomendo externar na Alemanha enquanto o povo pacificamente suporta a pressão do sistema antialemão que, implantado em 1945, como um polvo o sufoca lentamente e que estende seus tentáculos pelo mundo através de representantes pouco esclarecidos ou mal intencionados como V.S.

Finalmente, seria muito importante V.S. limitar-se às suas funções, não confundindo meu trabalho, como brasileiro, com “nazismo”, nem minha Pátria com outros países, mesmo do considerado Primeiro Mundo, pois conforme se pronunciou o Desembargador João Andrades Carvalho, por ocasião do julgamento do mandado de segurança para a libertação de livros da minha Editora:

“A Constituição é brasileira, feita para brasileiros. Somos uma Nação pobre mas dispensamos os guardiões de nossa consciência”.

Quero lembrar ainda as palavras do Dr. Marco Pollo Giordani:

“Não compactuamos com a farsa de uma sociedade medrosa e covarde. Somos daqueles que não entendem Direitos Humanos em favor de bandidos e normalmente contra policiais; nós somos daqueles que repelem, veementemente, o monopólio da informação e o alienamento da intelectualidade”.

Atenciosamente

**Siegfried Ellwanger (S. E. Castan)**

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País* nº 11 / Abr/94

DOCUMENTO HISTÓRICO

## A Lista de Schindler & Goldberg

Um simples exame um pouco mais apurado sobre esta onda mundial a que estamos assistindo para promover o filme “A Lista de Schindler” identifica claramente o desespero do sionismo no sentido de manter a mentira do Século, e a inútil tentativa de evitar o desmascaramento das histórias que nos impingiram após o fim da II Guerra Mundial.

A publicidade apresenta o filme como “documento histórico”, apesar de ser baseado em relatos de funcionários da fábrica – todos judeus poloneses – e que o escritor **Thomas Keneally** transformou em “romance histórico” no livro “Schindler’s Ark” (A Arca de Schindler) que o próprio autor não vacilou em registrar como **ficção** na catalogação bibliográfica brasileira, sob o número 93.480 (página 04, 2ª edição, Record, 1994).

Os poluídos cérebros que criam o deturpado, falso, sensacionalista, odioso e racista filme são similares aos de Baruch Goldstein e seus valentes companheiros israelenses, que metralharam, assassinaram e feriram 223 palestinos dentro da antiga mesquita de Hebron no dia 25 de fevereiro deste ano, no sagrado momento de suas orações.

De nada valem os pedidos de desculpas dos governantes de Israel, pois Goldstein – único dos assassinos que os palestinos sobreviventes conseguiram pegar – foi sepultado com honras de herói. O racista estado de Israel revela-se claramente quando o rabino Yaacov Perrin, referindo-se ao massacre, declarou que “Um milhão de árabes não valem a unha de um judeu”. A imprensa mundial, como não poderia deixar de fazer, continua reduzindo diariamente o número de mortos, que no dia 25 foram anunciados como acima de 60 e no dia 29 de março já eram apenas 29; dos 170 feridos restantes não se teve mais notícias...

O fato de apresentarem no filme os alemães como loucos, assassinos raivosos, bêbados, indisciplinados, mal educados e corruptos, voltados totalmente a negociatas, ao dinheiro, câmbio negro, ouro e diamantes, merece – **pela inversão total de valores** – os sete Oscars da famigerada Academia, que há meio século é especializada em “Hollycausto”.

Conforme afirmação do próprio Spielberg, *A Lista de Schindler* tem a finalidade de combater a

onda de nazismo que estaria crescendo em todo o mundo. Eu diria que o que vem ocorrendo é o crescimento do número de pessoas saturadas com as deformações sionistas que criaram a **vitimização judaica**.

Ao contrário do afirmado e mostrado, Schindler não era alemão, era tcheco; não era industrial, era filho de um pequeno industrial que falhou; não seguiu os alemães na invasão da Polônia, pois já se encontrava lá desde 1938; não possuía capital ou fábrica; não era nacional-socialista, apenas usava – por conveniência – um distintivo com a suástica na lapela.

Por ser tcheco e avesso aos alemães, foi escolhido pelos dirigentes da comunidade judaica de Cracóvia como o homem de sua confiança. Cederam a ele uma fábrica que pertencia a um judeu e providenciaram muito dinheiro para a ampliação e funcionamento da mesma, que, ao contrário do sugerido no filme, produzia material bélico, além de painéis, fato que foi motivo para conseguirem bons contratos como o exército alemão. Tratava-se, portanto, de um testa de ferro, pois a fábrica, efetivamente, era dirigida por dois competentes administradores judeus. Certamente Schindler deve ter sido também um bom relações- públicas, além de um perfeito executor da linha de atuação traçada por seus dirigentes/financiadores judeus.

O também provavelmente sionista deputado federal José Serra confirma este conceito no seu artigo publicado no jornal Folha de São Paulo do dia 27 de março deste ano, quando observa: *“Findo o pesadelo, Schindler voltou à sua vida apagada e atribulada de anteriormente e só escapou de privações porque nunca mais deixou de ser ajudado pelos judeus a quem ajudara”*.

O filme omite, propositalmente, importantes evidências. Tratando-se de uma indústria de interesse militar e sob controle da Inspeção de Armamento alemã, é lógico que a fábrica teria de ser transferida para outro local, face ao avanço soviético. Era portanto de interesse alemão manter os empregados judeus – já acostumados à produção industrial – nos seus postos: não havia substitutos para contratar e tampouco tempo para treiná-los. O que foi uma transferência total da fábrica transformou-se em “ato de heroísmo”, por diversos motivos. O principal, a chave de todo o enigma, encontra-se justamente na própria Lista.

### **Diamantes, Muitos Diamantes!**

Após Schindler mandar relacionar os empregados efetivos (aproximadamente 800), a lista passou às mãos do coordenador de pessoal da fábrica, o judeu Marcel Goldberg que – segundo o livro – tinha o poder de incluir ou retirar nomes. A partir deste momento a Lista deve ser chamada de “Lista de Schindler & Goldberg”.

Aos alemães não importava quem seria transferido: estavam voltados apenas ao número total autorizado, que deve ter sido de 1.200, que é a cifra constante na inscrição da sepultura de Schindler em Jerusalém. Mesmo assim é um número a ser ainda confirmado.

A página 281 do livro, Goldberg pergunta a Poldek Pfefferberg – um dos “sobreviventes - Schindler” – que estava interessado em ser incluído na Lista se ele tinha diamantes, pois para ser incluído era preciso ter diamantes. Os “sobreviventes - Schindler” Dresner, Wulcan, Horovitz e outros confirmam que pagaram em dinheiro e diamantes para figurar na Lista. Nem o livro e nem o filme indicam quem ficou com a fortuna arrecadada das mãos das não menos de 300 pessoas, que não eram funcionários da fábrica.

### **Pavor da Vingança Popular**

Pessoas de grandes posses foram incluídas – à base de muito diamante – para não ficarem à mercê dos poloneses após a desocupação alemã. O pavor dos judeus poloneses não se referia aos alemães – que os poderiam ter “exterminado” durante cinco anos de ocupação, se fosse essa a intenção – mas dirigia-se aos poloneses que, ao se sentirem libertos, voltar-se-iam contra os remanescentes, pois odiavam os judeus e os responsabilizavam pela guerra.

Posteriormente houve “sobreviventes Schindler” que foram para a Alemanha e em pouco tempo chegaram a adquirir uma fábrica de cimento. Entre as centenas de não-empregados incluídos na Lista encontra-se o relativamente pequeno número de pessoas que, mesmo tendo pago pela inclusão, passou a ajudar Schindler quando este ficou sem dinheiro. Tudo indica que essa ajuda foi totalmente irrisória para uma pessoa apresentada como herói que salvou 1.200 judeus das “câmaras de gás”, acostumando a viver bem e que, como inimigo dos alemães, ajudou a procurar “criminosos de guerra” após o conflito. Com uma pensão mensal de 200 marcos, acabou morrendo em um pequeno apartamento numa das piores zonas de Frankfurt, próximo à estação ferroviária, em outubro de 1974 e – conforme seu desejo – foi sepultado em Jerusalém onde, ainda em vida, havia sido declarado um Justo...

É impressionante e estarrecedor assistir ao uso, por parte dos sionistas, do terrível arsenal acumulado durante mais de um século: A informação, utilizada sem o mínimo escrúpulo, para enganar a própria e crédula comunidade judaica, além do restante da humanidade.

A propaganda, que afirma que a Lista teria salvo aqueles 1.200 judeus da câmara de gás, é totalmente falsa, por um simples e cristalino motivo: nunca existiu uma única câmara de gás para execução de pessoas, fora dos Estados Unidos. E é por isso que nem o mestre da mistificação Spielberg ousou apresentar “gaseamento” nos banheiros de Auschwitz. Apesar do suspense barato na cena, dos chuveiros saiu... água!

Apenas como um pequeno exemplo, informo que apesar de não ter sido incluída na “Lista de Schindler & Goldberg” e ter permanecido no campo de Plazóvia, do comandante Amon, reside em Porto Alegre, em amplo e confortável apartamento no aristocrático bairro Moinhos de Vento, a Sra. Herta SpierGrauber, sobrevivente hoje com 75 anos, conforme reportagem do jornal Zero Hora de 27 de março deste ano.

Emilie Schindler, a viúva, em entrevista na Folha de SP, de 14/10/93, declarou que o autor do livro era um sensacionalista e que não era bom; referiu-se ao filme como também falso e ter muita coisa inventada!!! Disse que seu marido Oskar não fazia nada, era um estúpido e inútil!!!

Era necessário fazer algo para neutralizar a desastrosa repercussão da entrevista. Levaram Emilie para assistir novamente o filme nos EUA na presença de Clinton. Em B. Aires a B’Nai-Brith a levou duas vezes para assisti-lo (levar 4 vezes uma senhora de 86 anos para assistir um filme como este de 3:15h é na realidade uma tortura/lavagem cerebral).

No dia 11/3/94, tivemos o resultado na própria Folha de SP, à pg. 5-10, com reportagem do mesmo entrevistador anterior. Cinco meses após, Emilie tenta salvar Spielberg e o sionismo. Após informar que “nem vi o filme direito” ela cita que o filme mostra bem o que aconteceu... que apesar de excelente (sic) ainda é muito distante do que aconteceu. “Na verdade o que fizeram com as pessoas era muito pior, muito pior” (sic). Na mesma Folha, pg. 5-9, o sugestivo título em destaque, com a opinião do próprio Spielberg a respeito de sua obra: **“Ficção é mais eficaz que documentário”** (sic).

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº 11 / Abr/94*

POLÊMICA

### Abade Pierre Defende Revisionismo

#### Religioso mais popular na França dá apoio a Garaudy

*“Estou convencido que para o francês comum agora existe uma espécie de ‘Uf!, acabou o tabu!’ Não deixaremos mais que nos tratem de antijudeu ou anti-semita por afirmarmos que um judeu canta mal”.*

(Abade Pierre)

Um terremoto sacode os meios “politicamente corretos” da França: o abade Pierre – o religioso mais popular daquele país e famoso no mundo inteiro por suas comunidades “Emaús” e por seu trabalho em favor dos pobres – “ousou” ir de encontro aos “totens dourados” do “liberalismo democrático” mundial, atacando o “tabu” da revisão da história no que tange ao “holocausto”. Ao apoiar seu amigo, o filósofo e historiador Roger Garaudy, que escreveu um livro sobre o sacrossanto e proibido dogma universal, o abade Pierre – anteriormente sempre louvado e promovido pela mídia – passou a receber um turbilhão de acusações de parte da mesma, que vão desde “negacionismo” (revisionismo, ou contestar o dogma do alegado “genocídio” judaico) até anti-semitismo e senilidade. Ao contrário, abade Pierre, aos 83 anos, está cada vez mais lúcido e corajoso e seu passado não admite acusações preconceituosas. Abade Pierre acudiu seu amigo Garaudy, tentando evitar, com o peso de sua autoridade moral, que aquele intelectual seja condenado a até um ano de prisão por contestar o “holocausto”, assunto considerado intocável e protegido, por lei, na França.

Segundo o presidente do Consistório Central dos Israelitas da França, Jean Kahn, “Esta história (o “holocausto”) é tragicamente bastante verdadeira para precisar ser reavaliada 50 anos depois”. Roger Garaudy e o abade Pierre não pensam assim: Garaudy afirma que “o mito dos ‘seis milhões de judeus exterminados’ se transformou num “dogma” utilizado pelos judeus para justificar todos os excessos da política de Israel na Palestina”, e arremata: “A exploração do “holocausto” ou “Shoah”, permitiu que eles se colocassem acima de toda lei internacional”. Aponta que os estudos dos historiadores revisionistas não têm sido objeto de discussões científicas e, ao contrário, “acabam sendo sufocados pelo silêncio ou pela repressão”. Tudo absolutamente verdade, porém será condenado à prisão, caso o peso representado pelo apoio do abade Pierre não seja suficiente para despertar mais a consciência e a indignação do povo francês. “Estou convencido – afirma o abade – que para o francês

comum agora existe 'uma espécie de Uf! , acabou o tabu!' Não deixaremos mais que nos tratem de antijudeu ou anti-semita por afirmarmos que um judeu canta mal". Ao desembarcar no aeroporto de Bruxelas, as pessoas o cercavam para conversar e agradecer por ter tido a coragem de levantar um tema tabu. Coragem e integridade, diga-se de passagem.

A polêmica recém começou.

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº15 – Mai / 96*

SOBREVIVENTES

### **6 Milhões de Cruzeiros Reais Não Atraem "Sobreviventes" Ninguém se habilitou ao nada desprezível Prêmio... Veja Porquê!**

Visando esclarecer de uma vez por todas – ao menos a nível de Brasil – estas estórias sobre gaseamentos em Auschwitz espalhadas por tráfegos "sobreviventes" através de todos os meios de comunicação existentes, o historiador revisionista S. E. Castan, com o apoio do Centro Nacional de Pesquisas Históricas – CNPH, instituiu no mês de maio do corrente ano um "Prêmio-Esclarecimento" de 6 milhões de cruzeiros reais a ser pago à primeira testemunha ocular judaica que provasse a execução de apenas um único judeu em câmaras de gás e explicasse o funcionamento das mesmas perante uma Comissão Especial formada por estudiosos do assunto e sob a presidência de um militar brasileiro.

Durante vários dias que antecederam o evento o CNPH enviou fax a todos os jornais brasileiros filiados a ANJ-Associação Nacional dos Jornais, com o convite para o lançamento do Prêmio que seria realizado dia 2 de maio no salão nobre do Hotel Continental de Porto Alegre.

Com a devida antecedência foram despachados folhetos divulgando o tentador prêmio, juntamente com o convite para a cobertura do acontecimento, aos principais jornais não filiados à ANJ e a expressivo número de jornalistas independentes.

No dia 2 de maio tudo estava preparado para a conferência de imprensa: o salão reservado, com dezenas de cadeiras na platéia; na mesa reservada à explanação de Castan encontravam-se inúmeros documentos, livros, painéis; o serviço de garçons a postos; dezenas de coleções completas das principais obras da Editora Revisão – inclusive os seis volumes do mais recente lançamento "Complô Contra a Igreja" – para serem distribuídos aos jornalistas presentes.

#### **Sempre a "Mão Invisível"**

Quinze minutos após o horário marcado apenas três jornalistas se encontravam presentes. Apesar destes representantes de três dos principais jornais do Brasil – Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil – terem enviado amplas matérias sobre a entrevista e a instituição do Prêmio para suas sedes, nenhuma linha foi publicada: atuou a famosa "mão invisível" que dirige e dita as ordens na imprensa, não só nacional como também internacional. Não era, evidentemente, do interesse dos patrões sionistas que a farsa das "câmaras de gás" colocasse em xeque a farsa maior e alicerce da vitimização judaica, o chamado "holocausto"!

Os "sobreviventes" profissionais, os eternos e lamurientos contadores de estórias que perambulam de estação de TV em estação de TV, de jornal em jornal, de revista em revista, de rádio em rádio contando "dia sim, dia também" suas "vivências" pelos campos de "exterminio" (apesar de se encontrarem bem gordinhos e não "exterminados") jamais poderão ser colocados a frente com os pesquisadores sérios que utilizem métodos investigativos e de interrogatório baseados nos fatos reais. Para eles – os "sobreviventes" – é muito fácil falar horas e horas para interlocutores coniventes ou desinformados: *porém frente a interlocutores com conhecimento dos fatos, a situação ficaria insustentável, pois seriam desmascarados imediatamente.* Nos programas de entrevista normais, quando as perguntas – por algum descuido – se tornam comprometedoras, os "sobreviventes" costumam ter "ataques", falta de ar, palpitações, ameaças de desmaio, choram, se enfurecem e reclamam da "falta de respeito pelos seus sentimentos", deixando os entrevistadores desnorteados e constrangidos. Porém, nada disso "funciona" perante uma junta séria e objetiva: terão de responder positivamente e então... estarão perdidos!!!

Resumindo, nos dias subseqüentes – e até hoje – não saiu uma única linha em qualquer jornal brasileiro sobre o lançamento do Prêmio-Esclarecimento!

### Campanha de Divulgação

O CNPH e S. E. Castan se empenharam então em uma campanha-monstro de divulgação do Prêmio aos “sobreviventes” através da impressão e distribuição de 120 mil folhetos-convite para a habilitação ao prêmio. Foram enviados via correios a todas as principais autoridades do Brasil; novamente remetidos aos principais jornais e jornalistas nacionais, além da distribuição em semáforos nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro. Os 60 dias de prazo para a habilitação se esgotaram e não se apresentou nem um único “sobrevivente” dos milhares que vivem em nosso país. A lógica dizia que um número fantástico de candidatos se habilitaria. Porém a realidade se mostrou bem diferente: os chefes sionistas simplesmente proibiram a divulgação pela imprensa do maior e mais mortífero desafio jamais apresentado para a desmistificação definitiva do “holocausto”, protegendo desta forma o dogma da “vitimização” judaica, além de proteger os chamados “sobreviventes” de um vexame sem paralelo, de funestas e irreparáveis consequências para o plano sionista de domínio mundial.

Para o Revisionismo Histórico a polêmica já se extinguiu há muito tempo: os dados, as evidências, as provas são tão esmagadoras no tocante à maior farsa de toda a história da humanidade – o “holocausto” – que já não admitiriam mais controvérsias. Porém a luta se trava agora a nível de **divulgação**. E no atual estágio de domínio do sionismo sobre todos os meios de comunicação do planeta, a luta para levar a verdadeira versão dos fatos ao conhecimento do público em geral está apenas no seu início. *A nosso favor temos o tempo e a capacidade de raciocínio do homem.*

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº12 – AGO/94*

UMA CRAPULA

### Saiba Quem é Simon Wiesenthal

**Simon Wiesenthal. Este é o nome:** lembra grandes aventuras, perseguições incríveis e rocambolescas, pistas sinuosas e obscuras sendo trilhadas pelo intrépido e implacável “Vingador de Israel”, sempre em luta contra forças da sombra, poderosas e quase onipotentes. Na busca dos rastros dos “criminosos nazistas”, dos terríveis “Monstros Disso”, “Carniceiros Daquilo”, “Açougueiros do Acolá”, o intrépido Simon, qual Indiana Jones – só que mais “charmoso”, porque real... – criou uma legenda fantástica, uma aura de heroísmo dificilmente encontrada nestes nossos dias de hoje, tão carentes de verdadeiros heróis, justiceiros impolutos, sempre batalhando pelo bem e a verdade. Antes de partir para a sua saga de superomem, o jovem Simon sobreviveu – sempre por milagre – a terríveis perambulações por nada menos de 13 “campos de extermínio”, incluindo o terrível campo de Auschwitz, onde segundo suas próprias e tristes memórias, sempre escapou da morte – já na fila do “banho”, com toalha e sabonete na mão – porque soava a hora do almoço, encerrava o expediente, ou era hora do chá. Milagre. E jurou com, todas as suas forças, que caso saísse daquele inferno com vida, dedicaria o resto de seus dias a “não permitir que coisas assim viessem a se repetir”: O mundo precisava saber! **E milagre!!** (mais uma vez), num belo dia, Simon estava novamente livre e iniciou sua fantástica, incrível e – se não fosse quase uma heresia – maravilhosa jornada, tornando-se “um paradigma de dignidade e valorização do ser humano”. Simon era a prova, viva (não exterminada) de que “um homem, quando digno deste nome, pode ressurgir das profundezas do inferno e atingir o mais alto pináculo da glória”. Mais detalhes somente lendo seus fantásticos e imperdíveis livros de ficção. Nas boas livrarias.

Num programa de TV alemã ARD, intitulado Panorama, apresentado no dia 8 de fevereiro do corrente ano, às 21 horas e dedicado a figura de Simon Wiesenthal, diversas opiniões sobre o “famoso caçador de nazistas”, foram expressadas por personalidades do mundo sionista:

**Isser Harel, antigo chefe do Mossad:** “Wiesenthal garante ter descoberto mais de 1200 nazistas, um número impossível de encontrar. O número é bem menor, no máximo uns dez. Ele causou enormes danos através de suas falsas manifestações. Criou lendas. Em todos os grandes casos ele falhou. Sua importância é mínima. Espalhou falsas informações. Uma trágica figura.”

**Rafi Eitan, comandante da “Operação Eichmann”:** “Não acrescentou nada à operação. Reuniu todas as informações que conseguiu (sobre Eichmann) e escreveu um livro...”

**Benjamin Weiser Veron,, diplomata israelense no Paraguai:** “A caçada de Wiesenthal a procura de Mengele foi a grande caçada... que não houve. Ele afirmou que Mengele e os outros nazis viviam prosperamente (no Paraguai) e eram multimilionários: tudo histórias da carochinha...”

**Neal Sher, chefe do departamento de perseguição a nazistas do Ministério da**

**Justiça dos Estados Unidos:** “Seguimos cada passo... totalmente em vão... normalmente identificamos pessoas erradas... nenhuma prova concreta contra as pessoas citadas (por Wiesenthal). No “Caso Waldheim” (ex-secretário-geral da ONU e ex-primeiro ministro da Áustria, acusado de “nazista”) Wiesenthal ligou para nós inúmeras vezes, solicitando reiteradamente que nada fosse feito contra Waldheim, para não prejudicar seus negócios na Áustria...” ( O escritório mundial do “famoso caçador de alucinações” fica em Viena).

**Élan Steinberg, membro do Congresso Mundial Judaico:** “Wiesenthal deve a Israel uma desculpa por proteger Waldheim e arrogar a si o sucesso da “Operação Eichmann”. E acrescentou, para espanto dos telespectadores: “Os alemães deveriam ter ânimo e se preocupar do passado de Wiesenthal (...!)”

Aparentemente nem seus comparsas conseguem mais conviver com o excesso de mentiras de Wiesenthal... Mentir, para eles, é bom e sempre leva a bons resultados (vide imprensa mundial, cinema, televisão, livros, etc) porém o excesso de mentiras pode levar ao desmascaramento da Grande Mentira. E isso não é bom para o movimento sionista e seu plano de domínio mundial.

Essa história vai longe.

*Boletim-EP/Esclarecimento ao País nº15 – Mai / 96*

VERDADE OU MENTIRA ?

## **Banqueiros Judeus Financiaram Hitler?**

**Seguidamente essa questão é posta em pauta pelos historiadores de plantão.**

**S. E. Castan**

Em caso afirmativo, foi o que se chama popularmente de tiro pela culatra... No outono de 1930 aconteceu algo intrigante para os observadores internacionais que controlavam os rumos da política na Alemanha: na eleição de setembro daquele ano, para o Parlamento, os nacionalsocialistas receberam 10 vezes mais votos do que na eleição anterior. E esse resultado passava a influir fundamentalmente no poder da República de Weimar.

Na época, a maioria dos experts políticos não encontrou justificativa para aquele acontecimento.

Somente em 1948, três anos após o término da guerra, apareceram os primeiros vestígios esclarecedores para o enigma referente ao descomunal crescimento dos nacionalsocialistas naquelas eleições, através de dois livros, um de autoria do escritor suíço Werner Zimmermann intitulado “Liebet eure Feinde”, que significa “Amai vossos Inimigos” (Ed. Frankhauser, Neuf-Chatel) e outro livro, de Severin Reinhard, intitulado “Spanischer Sommer” ou seja, “Verão Espanhol” (Ed. Aehren) que viria a se transformar num clássico. Ambos convergem sobre a solução do misterioso enigma, sendo “Spanischer Sommer”, a obra de Reinhard, mais ampla e esclarecedora.

Em 1933, em Amsterdã, a respeitável editora Van Holkeman & Warensdorfs, N.V., lançou um livro de 99 páginas com o sugestivo nome *Hitlers geheime Geldquellen*, ou *As fontes de Dinheiro Secretas de Hitler*, de autoria de Sidney Warburg, que reproduzia três conversações que o autor havia tido com Hitler.

Tendo em vista que os nacionalsocialistas já se encontravam no poder e tratando-se de assunto altamente secreto e “delicado”, que não lhes interessava vir a público, a alta finança internacional providenciou a interceptação e a destruição da edição, antes que fosse para as livrarias.

Alguns livros, porém, escaparam da incineração, sendo que dois acabaram nas mãos do representante da Áustria em Haia, na Holanda, através da biblioteca da embaixada, que havia recebido dois volumes para catalogação. Assim os livros chegaram a Viena onde foram lidos pelo chanceler da época -e confidentes do mesmo -o qual, em virtude da situação política da Alemanha, não considerou oportuna a ocasião para qualquer comentário a respeito com von Papen, embaixador alemão em Viena. Preferiram enviar um homem de confiança à Suíça para procurar o Dr. Otto Strasser, um dissidente do nacionalsocialismo que havia publicado anteriormente o livro *Die Deutsche Bartolomäus-nacht* (A noite de Bartolomeu alemã), para entregar-lhe um dos livros.

Na continuação, o Dr. Strasser publicou, em 1936, uma pequena obra sobre o assunto intitulada *Finanzielle Weltgeschichte* (História financeira Mundial), que não teve nenhuma repercussão em virtude do alvoroço político e efervescência social que então reinavam na Europa.

Felix Warburg, da famosa família de financistas internacionais, judeu nascido na Alemanha, foi o organizador da linha de navegação alemã Hamburg-America Linie. Seu irmão Paul M. Warburg, por

seu lado, fazia parte do governo do presidente Hoover dos EUA, na função de Secretário de Estado e sócio do Banco Kuhn, Loeb & Co., de Nova Iorque. Sidney Warburg, autor do incinerado livro na Holanda, que usava às vezes outros prenomes, era filho de Paul.

Em julho de 1929, 14 meses antes das eleições do Parlamento alemão, o Guarantee-Trust Bank, de Wall Street, também pertencente ao grupo de Warburg, transmitiu ao jovem Sidney instruções para assumir a defesa dos interesses do ramo americano da família, pois, com a instabilidade política crescente na Alemanha, estavam em jogo os fornecimentos de mercadorias no valor em torno de 8 bilhões de dólares na Europa Central. O presidente do Guarantee-Trust Bank havia convidado para aquela sessão extraordinária os diretores do Banco de Reserva Federal americano, FED, o jovem Rockefeller da Standard Oil Co., além de MacGlean da Royal-Dutch Co. (Shell) e representantes de outros 5 bancos privados.

Quais os objetivos da reunião?

Sidney Warburg deveria procurar e apoiar, na Alemanha, um homem que liderasse uma revolução nacional. O Tratado de Versalhes beneficiara fantásticas vantagens à França, através das chamadas reparações de guerra, fato que permitia ao Banco da França desenvolver uma política considerada ameaçadora contra a moeda inglesa e contra o dólar.

Essa condição teria de ser bloqueada e o Tratado deveria ser modificado. A França deveria ser "enquadrada" e ficar sob observação...

Também deveriam ser afastados os russos, por praticarem preços baixos com os combustíveis, e os judeus do Leste deveriam ser mantidos à distância (sic!).

Resumindo: es especuladores de Wall Street desejavam uma Alemanha explorada por eles, não pela França. Quem poderia ajuda-los?

Sidney Warburg viajou para Munique onde encontrou Hitler e seu relações públicas, von Heydt. Hitler teria concordado com a ajuda e recebido imediatamente o primeiro pagamento para o seu partido, no valor de 10 milhões de dólares, correspondente a 40 milhões de marcos, uma quantia astronômica à época, através da casa bancária Mendelsohn & Co., de Amsterdã, com a finalidade de trocar seu movimento para frente. Isso em 1929, antes de ter aumentado em 10 vezes sua representação no Parlamento.

Em 1931 ficou periclitante a posição da libra inglesa e do dólar. A França recebia tão grandes fornecimentos da Alemanha que essa já não podia cobrir as demais dívidas de reparações e seus juros. Hitler teria solicitado mais dinheiro: 500 milhões de marcos para fazer uma "revolução verdadeira", ou 200 milhões para uma "tomada legal do poder". Warburg então intermediou mais 15 milhões de dólares através de Mendelsohn & Co., Rotterdamscher Bank, de Roterdã e do Banca Commerciale Italiana, de Roma, com 5 milhões cada.

Warburg teria viajado então para Roma, junto com Strasser, Heydt e Goering (!), onde -sempre segundo os dois autores citados -teria ficado hospedado na residência de Ítalo Balbo, viajando posteriormente de Gênova para Nova Iorque pelo navio Savoya.

No dia 30 de janeiro de 1933 Hitler assumiu a Chancelaria do Reich. Em fevereiro Warburg mantém seu último contato em Berlim, na Fasanenstrasse nº 28. O livro apreendido e incinerado de Sidney Warburg assinala ainda que, antes da eleição de 1933, teriam sido entregues a Hitler mais dois milhões de dólares através do Banco Rhenania de Düsseldorf e mais de 5 milhões através do Banca Commerciale.

Esses teriam sido os principais financiadores judeus para a tomada de poder de Hitler.

Se realmente esperavam que Hitler se transformasse em mais um difusor de seus interesses - fato "normal" em eleições, até os dias de hoje -cometeram então o maior engano de avaliação de suas vidas, pois estavam diante de alguém cujo objetivo político/ideológico visava, acima de tudo, o bem estar do seu povo, expresso através do símbolo da suástica (*Vida Feliz*), através do programa partidário e exposto, de antemão e com todas as letras, na sua obra *Minha Luta*. Não acreditaram que se encontravam frente a um homem que tinha, na grandeza da sua pátria e nos compromissos com o seu povo, compromettimentos acima de quaisquer exigências estranhas, e que jamais se submeteria aos interesses de financiadores, quaisquer que fossem.

Na realidade esses financiamentos não passavam de uma desesperada tentativa para modificar as metas e pensamento de Hitler, sobre o capitalismo e o bolchevismo judaicos, perigos que ele nunca deixou de citar e combater.

Frustrados no empreendimento, somente lhes restou unirem-se às vozes de intelectuais e líderes sionistas que já vinham trabalhando e propagando em várias partes do mundo uma campanha para levar a guerra à Alemanha, fato que culminou com a declaração judaica de guerra econômica e propagandística já no dia 23 de março de 1933, recém 50 dias após a posse de Hitler, conforme matéria de capa do *Daily Express* londrino daquela data.

Os capitalistas judaicos falharam na missão de subverter Hitler, amargando um revés inicial, logo correram atrás do prejuízo e em poucos anos incendiaram o mundo através da II Guerra Mundial,

realizando multibilionários negócios de armamentos e equipamentos e, posteriormente, lucros mais fantásticos ainda com os programas de "reconstrução" e tomada de posse dos bens e das almas dos vencidos. Para deter Hitler e seu regime, que durante sua curta e exitosa existência não lhes concedeu o mínimo espaço, revelando ao mundo a face criminosa do sionismo judaico, não hesitaram -como não continuam hesitando até hoje -em causar a morte e sofrimentos inomináveis a milhões de seres humanos.

*Boletim-EP / Esclarecimento ao País* Nº 20.

<http://econac.net/dirliip.htm>

MAFIA

## Finkelstein e a Indústria do Holocausto

### Comentários sobre algumas "denúncias" da Indústria do Holocausto

**Robert Faurisson**

O judeu sionista demonstrará medos que em realidade não sente.

Ele exporá aos olhos de todos certos pontos fracos, que de fato não são tão fracos assim, e procurará esconder aqueles que lhe causam inquietude real. Agindo desta maneira, será atacado onde não lhe fará mal, protegendo-se de ataques em pontos realmente sensíveis e vitais.

Judeus e sionistas não estão realmente preocupados com as denúncias de "Indústria do Holocausto", provenientes de fontes judaicas, feitas pelos Norman Finkelsteins, Peter Novicks, ou Tim Coles: há uma gama de mais ou menos denúncias consentidas (kosher) nas quais a reverência e o cuidado com a preservação do mito do "Holocausto" são observados; pode ser notado além disso, que, se a exploração industrial ou comercial do sofrimento, real ou suposto, dos judeus constitui-se num excelente filão de negócios, a crítica deste comportamento também se transformou num outro bom filão. Porém estes dois filões de negócios, especialmente o segundo, ficam estritamente reservados para judeus: um gentio (não-judeu) que se aventurasse a imitar Finkelstein nas suas denúncias da máfia do "Holocausto" seria imediatamente subjugado por uma gangue de atentos sequazes.

<http://www.alfredo-braga.pro.br/discussoes/industriadoholocausto.html>

INDUSTRIA

## Entrevista telefônica com Norman Finkelstein

Após a publicação do importante artigo acima, denunciando o farsante, com apenas algumas citações do mundo de fantasias que ele escreveu até hoje sobre o assunto, a Editora Record lançou, em fevereiro passado, o livro intitulado *A Indústria do holocausto*, de autoria de **Norman Finkelstein**, professor universitário dos EUA, ele próprio judeu, e filho de ex-prisioneiros dos campos de concentração de Auschwitz e Majdanek - (apontados pela psicopática literatura sionista, a serviço dessa indústria, como "campos da morte").

Quando a *Folha de São Paulo*, conforme publicado no dia 24/2/2001, à pg.E4, em entrevista telefônica mantida com o autor, diretamente de sua casa em Nova York, perguntou "o motivo pelo qual começou a questionar a história que se contava sobre o holocausto, na época em que ainda era um estudante", ele respondeu textualmente:

"Eu cresci numa casa de sobreviventes do holocausto nazista, **ouvindo a reação dos meus pais** às várias comemorações do evento e aos livros que eram publicados sobre o assunto. E o que se dizia sobre o holocausto (em livros, filmes etc) **era diferente daquilo que me contavam em casa**. Mostro (no livro) que o discurso sobre o fato histórico se transformou completamente a partir do final dos anos 60. Isso só aconteceu **por motivos**

político-econômicos".

No livro, Finkelstein faz graves acusações aos falsificadores, exploradores e aproveitadores do "holocausto", taxando-os de **verdadeiros bandidos**. Um dos mais atacados é justamente **Elie Wiesel**, figura-chave do nosso artigo acima, e que já havíamos denunciado em 1987 no livro *Holocausto Judeu ou Alemão? - Nos Bastidores da Mentira do Século*. Por mais absurdo que possa parecer, após a colocação do artigo acima na Internet e o posterior aparecimento do livro de Finkelstein, o Governo Brasileiro - leia-se nosso Presidente **Fernando Henrique Cardoso** - conforme publicado na imprensa em março, condecorou o duplamente acusado Elie Wiesel com a grã cruz da ordem de Rio Branco. Cabem muito bem as seguintes perguntas:

Quais os benefícios que Elie Wiesel trouxe ao Brasil?  
 Nosso Presidente tem poder para condecorar quem quiser?  
 Deu a condecoração por vontade própria ou foi pressionado?  
 Se foi pressionado, quem foram os atrevidos?  
 Não ficou bem claro que a condecoração apenas foi dada para dar um "bom aspecto" ao acusado?

CHARLATÃO

## Elie Wiesel Prêmio Nobel da Paz,

### Mentiroso Serial ou Repetidor de Mentiras?

Sob estes títulos aparece na revista nº 2, Ano IV, de agosto de 2000, "*Vierteljahreshefte für freie Geschichtsforschung*", longo artigo dos eminentes prof. Dr. **Robert Faurisson**, da França e **Bradley R. Smith**, dos EUA, do qual anotamos diversas informações sobre **Elie Wiesel** que, por incrível que possa parecer, recebeu em 1986, por recomendação de numerosos membros da Câmara de Deputados, de Bonn, Alemanha, o Prêmio Nobel da Paz!... Elie Wiesel é considerado há muitos anos como testemunha ocular do "holocausto" judeu, para os assassinatos em câmaras de gás. Ele se acha em condições de exigir que as pessoas acreditem no extermínio de 6.000.000 de judeus, apesar de, nos seus livros sobre Auschwitz e Buchenwald, em lugar algum fazer referência a esse sistema de execução. Ele afirma que os alemães matavam judeus, porém... com fogo, quando os deportados, em céu aberto, eram atirados nas chamas dentro de uma vala, e diante de todos os deportados!... (nada menos que isso!). Ele porém deu azar. Quando, entre várias mentiras da propaganda, teve a oportunidade de escolher, ele preferiu a mentira do "fogo", ao invés de execução por "água fervente", "gás" ou "eletricidade". Quando ele, em 1956, 12 anos após o fim do conflito, revelou, em iídiche, suas vivências como testemunha ocular, o mito com assassinatos através de fogo ainda estava vivo em determinados círculos. O fogo é a origem do entendimento da palavra holocausto.

Hoje não existe mais um único "sobrevivente-historiador" voltado a esta forma de assassinato. Os mitos de morte por "água ou vapor fervente", de origem polonesa, e por "corrente elétrica", de origem soviética, igualmente foram perdendo seus mentirosos divulgadores. Ficou apenas a já totalmente desacreditada e desmontada mentira do assassinato por "gás", de origem dos EUA, provavelmente por ser até hoje o único país do mundo a usar esse totalmente complexo sistema de execução. A origem do "assassinato por fogo" é duvidosa, porém certamente tem a ver com a cremação de cadáveres, que é feita por fogo. Ela tem a mesma idade das propagandas de ódio e de guerra. Elie Wiesel divulgou suas vivências, como testemunha ocular, no livro em francês "La nuit" (A noite), somente escrito em 1958, com prefácio de François Mauriac. Ele afirma nesta obra (que os tacanhos deputados alemães, que recomendaram o Nobel da Paz, certamente leram), que em Auschwitz existia uma vala para extermínio com fogo para adultos e outra vala para extermínio de crianças pequenas... Textualmente escreveu: "Não distante de nós saíam chamas de uma vala, chamas enormes. Algo estava sendo queimado. Um caminhão encostou na vala e desfez-se de sua carga: eram crianças pequenas, em fase de amamentação! Sim, eu vi a cena com meus próprios olhos... crianças nas chamas. É de estranhar que a partir deste momento o sono foge dos meus olhos?" "Um pouco adiante encontrava-se uma outra vala, para incinerar, com gigantescas chamas, onde as vítimas durante horas lutavam contra a morte" (p.58).

A coluna em marcha, das qual Wiesel era integrante, foi conduzida pelos alemães até uma distância de 3 passos do fogo. "A 2 passos da vala ordenaram a nós para dobrar à esquerda e recolher-nos numa barraca" ...(pg.60). (Sem explicar o motivo). Wiesel, ele próprio uma testemunha "excepcional", afirma e garante ter conhecido outros "excepcionais" colegas. Sobre Babi-Yar, uma

localidade na Ucrânia, onde os alemães teriam executado soviéticos, entre os quais judeus, ele escreveu:

"Posteriormente tomei conhecimento através de uma testemunha, que a terra, onde houve as execuções, tremia e, de tempos em tempos, jorravam fontes de sangue no local (tipo geysers)".

Em "Author, Teacher, Witness" - *Time*, 18/3/85, p.79, Elie Wiesel afirma:

"Em Buchenwald eles enviavam diariamente 10.000 pessoas para a morte. Eu sempre estava entre os últimos 100 próximos à saída. Lá eles nos paravam. Por quê?" Em 8/5/1990 Wiesel, referindo-se ao livro *La nuit* esclareceu ao *Chicago Tribune*:

"Cada palavra nesta obra representa a verdade absoluta". Vamos examinar agora interessantes citações constantes das páginas 124 a 130, quando no ano de 1944, aos 16 anos, como prisioneiro em Auschwitz, teve uma infecção no pé direito, escreveu:

"Um importante médico judeu, prisioneiro assim como meu pai e eu, diagnosticou que seria necessária uma cirurgia". Internado no hospital de Auschwitz, ele escreveu:

"O hospital não é ruim; tinha direito a pão de boa qualidade e sopa engrossada". Seu médico o assistiu até o jovem paciente acordar. Pouco depois em janeiro de 1945, face à aproximação do exército soviético, os alemães ordenaram a evacuação de Auschwitz. Wiesel escreve à p.129:

"Os alemães ordenaram que os doentes podem ficar no hospital. Eles não seriam evacuados". Wiesel então consultou seu pai. "Ele (o pai) aprofundou-se nos pensamentos. A escolha estava em nossas mãos. Pela primeira vez podíamos nós mesmos decidir sobre nosso destino. Os dois podíamos ficar no hospital, onde, graças o meu médico podia ficar passando por doente, e o pai como enfermeiro, aguardar os soviéticos ou abandonar Auschwitz com os alemães" (p.130/133).

Estranhamente, ao invés de aguardar a chegada dos "libertadores", os dois preferiram acompanhar os alemães, que assassinavam até crianças em fase de amamentação, apesar de ainda ter alguma dificuldade para caminhar... Elie até hoje não explicou o motivo da escolha !!! Seu pai posteriormente faleceu em Buchenwald e suas 2 irmãs também sobreviveram a guerra. À Jewish Telegrafic Agency, em 11/4/83, Wiesel declarou que foi libertado no campo de concentração de Dachau;

Ao "New York Times", em 2/11/86, Wiesel declarou ter sido libertado no campo de Buchenwald;

Ao "New York Post", de 23/10/86, Wiesel declarou ter sido libertado em Auschwitz;

**Onde está a credibilidade desse Prêmio Nobel ?** Vejam o que este cidadão escreveu sobre os alemães no livro "Appointment with Hate, Legend of our Time", N.York, Avon Books,p.177:

"Cada judeu deveria guardar, no seu coração, uma zona de ódio - sadio e forte ódio - para aquilo que o alemão representa e o que continua vivo nos alemães". (E saber que foram deputados alemães que sugeriram o Nobel para esse que é considerado uma das mais importantes provas do holocausto judeu, uma autoridade moral...). Na lavagem cerebral contra o povo alemão, também foi usado o livro "La nuit", de Wiesel, que passou a chamar-se "Die Nacht zu begraben, Elisha". Na obra original Elie(sha) não faz uma única vez referência a câmaras de gás, mas vejam o que saiu na edição em alemão:

1. Na p. 57, em francês, ele cita: au crématoire (que significa **para o crematório**), foi traduzido em alemão **para no campo de extermínio**; 2. Na p. 57, em francês, o mesmo au crématoire, foi traduzido para **dentro das câmaras de gás**; 3. Na p. 58, four crématoires, (fornos crematórios), traduzido **para as câmaras de gás**; 4. Na p. 61, aux crematoires, (nos crematórios), traduzido para **dentro das câmaras de gás**; 5. Na p. 62, le four crématoire, (o forno crematório), traduzido para **dentro da câmara de gás**; 6. Na p. 67, le crématoire, (o crematório), traduzido para **a câmara de gás**; 7. Na p. 84, exterminés (exterminados), traduzido para **gaseados**; 8. Na p. 101, dans de four crématoires (dentro dos fornos crematórios), traduzido para **dentro das câmaras de gás**; 9. Na p. 108, six crématoires (seis crematórios) , traduzido **para seis câmaras de gás**; **A respeito de acontecimentos mentirosos e verdades não acontecidas...**

Do livro de Wiesel *Legends of our Time*, N.York 1982:

"O que tu estás escrevendo?" perguntou o rabino. "Histórias", eu respondi... Ele queria saber quais histórias: "Histórias verdadeiras? A respeito de pessoas que tu conhecestes?" Sim, a respeito de coisas que aconteceram ou que poderiam ter acontecido. "Mas que não aconteceram?" Não, não todas. Na verdade algumas delas foram inventadas do começo ao fim. O rabino abaixou-se para mim, como me examinasse e, mais triste que raivoso disse: "Isto significa que estás escrevendo mentiras?" Eu não respondi imediatamente. A pressionada criança dentro de mim não tinha nada para dizer em sua defesa. Porém eu tive que me recompor: "As coisas não são tão fáceis, rabino. Alguns casos acontecem, mas não são verdadeiros. Outros são verdadeiros, mas nunca acontecem". Quem tiver interesse em contratar essa lamentável figura para uma Conferência - que são muito caras - com a finalidade de saber o que é ou não mentira, ou o que aconteceu ou não, pode conseguir seu endereço em qualquer uma das centenas de organizações judaico/sionistas em todo o Brasil.

Observamos que os interessados deverão assumir e firmar compromisso de não permitir, em hipótese alguma, que um único revisionista o conteste, pois ele não quer discussão com os mesmos, por considerá-los maldosos e antisemitas desgraçados, que são organizados e bem financiados... Pobre Elisha.

UM CURTO CASACO DE PELES

## Jean-Claude Pressac: In Memoriam

Robert H. Countess

A 17 de Fevereiro de 2001, conduzi o meu carro alugado de Le Vesinet – onde me encontrava a visitar amigos – até à La Ville du Bois, uma viagem de cerca de duas horas numa simpática e solarenga tarde, para aparecer na farmácia de Jean-Claude Pressac na ânsia de o encontrar ao fim de um dia de trabalho. Era Sábado e calculei que teria mais sucesso se aparecesse sem telefonar de antemão.

Resultou maravilhosamente.

Fechou a farmácia por volta das sete horas e cheguei lá cerca de quinze minutos antes, apresentei-me a um funcionário que depois me levou até ao Monsieur Pressac. Comecei por falar em inglês mas o mesmo preferiu o alemão, uma vez que o meu francês é praticamente inexistente. Imediatamente, referi a visita do meu amigo David Cole à farmácia alguns anos antes e que gostaria de lhe falar por alguns minutos, se fosse possível.

Depois mostrei-lhe a minha cópia do nosso livro da Theses & Dissertions Press, *Dissecting the Holocaust*, mas abri rapidamente o índice e apontei as muitas referências a “Jean-Claude Pressac”, julgando que, como todos nós, este pudesse ser positivamente influenciado por interesse do seu ego – e de facto foi!

Disse-lhe que tinha uma cópia extra caso a desejasse comprar, e o mesmo pagou-me em francos franceses. Recordo-me de ter pedido para dar uma vista de olhos à farmácia e ele guiou-me, depois desculpou-se para chamar a sua namorada e convidou-me para jantar com eles – uma agradável surpresa para mim, obviamente.

A sua namorada chegou envergando um curto casaco de peles e muito bem vestida, enquanto que ele já se encontrava vestido com um fato escuro. Segui-os durante vários quilómetros até à sua casa, estacionei o meu carro, e depois continuei a viagem com eles para, julguei eu, um restaurante, mas chegamos quinze minutos mais tarde à simpática mas modesta casa de um professor militar reformado na qual me foi servida uma refeição francesa de cinco pratos – sumptuosos e muito deliciosos – nas duas horas que se seguiram. A maior parte da conversação foi efectuada em francês, com Pressac a explicar-me ocasionalmente algo em alemão. Nós, homens, passeamos pela cave de vinhos do anfitrião na qual vi uma enorme colecção de bons e vulgares vinhos.

Em determinada altura durante a refeição, Pressac foi buscar o livro *Dissecting the Holocaust* e mostrou-o ao seu anfitrião, apontando principalmente para as entradas no Índice sobre o próprio Pressac.

Tenho de dizer que a noite foi toda bastante agradável e que Pressac e os seus amigos foram muito hospitaleiros e me fizeram sentir tão confortável quanto possível. Saí da sua casa por volta da meia-noite, de regresso a Le Vesinet, com todas as intenções de o visitar novamente qualquer dia para discutirmos o conteúdo do nosso livro.

Claro está, Jean-Claude Pressac era uma figura polémica devido às suas pesquisas e por ter escrito aquele que o Professor Faurisson chamava de “o Grande Livro”. Arranjei a minha cópia deste “Grande Livro” e trabalhei na mesma durante mais de dois meses de leitura intensa e cheguei à conclusão de que Pressac tinha obviamente produzido uma grande obra e que os seus financiadores – os Klarsfelds – parecem não ter lido, ou pelo menos não ter lido com cuidadosa compreensão, uma vez que o “Grande Livro” de Pressac continha uma enormidade de documentos e fotografias importantes que causaram muitos problemas à história tradicional do Holocausto judeu.

Estou grato a Pressac e aos seus amigos pela sua calorosa hospitalidade francesa – manifestada para com um completo estranho que pura e simplesmente apareceu sem avisar – naquele fim de tarde de Fevereiro de 2001. A sua contribuição para a revisão da história do Holocausto judeu irá, sem dúvida, continuar a ser sentida nas próximas décadas.

<http://econac.net/dirliip.htm>

UMA CADEIRA

## Hugo Chávez e o revisionismo

Marcelo Silveira

Vale a pena mencionar aqui a reação por parte do colunista do jornal alemão *Die Welt*, Christian Buch, o qual descreve chocado a estreita ligação entre o suposto líder do novo "Triunvirato" sulamericano, Hugo Chávez, e o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad: "Em um encontro dos opositores à globalização, Hugo Chávez descreve George W. Bush como o 'maior terrorista' e o governo norte-americano como 'perverso e imoral'. Sua retórica anti-fascista não o livra com certeza em prestar solidariedade ao revisionista do holocausto, o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad. [*Die Welt*, 23 de março de 2006, pág.8]

Tanto o presidente Hugo Chávez, quanto seu colega Mahmoud Ahmadinejad conhecem a fundo a história do Holocausto. Ahmadinejad atuou como professor de física na Universidade de Teerã e estudou com grande interesse os artigos do Professor Faurisson, assim como os laudos periciais de Fred Leuchter e Germar Rudolf. Recentemente, há ações no sentido de criar **uma cadeira no curso de história sobre o revisionismo histórico do Holocausto**. Já Hugo Chávez foi aluno de um estudioso argentino do Holocausto que por sua vez foi aluno do professor Robert Faurisson. Tal fato levou a mídia sensacionalista às alturas: "Chávez nomeou o argentino Norberto Ceresole, um aluno do papa dos revisionistas, Faurisson, como seu conselheiro." [*Die Welt*, 23 de março de 2006, pág.8]

Hugo Chávez parece compartilhar da opinião do presidente do Irã sobre a veracidade do Holocausto judeu, pois justamente na ocasião do Natal, ele liberou o canal judaico na televisão estatal, causando um mau estar geral, principalmente quando ele afirma logo em seguida: "E Chávez ainda consegue se superar quando ele justamente em sua Mensagem de Natal, acusa os judeus de assassinos de Cristo, os quais teriam acumulado para si as riquezas do mundo. [*Die Welt*, 23 de março de 2006, pág.8]



Hugo Chávez e o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad

Inacreditavel 17 5 2006

[http://www.inacreditavel.com.br/mundo/nacionalismo\\_indigena.html](http://www.inacreditavel.com.br/mundo/nacionalismo_indigena.html)

NA ESCALA DE VALORES

## "O Holocausto é um mito"

Em 14 de dezembro de 2005, o presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, pronunciou ao vivo pela televisão: "Eles inventaram um mito de que os judeus foram massacrados e colocam isso acima de Deus, religiões e profetas".

O que levaria o presidente de uma nação a declarar que o holocausto não existiu?

Por que este tema ainda gera tamanha controvérsia? E não somente por parte daquelas pessoas que, de uma maneira ou outra, tenham se envolvido com os judeus, como é o caso dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, ou agora com os povos muçulmanos, mas também pessoas de outras nacionalidades como os franceses, americanos, italianos e outros povos?

Quando constatamos ainda por cima que pessoas estão sendo presas na Europa pelo simples fato de acreditarem e divulgarem que o holocausto não existiu, como é o caso de Zuendel, Rudolf, Verbecke e Irving, fica aqui a indignação e, novamente, o questionamento sobre quem está articulando e se aproveitando desta agressão à liberdade de expressão do pensamento individual.

Quem se interessa ainda nos dias de hoje pelo *Shoa*, também chamado Holocausto? Por que se interessar por esse horrível tema? Não seria melhor deixá-lo descansar em paz?

Para tentar responder a essas indagações, nós devemos estar cientes da posição tomada pelo Holocausto na escala de valores do mundo ocidental. Relacionados com o Holocausto, existem hoje diversos

- Museus
- Memoriais
- Feriados
- Pronunciamentos
- Livros
- Revistas
- Artigos e manchetes em jornais
- Palestras e Conferências
- Departamentos em Universidades
- Documentários e filmes de entretenimento
- Leis criminais, processos criminais, censura...

Numa escala de valores, não se estaria tão errado ao se afirmar que o Holocausto é um dos temas históricos mais importantes. Não pela hipótese de assim se parecer correto, mas pela análise factual dos valores ocidentais, pois chegamos à conclusão de que o Holocausto representa um ponto zero absoluto dos valores morais; como o marco zero do mau absoluto. Compartilha também desta opinião o diretor do Museu do Holocausto nos EUA, Michael Berenbaum, quando ele relatou em 2000, no *Fórum Internacional sobre o Holocausto*, em Stockholm:

"Eu observo as pessoas jovens na sociedade relativista em sua busca por um padrão absoluto para a Moral e os Valores. Agora eles podem considerar o Holocausto como um desenvolvimento transcendental do relativismo para o absoluto, onde o Holocausto representa o mau absoluto; eles encontram desta maneira um importante fundamento."

Poderíamos entrar na discussão sobre questões teosóficas fundamentalistas referente ao "mau absoluto", porém, a questão moral é subjetiva a cada um de nós e não é o tema desta exposição, pois aqui nos restringiremos somente aos fatos. Perguntas serão colocadas e respostas serão pesquisadas. Questões de fé ficam por conta de cada um dos leitores!

<http://www.inacreditavel.com.br/historia/holocausto.html>

NÃO SE PODE AFIRMAR COM CERTEZA

## Desde quando sabemos do Holocausto?

O aparecimento de um "mito"?

### Inacreditável

A definição do termo Holocausto judeu não está livre de ser tachada de subjetiva; interessante, porém, é saber quando a opinião pública mundial tomou conhecimento que seis milhões de judeus da Europa Central e Oriental estavam ameaçados de morte ou já haviam sido parcialmente exterminados.

Um resposta espontânea seria no IMT - Tribunal Militar de Nuremberg, ou seja, por volta de 1946. De fato, parece ser uma resposta coerente, pois uma ampla averiguação somente foi possível com o término do conflito. Analisemos, todavia, a situação como um todo.

Uma análise dos protocolos do Tribunal de Nuremberg [1] resulta que o número de seis milhões fixado naquela época não se baseava em qualquer levantamento estatístico populacional ou na avaliação das pistas materiais do crime investigado, mas sim, dos depoimentos sobre terceiros por parte de dois burocratas alemães da SS. Um deles, o de Wilhelm Höttl [2], foi apresentado na forma escrita, e o outro, de Dieter Wisliceny [3], foi apresentado em testemunho. Wisliceny nunca foi, curiosamente, exposto a uma acareação. Ambas as testemunhas afirmaram que tinham escutado de Adolf Eichmann a cifra de seis milhões, cifra esta desmentida por Eichmann em seu processo em Jerusalém, em 1961 [4].

Tanto Höttl, assim como Wisliceny, eram acusados devido às respectivas participações no processo de deportação dos judeus para Auschwitz. Em decorrência de seus testemunhos, eles passaram a ter uma momentânea sobrevida. Enquanto Eichmann e Wisliceny foram condenados e executados anos depois, Hoettl nunca mais sofreu qualquer processo jurídico, embora ele estivesse também bastante envolvido com a deportação dos judeus. Aparentemente, trata-se aqui de um acordo entre as partes como retribuição aos serviços prestados, o que não ocorreu com Wisliceny. Comparando-se a autobiografia de Höttl [5] com seu depoimento, nota-se claramente várias contradições com as informações fornecidas naquela época [6].

Não se pode afirmar com certeza que alguns depoimentos prestados junto ao IMT tenham sido assim feitos com objetivo principal de "salvar a pele" de cada um dos suspeitos/acusados. Porém, devemos ter em mente que bastava ser membro de determinadas organizações intituladas *a priori* como criminosas (a SA ou a SS), para que essas pessoas já fossem no mínimo consideradas "testemunhas obrigatórias".

Retornando ao aparecimento da cifra de seis milhões, o historiador inglês David Irving relata em sua monografia sobre o Tribunal Militar de Nuremberg [7], que líderes sionistas já em junho de 1945, ou seja, logo após a rendição incondicional do exército alemão, divulgaram em Washington o número concreto de vítimas judaicas - seis milhões naturalmente -, embora fosse impossível conseguir qualquer levantamento estatístico populacional na Europa em caos.

Teriam aqui as organizações sionistas um quadro claro da situação, fruto de uma boa relação com os grupos judaicos locais? Um ano antes do aparecimento do livro de Irving, o historiador alemão Joachim Hoffmann, que trabalhou várias décadas para o departamento de história do exército alemão, descobriu que já em dezembro de 1944, o chefe da propaganda soviética, Ilja Ehrenburg, tinha deixado vaziar na imprensa estrangeira a cifra dos seis milhões [8].

Wilhelm Höttl, por sua vez, encontrou um artigo na *Reader's Digest* de fevereiro de 1943, onde há menção sobre o assassinato de no mínimo três dos seis milhões de judeus ameaçados por Hitler. Pra mostrar que isso não era simplesmente um caso isolado, seguem algumas manchetes do jornal *The New York Times*, referente aos anos de 1942 e 1943 [9]:

**13 de dezembro de 1942**, pág.21:

*"...relatórios confirmados indicam 2.000.000 de judeus, os quais foram massacrados por meio de todo tipo possível de barbárie satânica, e dentro do plano de extermínio completo dos judeus que os nazis estão conseguindo pela metade. O abate de um terço da população judaica na área de domínio de Hitler [3x2.000.000=6.000.000] e a ameaça de abate de todos é um **Holocausto** sem paralelo".*

**20 de dezembro de 1942**, pág.23:

"O que acontece com os 5.000.000 de judeus da Europa ocupada pelos alemães, os quais estão ameaçados de extermínio [...] o número de vítimas judias alcançou agora a cifra assustadora de 2.000.000 [...] 5.000.000 estão ameaçadas do perigo do extermínio [...]". [2+5=7 milhões]

**02 de março de 1943**, pág.1, 4:

"[Rabino Herz disse] *para salvar os 6 milhões de camaradas judeus [...] que consigam se salvar do abate nazista [...]*".

**10 de março de 1943**, pág.12:

"[...] 2.000.000 de judeus que foram assassinados na Europa. [...] Os 4 milhões que estão lá para morrer, estão sendo assassinados segundo um plano". [2+4=6 milhões]

**20 de abril de 1943**, pág.11:

"Dois milhões de judeus foram liquidados [...] outros cinco milhões estão ameaçados [...]". [2+5=7 milhões]

Portanto era presumível que se soubesse que seis milhões estavam ameaçados, pois com bastante segurança conhecia-se quantos judeus moravam naquela região ocupada posteriormente pelas tropas alemãs.

**Nós poderíamos então concluir que a origem do número de seis milhões não se firma na comprovação do número de vítimas, mas sim na hipótese de que todos os judeus que se encontravam na área dominada pelo Terceiro Reich estavam ameaçados de morte.**

Curioso, porém, é uma citação de uma época na qual os judeus estavam sob o julgo de Hitler e ninguém imaginava uma situação de guerra e uma vitória da Alemanha, a saber, no ano de 1936.

Neste ano, o presidente da Organização Sionista Mundial, o sr. Chaim Weizmann, foi ouvido pela *Comissão Peel* a respeito de uma divisão da Palestina. Em seu discurso, Weizmann afirma que seis milhões de judeus se encontram na Europa, em uma espécie de cárcere, e não são desejados [10]. Aqui nós temos novamente um quadro da população judaica na Europa, incluindo a antiga União Soviética. Em 1936, somente na Alemanha e na Polônia existia uma política radical e antisemita, sendo que ambas as nações abrigavam cerca de 3 milhões e meio de judeus. O restante 2 milhões e meio mencionados por Weizmann não situavam-se em alguma forma de prisão de judeus. Poder-se-ia argumentar que os judeus soviéticos não estavam livres, mas sua repressão fazia parte da política totalitária da antiga União Soviética, não especificamente visando os judeus.

Para aqueles que se apressam em justificar o pleito de Weizmann devido a uma repressão sim na antiga União Soviética, isto não pode servir de argumento diante da *Comissão Peel*. Caso esta repressão fosse um motivo para a obtenção da Palestina, ou seja, para remover os árabes ali estabelecidos a mais de mil e quinhentos anos, o que fazer então com os cristãos, ucranianos, alemães, georgianos, mongóis, entre outras minorias reprimidas na União Soviética? Também distribuir uma área palestina? Ou uma outra parte do mundo árabe?

Fato é que Weizmann utilizou o impressionante número de seis milhões de judeus reprimidos para atingir seu objetivo político, seu objetivo sionista. Como nós sabemos, ele não conseguiu isso naquela época.

Como podemos verificar, Weizmann não mencionou um holocausto ou qualquer outra política de extermínio. Muitos poderiam alegar que tal termo surgiu somente durante a guerra. Mas qual guerra seria esta? Se você está pensando na Segunda Guerra, sinto em decepcioná-lo! A resposta correta é a Primeira Grande Guerra, conforme a pesquisa do autor norte-americano Don Heddesheimer que trouxe à luz do dia vários fatos interessantes [11]. Desde de 1915, vários artigos da imprensa americana (*The New York Times*) noticiavam que os judeus da Europa Central e Oriental estavam sofrendo com a Primeira Guerra Mundial. Durante os anos de 1919 e 1927, existiram intensas campanhas promovidas por organizações judaicas, arrecadando dinheiro a título de doações e com o objetivo de salvar a vida de cinco até seis milhões de judeus europeus. Vejamos algumas manchetes:

**04 de dezembro de 1926:**

"cinco milhões de pessoas passam fome [...] a metade dos judeus do mundo sofrendo de fome e doenças".

**21 de abril de 1926:**

"Este é o grito proveniente dos judeus europeus [...] um povo inteiro está morrendo [...]. Milhões de judeus estão em uma armadilha na Europa [...]".

**09 de janeiro de 1922**, pág. 19:

*"terror impronunciável e um crime interminável [...], que foi cometido contra o povo judeu. Dr. Hertz esclareceu que 1.000.000 de pessoas foram massacradas e que 3.000.000 de pessoas na Ucrânia foram obrigadas a vivenciar o terror do Inferno ao longo de três anos [...]"*.

**07 de maio de 1920**:

*"[...] sofrimento judeu na Europa Central e Oriental, onde seis milhões estão expostos à fome, às epidemias e à fome [...]"*.

**05 de maio de 1920**, pág. 9:

*"Para salvar a vida de seis milhões de mulheres e homens na Europa Oriental do extermínio através da fome e doenças."*

**05 de maio de 1920**, pág. 19:

*"Seis milhões de famintos e enfermas almas da Europa em guerra lançam um apelo a nós [...]"*.

**03 de maio de 1920**, pág. 11:

*"Sua ajuda é importante para salvar a vida de seis milhões de pessoas na Europa Central e Oriental."*

**03 de maio de 1920**, pág. 12:

*"Na Rússia e em países vizinhos, os judeus foram colocados em uma situação especial de perseguição insana [...] Estima-se hoje que mais de cinco milhões passam ou estão em vias de passar fome, e podem padecer sob uma epidemia de tifo que já atinge as populações vizinhas."*

**12 de novembro de 1919**, pág. 7:

*"inacreditável e trágica miséria, fome e epidemias para cerca de seis milhões ou a metade da população judaica da Terra [...] um milhão de crianças e cinco milhões de pais e idosos."*

**31 de outubro de 1919**, pág. 582:

*"Do outro lado do oceano clamam por ajuda seis milhões de homens e mulheres [...] seis milhões de pessoas. [...] Seis milhões de homens e mulheres morrem [...] em um iminente **holocausto** da vida humana [...] seis milhões de homens e mulheres famintos. Seis milhões de homens e mulheres morrem [...]"*

Aqui temos pela primeira vez na imprensa e de forma bastante perceptível, o vínculo da cifra de seis milhões com o termo Holocausto! Continuando com as manchetes, temos ainda:

**26 de outubro de 1919**, pág. 1:

*"4.000.000 de judeus famintos na Europa Oriental."*

**29 de setembro de 1919**, pág. 7:

*"6.000.000 de almas ou a metade da população judaica mundial em um estado inacreditável de miséria, fome e de saúde."*

**10 de agosto de 1917**:

*"Alemães deixam judeus morrerem. Mulheres e crianças de Varsóvia passam fome [...] mães judias, mães da misericórdia, estão felizes em ver seus filhos morrerem; pelo menos eles estão livres do sofrimento."*

Já aqui temos o vínculo da alegada desgraça dos judeus com o povo alemão. Mas tal manchete permanece na verdade como uma exceção, pois, na realidade, vários setores alemães durante a guerra e depois, ajudaram a distribuir o dinheiro das organizações judaicas para a Europa Oriental. A vinculação de supostos atos de barbárie dos alemães fazia parte da propaganda de guerra, a qual cessou logo após o término do conflito.

Desde então, assuntos pertinentes giravam em torno de supostas perseguições nos países do leste europeu. Neste contexto, o jornal *The New York Times* de 23 de maio de 1919, página 12, relata um suposto *Pogrom* contra os judeus poloneses, que traz consigo uma certa ironia do destino. A redação do próprio jornal duvidava da veracidade do artigo:

"Foi mencionado que alguns destes artigos provêm de fontes alemãs ou foram aumentadas por elas, com o objetivo claro de desacreditar os poloneses perante seus aliados, com a esperança de que a Alemanha tire vantagem disso. A Alemanha pode estar envolvida na divulgação deste boato, pode tê-lo inventado, embora teria sido um terrível golpe baixo envolver tantas pessoas em tal objetivo [...]"

**Vemos que segundo o *New York Times*, afirmações falsas sobre o sofrimento judeu devem ser vistas como terríveis.**

Continuando a seqüência de manchetes:

**22 de maio de 1916**, pág. 11:

"Do restante 2.450.000 judeus na Polônia, Lituânia e Letônia, permanecem 1.700.000 e deste total, encontram-se 700.000 em estado permanente de emergência."

Em 1916, apareceu um livro intitulado *The Jews in the Eastern War Zone* (Os judeus na zona oriental da guerra) que tratava do suposto sofrimento dos judeus europeus. Foram distribuídos 25.000 exemplares deste livro para pessoas importantes da vida pública americana [12]. Nele afirma-se que a Rússia teria transformado uma vasta região em um gigantesco campo de prisioneiros, onde seis milhões de judeus seriam obrigados a viver na miséria, sob a permanente ameaça de massacres, sem direitos e sem assistência social [13]:

"Uma espécie de prisão com seis milhões de prisioneiros, vigiada por um exército de guardas corruptos e brutais."

*The Jews in the Eastern War Zone* foram citados exaustivamente por outras fontes, como por exemplo o *New York Times*. As manchetes apresentadas até aqui sobre o sofrimento de seis milhões de judeus durante a Primeira Guerra Mundial, provêm do primeiro ano da guerra:

**14 de janeiro de 1915**, pág. 3:

"Existem no mundo atualmente cerca de 13.000.000 de judeus, dos quais mais de 6.000.000 vivem no coração da zona de guerra; judeus cujas as vidas estão por um fio e estão expostos hoje a todo o tipo de sofrimento e penúria [...]"

Voltando ainda mais um pouco no tempo, temos a declaração do rabino Stephen Wise durante uma Congregação judaica nos EUA [14]:

*Existem 6.000.000 de argumentos vivos, sangrentos e sofridos, para o sionismo."*

Como podemos perceber, parece haver uma mística em torno do número de seis milhões de judeus; uma espécie de obsessão. De fato, tal número, segundo Benjamin Blech, refere-se aos relatos de uma antiga profecia judaica, a qual reza que o retorno dos judeus à *Terra Prometida* se daria após a perda de seis milhões de pessoas [15].

Nós não devemos esquecer que mediante à *Declaração de Balfour*, o território palestino foi prometido aos judeus pelos ingleses, durante ainda a Primeira Guerra Mundial. A propaganda resultante foi aquela aqui apresentada e tomamos por base o jornal *The New York Times*, pois ele também gozava àquela época do prestígio atual e não temos conhecimento de nenhum jornal cujo arquivo fora minuciosamente pesquisado. Finalmente, vale mencionar que este jornal era propriedade de judeus e neste contexto, citamos o famoso chefe de redação do jornal naquela época, Max Frankel [16]:

"Nesta atmosfera [do anti-fascismo] assim como no sentimento de culpa dos não-judeus devido à exploração do Holocausto, encorajaram-se os judeus de minha geração em se imporem culturalmente, olharem com orgulho suas origens, encontrar inspiração literária em suas raízes e se deleitar com a ressurreição de Israel. [...]"

*Ao invés de me dedicar aos ídolos e paixões, voltei-me para as palavras e argumentos, fazendo parte de uma invasão verbal e desavergonhamente judaica da cultura americana. Eu estava particularmente satisfeito que o pior do pesadelos dos anti-semitas tinha tornado-se verdadeiro: inspirados em nossa herança de guardiões do Livro, criadores das Leis e contos de história superiores, os judeus na América conseguiram uma influência substancial nas universidades e em todos os meios de comunicação.*

[...] *Dentro de poucos anos após Punch* ["Punch" Sulzberger, proprietário do NYT] *obter o posto de chefe, iniciou-se uma era onde não somente o Chefe de Redação - A. M. Rosenthal, mas sim todos os redatores, impressos com destaque no jornal, eram judeus. Na sala dos fundos da redação, essa situação era descrita, sob a áurea de um copo de vodka, como sendo uma situação que carecia de diplomacia, mas que mudou gradualmente, sem cotas para cristãos.* [...]

*O Times não padeceu por muito tempo sob seu desejo secreto em superar ou negar suas raízes."*

A parcialidade fica claramente demonstrada aqui. A origem da cifra de seis milhões, a qual hoje em dia é utilizada como "cifra simbólica" até por historiadores de renome em relação ao holocausto da Segunda Guerra Mundial [17], não se baseia originalmente em qualquer estudo científico sobre as perdas da população judaica. Não devemos nos surpreender, portanto, que estatísticos mundialmente reconhecidos notem que o número de vítimas está longe de ter sido esclarecido [18].

[1] [Bd. XII, pág.377; Bd. XIII, pág.393; Bd. XIX, pág.405, 418, 434, 467, 611; Bd. XXI, pág.530; Bd. XXII, pág.254, 538]

[2] [IMT, Bd. III, pág.569; Bd. XI, pág.228-230, 255-260, 611; Bd. XXII, pág.346; Bd. XXXI, pág.85-]

[3] [IMT, Bd. IV, pág.371]

[4] [R. Aschenauer, *Ich, Adolf Eichmann*, Druffel, Leoni 1980, pág.460-, 473-, 494]

[5] [Wilhelm Höttl, *Einsatz fuer das Reich*, S. Bublies, Koblenz 1997]

[6] [G. Rudolf, *Wilhelm Höttl - uma dileitante testemunha histórica*, VffG-Vierteljahreshefte fuer freie Geschichtsforschung, 1(2) 1997, pág.116-]

[7] [D. Irving, *Nuremberg.. The last Battle* Focal Point, Londres 1996]

[8] [J. Hoffmann, *Stalins Vernichtungskrieg 1941-1945*, 5ª edição, Herbig, Munique 1999]

[9] [citados inicialmente por Arthur Butz, *The Hoax of the Twentieth Century*, Historical Review Press, Brighton 1976]

[10] [Thomas Mann, *Sieben Manifeste zur jüdischen Frage*, Jos. Melzer Verlag, Darmstadt 1966, pág.18]

[11] [Don Heddesheimer, *Der Erste Holocaust. Jüdische Spendenkampagnen mit Holocaust-Behauptungen em Erste Weltkrieg und danach*, Castle Hill Publishers, Hastings 2004]

[12] [Nathan Schachner, *The price of Liberty. A History of the American Jewish Committee*, The American Jewish Committee, New York 1948, pág. 63]

[13] [The American Jewish Committee, *The Jews in the Eastern War Zones*, The American Jewish Committee, New York 1916, pág. 19]

[14] [*The New York Times*, 11 de junho de 1900, pág. 7]

[15] [Benjamin Blech, *The Secret of Hebrew Words*, Jason Aronson, Northvale, NJ, 1991, pág. 214]

[16] [Max Frankel, *The Times of My Life with The Times*, Random House, New York, 1999, pág. 400]

[17] [Afirmção de M. Broszat, perito no Tribunal Popular, Frankfurt, 3 de maio de 1979, Az. Js. 12 828/78 919 Ls.]

[18] [Palestra do Prof. F.H. Hankins, presidente da Associação americana para Estudos Demográficos, *The Journal of Historical Review*, 4(1) (1983) Página 61-81 - [http://www.ihr.org/jhr/v04/v04p-61\\_hankins.html](http://www.ihr.org/jhr/v04/v04p-61_hankins.html)

*Inacreditável*

[http://www.inacreditavel.com.br/historia/desde\\_qdo\\_sabemos.html](http://www.inacreditavel.com.br/historia/desde_qdo_sabemos.html)

NA SINAGOGA DE TURIM

### **Um capítulo de sua reflexão sobre os direitos humanos: o texto "Quinze anos depois" e seus desdobramentos (Bobbio)**

**Celso Lafer**

No percurso intelectual de Norberto Bobbio, os direitos humanos são um tema de primeira plana. Na sua reflexão valeu-se do método de aproximações sucessivas e, de maneira multidisciplinar, dos conceitos dos diversos campos a que se dedicou. Por esta razão, no seu trato da matéria, explicitamente convergem o grande teórico do Direito, da Política e das Relações Internacionais, não faltando também o intelectual militante que se dedicou a salvaguardar a cultura dos fanatismos políticos. [...]

"Quinze anos depois" é o texto do discurso pronunciado por Bobbio na sinagoga de Turim no dia 10 de janeiro de 1960, em uma manifestação de solidariedade à comunidade judaica. Foi publicado em *Risorgimento*, X, nº 1, gennaio 1960, pp. 8-9 e republicado em *Rassegna mensile di Israel*, junho de 1974. Traduzido para o português, foi publicado com uma apresentação minha na *Revista USP* nº 61 (março-abril-maio 2004, pp. 223-231). Esta apresentação, assim como a minha intervenção no XXII Congresso Mundial de Filosofia do Direito e Filosofia Social realizado em Granada, Espanha, na mesa-redonda em homenagem a Bobbio, publicada em *Doxa - Cuadernos de Filosofía del Derecho*, 28 (2005, pp. 81-89) são os pontos de partida deste artigo.

Recebi a separata da republicação de 1974 de "Quinze anos depois" do próprio Bobbio na sequência do nosso contacto pessoal que teve início por ocasião de sua viagem ao Brasil, em 1982. "Quinze anos depois" é um texto muito relevante no trato por Bobbio do horror e da perplexidade diante da descartabilidade do ser humano engendrada pelo racismo do totalitarismo nazista que impulsionou a positivação, no plano internacional, do "direito a ter direitos", para falar com Hannah Arendt. É nele que Bobbio discute o Holocausto com o rigor e a profundidade que caracterizam sua obra, na qual mesmo o falado é sempre " *un parlato scritto e riscritto*", como apontado em diálogo com Pietro Polito (2).

Neste texto, Bobbio empenha-se em pensar o Holocausto como uma das grandes questões da política e dos direitos humanos do século 20. O genocídio premeditado e organizado, conduzido pelo regime nazista diz ele, "é um fato único na história, o maior delito até agora realizado por homens contra outros homens" (3). Neste sentido, Bobbio, em 1960, antecipa a tese sustentada por Hannah Arendt em *Eichmann in Jerusalem*, publicado em 1963, revisto em 1964, de que o Holocausto é, pela natureza e escala, um crime sem precedentes e sem antecedentes (4). Nada há, lembra Bobbio, que se compare com o genocídio organizado e premeditado: "Entre o horror da guerra e o horror do genocídio, ainda que não houvesse uma diferença de quantidade (mas seis milhões de mortos são uma quantidade desmesurada), existe uma diferença de natureza: a guerra é a eterna luta do homem contra o homem, conduzida por meios violentos, os homens que se tornaram lobos famintos que se devoram uns aos outros; a guerra pode também conduzir ao extermínio, mas o seu fim é a vitória, não o extermínio. *No genocídio organizado e premeditado o extermínio foi o fim em si mesmo*" (5) (grifos do autor).

Lembro que Bobbio reitera esta visão do genocídio também num discurso pronunciado na sinagoga de Turim em 13 de maio de 1990, publicado inicialmente no jornal *La Repubblica* de 17 de maio de 1990 com o título "I barbari dei Lager possono tornare...", portanto, no ano da publicação da primeira edição de *A era dos direitos*. É neste livro que Bobbio, como acima apontado, chama a nossa atenção para a Convenção da ONU para a prevenção e repressão do crime de genocídio de 1948 e também para a Convenção da ONU de 1965 para a eliminação de todas as formas de discriminação racial como exemplos do problema de especificação. Estas Convenções são uma resposta do Direito à escala sem precedentes da presença do mal ativo no mundo.

O Holocausto suscita outra grande questão discutida por Bobbio e que pode ser qualificada como integrando o tema arendtiano da ruptura. Em outras palavras, a dificuldade de encontrar, nas tradicionais categorias do pensamento, uma explicação aceitável para o genocídio - que é um dos componentes do ineditismo histórico do totalitarismo.

Animo-me a fazer esta aproximação porque o tema da ruptura é um dos que tratei no meu livro de 1988, *A reconstrução dos Direitos Humanos, um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*, que Bobbio conhecia e, para meu desvanecimento, a ele se referiu com generosidade em *A era dos direitos* (6). Diz Bobbio, a propósito da ruptura: "Uma das razões do horror que o genocídio nazista continua a suscitar em mim é o fato de não haver uma explicação, quero dizer uma das explicações das quais se servem habitualmente os historiadores para inserir um fato em um contexto mais geral, como os interesses econômicos, o desejo de poder, o prestígio nacional, os conflitos sociais, as lutas de classe, as ideologias... não conseguir explicar sua razão em termos dos habituais motivos humanos o torna mais medonho" (7).

Bobbio reitera, igualmente, este tema da ruptura, no discurso acima mencionado de 13 de maio de 1990 na sinagoga de Turim, publicado em *La Repubblica* de 17 de maio de 1990: "O genocídio dos judeus é um delito premeditado, anunciado nos escritos dos nazistas e escrupulosamente, cientificamente executado. Se destrói o inimigo para ganhar a guerra. Porém o massacre dos judeus - para que devia servir? - Para que serviu? Nas minhas categorias de historiador e de homem de razão não encontro uma resposta a estas perguntas". (Tradução do autor):

[http://www.pavonerisorse.to.it/storia900/strumenti/scuola\\_di\\_base/testi\\_bobbio.rtf](http://www.pavonerisorse.to.it/storia900/strumenti/scuola_di_base/testi_bobbio.rtf)

[...] Já a responsabilidade coletiva, aponta Hannah Arendt no texto acima mencionado, tem outra característica. É política e envolve uma preocupação que não é com o próprio ser, mas com o mundo. Tem assim a dimensão grega e romana da virtude política da cidadania, na qual o critério é a

boa conduta para o mundo em que se vive.

É essa republicana responsabilidade política que Bobbio, levando em conta consciência e lembrança, assume na conclusão de "Quinze anos depois": "O nosso dever é afirmar que não há raças, mas homens; que o ódio racial é um dos mais terríveis flagelos da humanidade; que a expressão mais violenta do ódio racial foi o hitlerismo, compartilhado pela maior parte dos "bons patriotas" alemães; que a aparição de uma suástica é uma sombra da morte e em qualquer lugar que ela reapareça os homens de boa vontade, embora divididos em suas ideologias e interesses, estão empenhados em se reunir num pacto de solidariedade para apagá-la"(17).

Permito-me concluir este artigo sobre Norberto Bobbio com uma nota pessoal. Reli "Quinze anos depois" no início de 2003 e nele encontrei alento e inspiração quando me preparava para escrever um parecer submetido, na condição de *amicus curiae*, ao Supremo Tribunal Federal do Brasil a propósito do caso Ellwanger, no julgamento do *habeas corpus* 82424/RS. No *habeas corpus* esse editor de Porto Alegre, de assumida orientação nazista, procurou elidir a pena a que fora condenado, pelo crime da prática do racismo, em razão de sua conduta sistematicamente voltada para instigar o ódio racial por meio da publicação de obras anti-semitas, da denegação do fato histórico do Holocausto e da apologia do nazismo. Lembro que o revisionismo de Ellwanger é do tipo que Bobbio qualifica, em artigo de 1996, de negativo " *che nega, per spirito di parte, fatti accertati*", aludindo aos "historiadores" do tipo Faurisson para os quais se cunhou a categoria de revisionismo (18).

Neste *leading case* o STF concluiu o julgamento do *habeas corpus* em setembro de 2003 e confirmou, pela expressiva maioria de oito votos, a condenação de Ellwanger pelo crime da prática do racismo (19). Tanto no parecer quanto em artigos que escrevi sobre o assunto e em conferências e entrevistas dadas, recorri à Convenção para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio e à Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, cuja importância Bobbio sublinha em *A era dos direitos*. Vali-me também, e muito, da obra de Bobbio, sobretudo de *A era dos direitos* e de *Elogio da serenidade* (20), cabendo registrar que os Ministros do STF fizeram inúmeras referências a Bobbio nos seus votos, o que indica a ressonância da recepção de sua obra no Brasil. Foi o que relatei a Bobbio, em carta de 20 de outubro de 2003, com a qual encaminhei o artigo, publicado em *O Estado de S.Paulo* de 19 de outubro de 2003, em que celebrei os seus 94 anos com afetuosa admiração. Foi também isto o que tive a oportunidade de dizer a ele, de viva-voz, logo depois, em 30 de novembro de 2003, quando o visitei pela última vez em Turim, pois a solução do caso Ellwanger pelo STF, lastreada no Direito, obedeceu, no Brasil, a recomendação de Bobbio sobre a suástica como uma sombra da morte que cabe aos homens de boa vontade apagar num pacto de solidariedade.

Dáí, penso eu, a pertinência da discussão de "Quinze anos depois" neste artigo para **CULT**, pois se trata de resgatar a importância de um dos seus textos menos conhecidos. Acredito que Bobbio apreciaria este resgate, pois "Quinze anos depois" está em consonância com a sua sensibilidade em relação ao tema. Com efeito, num texto de 1978, Bobbio recorda a sua juventude em Turim, sua amizade com colegas judeus e seu relacionamento com Leone Ginzburg que considerava um irmão mais velho para, concluindo, afirmar: "Foi esta proximidade, que qualifiquei como uma afinidade eletiva em relação aos meus coetâneos, o que me fez sentir com particular intensidade, com uma sensibilidade quase mórbida, a infâmia da grande hecatombe de que os judeus foram vítimas durante a sangrenta dominação de Hitler na Europa" (21). (Tradução do autor)

#### NOTAS

1 - Cf. BOBBIO, *A era dos direitos*, nova ed., Rio de Janeiro, Campus, 2004, pp. 49-50, 54-56, 66-69, 78-79; BOBBIO, *Elogio da serenidade e outros escritos morais*, São Paulo, Editora da Unesp, 2002, p. 123, 180, 182-183.

2 - BOBBIO, Norberto, POLITO Pietro. *Il mestieri di vivere, il mestieri di insegnare, il mestieri di scrivere* - A colloquio in occasione dei novant'anni di Norberto Bobbio, Nuova Antologia, Fasc. 2211, luglio-settembre 1999, p. 43.

3 - BOBBIO, Norberto, "Quinze anos depois", *Revista USP* nº 61 (março-abril-maio 2004), p. 228.

4 - Cf. Celso Lafer, *A reconstrução dos Direitos Humanos - um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*, São Paulo, Cia. das Letras, 1988, cap. VI.

5 - BOBBIO, *Quinze anos depois*, in loc. cit p. 228.

6 - LAFER, Celso. *A reconstrução dos Direitos Humanos - um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt*, cit. cap. III e IV; BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*, cit. pp. 30-31.

7 - BOBBIO, Norberto, *Quinze anos depois*, in loc. cit. p. 229.

17 - BOBBIO, Norberto. *Quinze anos depois*, in loc. cit. p. 231.

18 - BOBBIO Norberto Bobbio, *Il dubbio e la ragione*, Turim, La Stampa, 2004, p. 85.

19 - Supremo Tribunal Federal, Revista Trimestral de Jurisprudência, vol. 188, nº 3, abril/junho de 2004, pp. 858-1082.

20 - Cf. LAFER, *A internacionalização dos Direitos Humanos, Constituição, Racismo e Relações Internacionais*, São Paulo: Manole, 2005.

21 - Ebrei di ieri e ebrei di oggi fronte al fascismo, *Il Ponte* - XXXIV n° 11-12, 30 novembro-31 dezembro 1978, pp. 1314-1318.

**Celso Lafer** é professor titular da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo  
<http://revistacult.uol.com.br/website/news.asp?edtCode=A85B859C-874F-8E37-1724-B875AA17F103&nwsCode=984A859C-773E-7E26-1623-B765A917E1F3>

## MARCOS MILIÁRIOS

%%%%%%%%% uma tendência revisionista

### Record lança livro sobre o outro lado da Guerra Civil espanhola

Agência EFE 20:05 26/07

A publicação no Brasil do livro *Enterrar os mortos*, de Ignacio Martínez de Pisón, oferecerá ao leitor uma visão menos romântica da Guerra Civil espanhola, afirma a editora que lançou a tradução da obra para o português nesta semana.

Martínez de Pisón conta a história de José Robles Pazos, um professor republicano que morre nas mãos do serviço secreto soviético, após ser acusado de trair o cambaleante regime democrático.

Esta passagem da Guerra Civil espanhola cativou os editores da Record, que decidiram traduzir e publicar o livro, recentemente agraciado com o prêmio Rodolfo Walsh de melhor obra de não ficção, concedido pela Semana Negra de Gijón.

"O livro oferece uma perspectiva diferente **que faz parte de uma tendência revisionista** da Guerra Civil", afirmou Luciana Villas-Boas, diretora editorial da Record, que também vai lançar um livro do historiador britânico Anthony Beevor sobre o mesmo assunto.

"As duas obras têm um enfoque crítico sobre o lado republicano em relação ao apoio da União Soviética", diz Villas-Boas, que reconheceu sua intenção de "querer acompanhar as novas tendências historiográficas com uma nova perspectiva da Guerra Civil espanhola, que até então idealizava os republicanos".

A editora afirmou que "também é importante ter a perspectiva dos crimes cometidos pelos comunistas".

Com a publicação, a intenção da Record é gerar um debate entre os potenciais leitores, "pessoas politizadas com a noção do que é o conflito ibérico, que podem ler o livro para julgá-lo positivamente ou para criticar o revisionismo que teria quebrado a vitória moral dos republicanos".

Lançado na Espanha pela Seix Barral, o livro de Ignacio Martínez de Pisón (Zaragoza, 1960) usa a narrativa histórica para contar a história de um professor espanhol de uma universidade americana que, com a Guerra Civil, retorna para seu país e apóia o Governo da República trabalhando como intérprete.

Sua relação com comandantes da União Soviética, por causa de sua função, fará com que tenha acesso à informação privilegiada, o que acabará causando sua morte pelas mãos dos serviços secretos soviéticos, o que segundo Villas-Boas constitui "uma história muito bonita, interessante e dramática".

[http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/cultura/2465501-2466000/2465555/2465555\\_1.xml](http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/cultura/2465501-2466000/2465555/2465555_1.xml)

%%%%%%%%% **DOSSIÊ: CONTRA O ESTADO**

**ÍNDICE:**

**Sobre Organização: As Gangues (dentro e fora do Estado) e o Estado como Gangue -**

**Jacques Camatte & Gianni Collu**

**Comunismo contra Democracia Fascismo & Antifascismo - Jean Barrot**

**Auschwitz: o Grande Alibi** Programme Communiste

**O Antifascismo como Forma de Adesão ao Sistema Contra a Democracia** - Grupo de Lucha Proletaria (Peru)

**Razões pelas quais o Estado precisa do terrorismo** - Proletários contra as máquinas

**A Democracia Direta é Realmente Possível?**- Echanges et Mouvement

**De Salvador Puig Antich e o M.I.L. Cone Sul: Contra a impunidade dos torturadores e assassinos**

**Contra o Mito dos Direitos e das Liberdades Democráticas Para Acabar com o Fascismo e com o Antifascismo: Luta de Classes**

<http://www.geocities.com/autonomiabvr/cestado.html>

## %%%%%% Correio

Saudações,

Venho por este meio anunciar a criação da lista de discussão do Grupo

DIRLIP, discussão aberta sem moderação, mas avisando desde já que a

lista será para curiosos e revisionistas, os provocadores serão banidos.

Os interessados devem enviar e-mail para [dirlip-subscribe@yahoogroups.com](mailto:dirlip-subscribe@yahoogroups.com)

Página da lista: <http://groups.yahoo.com/group/dirlip/>

Página do Grupo: <http://www.grupodirlip.org>

17 Jul. 2006

## %%%%%% exposição

### **Berlim recebe polêmica mostra sobre destino de deportados**

Agência EFE

17:25 10/08

Foi inaugurada hoje em Berlim "Caminhos forçados - Fuga e deportação na Europa do século XX", exposição que deseja ser global, mas que já começa sob suspeita de parcialidade em favor dos 15 milhões de refugiados alemães após o nazismo.

A exposição passa pelo genocídio dos armênios, em 1915, pela guerra na antiga Iugoslávia, passa pelo Holocausto judeu e, certamente, pelo destino dos alemães forçados a ir embora do Leste europeu como resposta ao horror do Terceiro Reich.

A exposição pretende documentar, em apenas três salas do Kronprinzenpalais (Palácio do Príncipe da Coroa) e basicamente através de textos, a tragédia de 80 milhões a 100 milhões de europeus expulsos de seus lares por causa de conflitos e de perseguição política.

Um projeto ambicioso, para um espaço reduzido e com indícios de propaganda para seus organizadores, a Associação de Deslocados Alemães.

A organização, cujo membro principal é a deputada conservadora Erika Steinbach, luta para erguer em Berlim um Centro Europeu sobre Deslocados, questão que o Governo de Gerhard Schröder rejeitou e que causa desgosto na Polónia e na República Tcheca.

Na época, o ex-chanceler afirmou que havia o perigo de concentrar a atenção na história dos deslocados europeus no caso dos alemães após o nazismo e esquecer qual foi a origem dos sofrimentos deles, ou seja, o nazismo.

Além disso, Schröder acreditava que um Centro Europeu sobre Deslocados não pode ser estabelecido em Berlim, como Steinbach pretende, pois poderia dar origem a equívocos entre responsáveis e vítimas do Holocausto.

A chanceler Angela Merkel não é totalmente contra o projeto de Steinbach - membro de seu partido União Democrata-Cristã (CDU) - e a inauguração oficial da exposição, na noite de hoje, ficará a cargo do presidente do Parlamento, o também conservador Norbert Lammert.

Além do debate sobre este Centro Europeu - que também envolveu correligionários social-democratas

de Schröder -, a mostra em si não é destinada a satisfazer as expectativas de muitos visitantes. Por um lado, é pequena e quase exclusivamente "textual", com instalações que pretendem explicar em cerca de quatro metros, por exemplo, todo o conflito dos Bálcãs. Os textos estão apenas em alemão, algo pouco habitual em uma exposição no centro turístico de Berlim e que também leva à conclusão de que se trata de uma mostra "para olhos alemães". Entre os poucos testemunhos em vídeo, como a explicação do Holocausto, está o caso de Georg Isakowitz, um judeu que emigrou para a Argentina em 1936. Ou seja, não um sobrevivente entre os milhões de deportados para Auschwitz ou outros campos nazistas, porém um dos que conseguiram fugir a tempo da Alemanha nazista. "Não queríamos uma exposição meramente emocional, mas séria", declarou Steinbach, que justifica ainda a abordagem escolhida, pelo fato de este ser um tema "muito amplo". Dos três espaços nos quais a mostra está dividida - "Europa", "Pátria" e "Caminhos Forçados" -, os dois últimos são os únicos que trazem algo além dos textos explicativos. É abordado neles aquilo que Steinbach queria evitar: As emoções. O visitante é apresentado ao elemento comum a todos os deportados, sejam ou não alemães: O sentimento de serem arrancados de seu lar para tomarem um caminho forçado. Steinbach, que na inauguração da mostra defendeu seu projeto do Centro Europeu, apresentou sua exposição diante das críticas da imprensa e cercada de panfletos no chão com o texto: "Contra o revisionismo histórico. Não ao Centro Alemão". Não se trata de a Alemanha de hoje não poder abordar o sofrimento de milhões de alemães expulsos, mas de fazer isto no contexto correto, explicava uma das pessoas que distribuíam os textos. Já em frente ao Kronprinzenpalais, do outro lado da Avenida Unter den Linden, o Museu de História da cidade recebe a exposição "Fuga, expulsão, integração", voltada também para o período do pós-guerra na Alemanha. Trata-se de uma mostra claramente emocional, que emociona o visitante e que, sem entrar em maniqueísmos, recorda a tragédia de um país em ruínas e com milhões de pessoas que perderam o seu lar.

[http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/cultura/2483501-2484000/2483573/2483573\\_1.xml](http://ultimosegundo.ig.com.br/materias/cultura/2483501-2484000/2483573/2483573_1.xml)

## %%%%%% edições

### Liberty Lobby, IHR, Revisão Editora

O Instituto Para a Revisão da História (The Institute for Historical Review - IHR) foi fundado em 1979, nos EUA, por Lewis Brandon (apelido usado por **William David McCalden** - já falecido), neofascista inglês que, em 1975, criou o Partido Nacional Britânico, uma dissidência do neonazista National Front. O IHR opera sob o abrigo da Legião para a Sobrevivência da Liberdade, uma corporação sediada no Texas. Atualmente é o carro-chefe do movimento para a negação do Holocausto. Sua sessão de fundação foi aberta por Willis Carto, que financiava a organização até 1994, quando perdeu o controle do IHR.

Entre os palestrantes da Convenção de Instalação do IHR, em 1980, destacavam-se o nazista sueco Swede Felderer (testemunha de Ernst Zundel (Canadá), no julgamento que condenou o último por publicar teses forjadas sobre o Holocausto) e Robert Faurisson, o mais conhecido "revisionista" francês. Zundel é o mentor intelectual de Siegfried Ellwanger, o maior divulgador do anti-semitismo no Brasil. Carto nasceu em 1926, em Indiana. Foi co-editor do *Right*, um boletim anti-semita que circulava nos anos 50, em São Francisco. Foi também diretor do ultra-direitista Congresso Para a Liberdade e organizador da Sociedade John Birch.

Carto é discípulo de Francis Parker Yockey, que vagou pela Europa e América do Norte nos anos 50, tentando criar um movimento subversivo nazista. Os dois encontraram-se apenas uma vez, em São Francisco, em 1960, quando Yockey estava na prisão aguardando julgamento por portar passaportes falsos. Depois do encontro, Yockey cometeu suicídio na sua cela, tomando cianeto. Carto dedicou-se a dar prosseguimento à missão de Yockey (salvar a civilização ocidental) registrada no livro *Imperium*, de 600 páginas, um texto de puro radicalismo nazista e historicismo spengleriano.

Carto acreditava nas idéias de Yockey, não em seus métodos. Em lugar de engajar-se em conspirações ineptas, concentrou-se na construção de um movimento político e desenvolveu uma ideologia populista. Discretamente, começou a vender exemplares de *Mein Kampf* e *Os Protocolos dos Sábios de Sião* pelo correio. Publicamente negava ser nazista ou anti-semita, apresentando-se apenas como "anti-sionista".

O IHR foi criado por Carto em 1979 para provar que o assassinato de seis milhões de judeus foi uma farsa inventada pelos sionistas. O Liberty Lobby, sediado em Washington, foi fundado em 1955. Seu tablôide semanal, *The Spotlight*, possui uma tiragem para assinantes de 200 mil exemplares (em 1981, a circulação chegou a 315 mil, caindo para 90 mil em 1991). Seus artigos atacam o imposto de renda, protestam contra as dificuldades de pequenos fazendeiros, e promovem curas mágicas para o câncer. Seus alvos políticos favoritos eram os Rockfellers, os Rothschilds, Henry Kissinger e a "entidade sionista" na Palestina. Publica também artigos sobre a Bíblia e os planos da Trilateral para dominar os EUA, além de ataques ao "comunistas" e elogios à KKK. Carto escreve muitos dos artigos com o pseudônimo de E. L. Anderson, PhD. É dele também a Noontide Press, distribuidora de uma lista ampla de livros anti-semitas e racistas. Carto é o fundador do Partido Populista, que nas eleições presidenciais de 1988 apresentou David Duke (líder da KKK) como candidato.

Em 1995, alguns diretores do IHR publicaram um apelo a seus colaboradores para uma campanha emergencial de arrecadação de fundos para o IHR no órgão de divulgação *Journal for Historical Review*. A razão da campanha teria sido os desvios de dinheiro feitos por Carto. O apelo provocou o afastamento de Carto do IHR. *O Spotlight*, jornal do Liberty Lobby, já havia se antecipado à crise e anunciado, em agosto de 1994, o lançamento do *The Barnes Review*, a nova publicação revisionista de Carto, destinada a competir com o Journal por leitores. O Liberty Lobby coopera com a Organização LaRouche desde 1978 (ver texto principal). Atualmente, Carto disputa na Justiça o controle do IHR contra o grupo liderado por Greg Raven. No Brasil, a Editora e Livraria Revisão, de Siegfried Ellwanger, oferece a maior parte dos títulos editados pelo IHR, desde 1989.

[http://paginas.terra.com.br/noticias/mjdh/tela7\\_larouche.html](http://paginas.terra.com.br/noticias/mjdh/tela7_larouche.html)

=====

É livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o autor e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.

«Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.»

Artigo XIX, **DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS**, Paris, 1948.

=====

Todos os textos e matérias contidas no site são de inteira responsabilidade e de propriedade intelectual e autoral dos respectivos autores e fontes e estão publicados somente com caráter informativo sem nenhuma finalidade comercial.

Informações do site AAARGH

<http://aaargh.com.mx/port/port.html>

<http://vho.org/aaargh>

<http://itek.ws/aaargh/port/port.html>

Para inscrever-se, e receber nossa revista : <reviluso --at-- yahoo.com.br>

**OUTRAS PUBLICAÇÕES TRIMESTRALES DA AAARGH**

< <http://revurevi.net> >

**Das kausale Nexusblatt**

**The Revisionist Clarion**

**Il Resto del Siclo**

**Conseils de Révision**

**El Paso del Ebro**

**Arménichantage**

**La Gazette du Golfe et des banlieues**

**TEMOS UMA BIBLIOTECA DOS 300 LIBROS**

REVISIONISTAS E ANTI-IMPERIALISTAS Gratis